

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Mamiani, Luiz Vincencio. 1877. *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Naçam Kiriri*. 2a. edição (com notas introdutórias de Batista Caetano de Almeida Nogueira). Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional.

Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/mamiani_1877_arte

O material contido neste arquivo foi disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso acadêmico individual.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

Créditos: arquivo fornecido por Françoise Rose (CNRS, França) e Dionei Moreira Gomes (UnB) em abril de 2007

A 6.537

ARTE
DE
GRAMMATICA
DA LINGUA BRAZILICA
DA NAÇÃO
KIRIRI

COMPOSTA

pelo p. Luiz Vincencio Mamiani,
da Companhia de Jesus, e missionario que foi
nas aldeas da dicta nação.

~~~~~  
SEGUNDA EDIÇÃO

publicada a expensas

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO.

— c + o —  
RIO DE JANEIRO

TYP. CENTRAL DE BROWN & ÉVARISTO  
28 Rua Nova do Ouvidor 28

1877

BIBLIOTHÈQUE  
PAUL RIVET

A 6537

## AO LEITOR

Os problemas de linguística que modernamente preocupam os sabios de todos os paizes estão reclamando o concurso das bibliothecas. Livros que em seu tempo passaram quasi despercebidos, e que cumprindo a sua missão de manuaes se-estragaram e quasi perderam com o uso,—vieram a ser em nossos dias um thesouro inestimavel pela cópia e authenticidade dos documentos que encerram, pela noticia de povos que a conquista extinguiu, e pela de linguas ou dialectos, que tambem desapareceram ou se-modificaram radicalmente ao contacto das nações civilizadas.

Por isso entra na categoria de bom serviço á sciencia a divulgação d'estes thesouros, onde ao naturalista se-deparam fartos materiaes de analyse. A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, que teve a invejavel fortuna de conservar

alguns d'estes livros de insigne raridade, cumpre pois uma das faces de sua missão civilizadora pondo desde já ao alcance dos especialistas a *Grammatica Kiriri* do padre Mamiani, de cuja primeira e unica edição não sabemos haja neste Imperio outro exemplar, além do que possui a mesma Bibliotheca.

Convicto d'esta idéa, e entusiasta dos estudos de linguistica publicou o illustrado sr. H. C. von der Gabelentz ha bons 25 annos uma traducção alleman da referida *Grammatica* sob o titulo de: *Grammatik | der | Kiriri-Sprache. | Aus dem Portugiesischen des P. Mamiani übersetzt | von | H. C. von der Gabelentz. | Leipzig: | F. A. Brockhaus. | 1852. || In-8.º, de 62 pp.*

Mas ésta versão está longe de satisfazer aos exigentes amadores, que sem dúvida preferirão o texto original do auctor, e aos proprios sabios que lhe-podem notar boa cópia de alterações e omissões. O sr. de Gabelentz, como quasi todos os traductores, não poucas vezes illudiu as difficuldades de sua empreza adulterando o texto; quando não pode traduzir, riscou.

A reimpressão que ora se-publica é pelo contrario fidelissima; não modificámos sinão a parte material da obra, gryphando todos os vocabulos kiriris para mais sabresaírem no texto,

e dispondo os exemplos á maneira de vocabulario para maior facilidade de estudo. A estes melhoramentos accresce que os leitores encontrarão aqui uma erudita Introduccão do illustre sr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, cuja proficiencia nestas materias só pôde ser egualada pela bondade com que promptamente accedeu ao pedido que lhe-fizemos de escrever um estudo comparativo e analytico sôbre o dialecto kiriri.

Não será ésta parte a menos interessante da publicação, até porque o estudo é novo em si e cheio do mais alto interesse para o conhecimento das tribus e das linguas americanas do sul.

Cumpro um sagrado dever agradecendo a s. s. em nome da Bibliotheca Nacional e das lettras patrias o relevante serviço, que se-dignou prestar-nos.

Ao presente volume compto succederá a reimpressão do *Cathecismo da doutrina christã na Lingua Brazílica da nação Kiriri* composto pelo mesmo padre Mamiani, —livro talvez ainda mais raro do que a *Arte de Grammatica*; por fim remataremos o que respeita a este dialecto dando como complemento das duas obras referidas um *Vocabulario* completo, que não será difficil organizar-se. Assim não faltem a ésta Bibliotheca os

recursos, de que ella actualmente dispõe, filhos da intelligente sollicitude do Estado, e prova cabal de que o Governo do Brazil sabe honrar as lettras animando-as, e prestando-lhes o appoio official, que ellas não dispensam em parte alguma do mundo civilizado.

Rio, 5 de Agosto de 1877.

*Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão*

Bibliothecario.

*Illm. Sñr.*

*Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão*

Tractando de cumprir a tarefa, que v. s. teve a bondade de confiar ás minhas fracas forças, empenho nisso todo o cabedal, de que posso dispôr, envidando na execução a melhor bôa-vontade. Si não prestar, não será por falta de esmero, nem por falta de sincero estudo; será por mera impossibilidade de corresponder ao que naturalmente v. s. desejára, quando se resolveu, em beneficio dos cultores dos estudos linguisticos, a reimprimir a grammatica da lingua KIRIRI, escripta pelo padre Mamiani.

Exceptuando o que existe a respeito da chamada LINGUA GERAL OU BRASIL (TUPI OU GUARANI e que V. S. sabe ser preferivel denominar ABAÑEËNGA como a chamañ os que a fallam) quasi nada mais se encontra a respeito das outras linguas que se diziam numerosas no territorio brasileiro. Ha alguns vocabularios, muito deficientes, em geral muito curtos, e

mais nada. Uma bôa parte desses vocabularios, o maior numero, foi colleccionado pelo sabio dr. von Martius, e no 2.º volume da sua obra *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens*, sob o titulo de *Glossaria linguarum Brasiliensium* se acham reunidos, n'uma tal ou qual ordem por familias, cerca de 80 vocabularios sem contar os da familia TUPI e o GALIBI e seus connexos.

De grammaticas nada absolutamente existe. Constitue verdadeira excepção a grammatica da LINGUA KIRIRI do padre Mamiani, e v. s. presta verdadeiro e bom serviço aos estudos linguisticos, reimprimindo essa *raram nantem reliquiam* das linguas dos primitivos incolos do Brazil. Afóra essa grammatica só temos noticia de algumas observações grammaticaes sobre a LINGUA DOS BOTOCUDOS pelo antigo commandante dos Indios, o coronel Thomaz Guido Marliere, que, pela maneira com que se houve com as tribus (dictas) mais ferozes dos nossos sertões, bem-inereceu da humanidade.

Com essa deficiencia de grammaticas, e com a escacez e pobreza dos vocabularios existentes é impossivel decidir se difinitivamente eram tão numerosas, como dizem, as linguas falladas pelos aborigenes do Brazil, ou se de facto todas ellas se poderiam reduzir a meros dialectos de muito poucas linguas matrizes.

É expressivo o seguinte trecho de Gonçalves Dias, e citando-o ficam implicitas outras citações, (Tomo XXX da *Revista do Inst. Hist.* pag. 45):

« Era a primeira differença (entre os TUPIS e TAPUYAS) a linguagem de que usavam, se não eram diferentes dialectos e tão variados entre si, que chegaram a ser numerados pela sua diversidade. Os TA-

PUYAS são muitos, disse o auctor da *Noticia*: dividem-se em nações quasi innumeraveis, lê-se na *Vida do Padre João de Almeida*; mas quando querem precisar de alguma fôrma a sua quantidade, calculam uns as differentes nações em 69 e outros em 76. Contam mais de 100 linguas, escreveu o auctor das *Noticias curiosas*, e todavia referindo-se a informações dos indigenas eleva esse numero a 150. E tanto discrepam neste ponto que só no Amazonas reputou o padre Manoel Rodrigues haver esse numero de 150 nações; e mais de um seculo depois o padre Vieira suppunha existirem ainda nesse rio 700 nações! »

Mas já o abbade Hervás, não obstante apresentar na sua obra uma lista de 51 nações ou linguas do Brazil que se diziam distinctas, e mais ou menos diversas da LINGUA GERAL, tinha emittido a asserção de que em ultima analyse as linguas matrizes se reduziam a 4: ARAUCANA, GUARANI, KECHUA e KARIBE.

No meu modo de vêr, permitta-me v. s. dizel-o *currente calamo*, o KARAIWA não é, nem póde ser lingua matriz. Mediante algum estudo que della tenho feito, (e que sinto não ter podido aprofundar), ella se me apresenta como uma mistura extraordinaria de muitos dialectos de varia procedencia; é uma verdadeira gíria, amalgamada de diversos dialectos, que ora apresenta muitas phrases, de radicaes e vozes differentes, para exprimir a mesma cousa, ora absoluta falta de designação para outras cousas. É uma embrulhada tal, que apenas se póde comparar com o que se ouve em certos circulos do Rio de Janeiro, onde ao mesmo tempo, na conversação em portuguez, vai uma phrase em inglez, outra em italiano, um pedaço em hispanhol ou allemão, e tudo isso mais ou menos alinhavado de gallicismos.

Reduzidos os diversos idiomas fallados na America do Sul a 3 linguas matrizes, isto coincide até certo ponto com a divisão das raças feita por Alcide d'Orbigny, que distribue os povos primitivos do continente sul-americano pelos trez ramos que elle denominou: ANDO-PERUVIANO, PAMPEANO, BRASÍLIO-GUARANI.

Assim como essas trez raças, mixturando-se em diversos tempos e lugares e em condições differentes, produziram grande variedade de tribus e gentes, mais ou menos modificadas, até segundo as condições geographicas, do mesmo modo e parallelamente deviam desenvolver-se numerosissimos dialectos.

Ha porém uma consideração importante em relação ás trez linguas matrizes, e vem a ser que entre as trez linguas ARAUCANA, KECHUA, e GUARANI (que parece mais razoavel denominarem-se CHILIDUGU, KECHUA-CALLU E ABAÑEËNGA) existem mais affinidades do que entre qualquer dellas e certos dialectos ou linguas falladas no interior da America do Sul e nos sertões do Brazil; talvez o CHILIDUGU esteja entre meio do ABAÑEËNGA e do KECHUA-CALLU, e póde tambem ser este um descendente do CHILIDUGU. Asserções definitivas só poderiam ser emittidas depois de estudo comparado das trez linguas e depois de longuissimo labor; tudo porém induz a crêr que essas trez linguas se reduzem pelo menos a duas matrizes.

As linguas dos Patagões, Guaycurús, Moxos, Chiquitos e outros entretanto apresentam caracteres differentes das trez mencionadas que auctorizariam a supposição de um outro tronco de linguas differente. Si por ventura se reconhecesse que existiu essa terceira lingua matriz tornar-se-hia completa a coincidência

das linguas com as raças, reduzidas a trez por d'Orbigny.

Os linguistas condemnam, e com effeito não é de rigor, a opinião de que a mesma raça presupponha a mesma origem linguistica ou vice-versa. Mas na America do Sul apresenta-se o facto com bastante plausibilidade e é quanto basta.

Ainda mais do que isso. Essas trez linguas matrices apresentam, além de tudo, tal character de affinidade entre si, que não seria de admirar, que depois de profundo e aturado estudo, se reputassem provir de um mesmo tronco primitivo, mais ou menos modificado posteriormente em algum dos ramos principaes (por exemplo o KECHUACALLU) até por conquista de povo estranho. A grande differença dos dialectos ou linguas oriundas, bem consideradas as derivações e transformações, em nada invalidaria a procedencia de fonte commum. Por muito consideraveis que sejam as disparidades de dada lingua americana para com outra lingua americana, ellas não são jamais tão profundas como as que se dão actualmente entre o portuguez e o allemão, ou entre o hispanhol e o sueco, ou entre qualquer destas e o grego moderno ou o hindustani, que entretanto filiam-se todos ao grande tronco das linguas indo-européas.

Até mesmo o character das linguas americanas é tão pronunciado e distincto, que na sua maior generalidade os linguistas consideram esses idiomas como de typo especial, inteiramente diverso, por certa physionomia *sui generis*, das linguas do continente antigo.

E assim em relação ás linguas tambem será plausivel admittir-se um tronco commum donde proce-

dam todas ellas, justamente como em relação ás raças é accetivel o typo americano como inteiramente distincto do europeu, do africano, e do chim.

Sejam pois quaes forem os defeitos da classificação feita por Alcide d'Orbigny, na sua generalidade ella é justa, quer em relação ás raças, quer com respeito ás linguas. Dessem-se ou não dessem-se immigrações do mundo antigo em priscas eras, tivesse havido ou não contacto e influencia de outros povos sobre as tribus americanas, subsiste em pé o que quer que seja, que caracteriza o americano em relação ao filho de outras regiões, isto não só como individuo da familia humana, mas ainda como individuo pensante, que enuncia-se, falla de um feitio differente, por phrase onde em geral falta o verbo substantivo. Apreciados os factos como devem se-lo, si ethnographicamente outros characteres não distinguissem o *homem americano*, com toda a certesa o seu modo de formular e externar o pensamento é caracteristico e fundamental, e constitúe das linguas americanas um typo especial.

Sem concordarmos com muitas outras reflexões que apresenta von Martius a respeito dos primitivos incolos do Brazil no seu *Beitrag*, com elle entretanto repetimos aqui que « distinguem-no (o americano) de todo e qualquer outro povo da terra a estructura e os characteres physicos, porém muito mais ainda a constituição de seu espirito e do seu character moral. »

O sr. dr. Wappäus disse na sua grande e bem escripta obra sobre o imperio brasileiro:

« Os indios independentes (não civilizados do Brazil) se distribuem em numero extraordinariamente grande de gentes (povos) ou tribus e hordas, que com

tudo são conformes e parecidas umas com as outras em estrutura e conformação, em temperamento e character, em usos e costumes, e modos de vida; entretanto com respeito ás linguas apresentam dissimilhança verdadeiramente espantosa. »

O sr. dr. Wapäus (sempre cheio de criterio, porém muitissimo mais austero para comnosco, luso—americanos, do que para com os hispano-americanos, digamo-lo entre parentese), levado pela força da verdade reconhece a identidade dos americanos uns para com os outros, e só nega essa identidade em relação ás linguas. E isto faz o muito erudito e criterioso professor de geographia porque na parte ethnographica do seu precioso livro adstringiu-se mais particularmente ao que a respeito escreveu o sabio von Martius.

E nem podia ser de outra sorte. Exceptuando o que vem nas obras de Hervás, reproduzido depois no Mithridates e em outros posteriormente, eu não conheço trabalho algum de classificação dos indigenas da America do Sul a não ser a obra de Alcide d'Orbigny, que já os classifica segundo as raças e não sómente segundo as linguas como o fizera Hervás. Mas em relação ao ramo que elle denominou *Brasilio-guarani* é mais que conciso e limitado, porque, conforme elle proprio o declara, não tinha podido adquirir desse ramo conhecimento mais immediato.

Isto quanto aos incolas todos da America do Sul em geral. Quanto porém aos do Brazil, si não houvesse o *Beitrag zur Ethnographie und Sprachenkunde* de Martius, ainda hoje estariamos sem uma fonte a que recorrer para compendiarmos as diversas tribus e linguas, que existiram e ainda subsistem na vasta superficie do

imperio americano. Guiando-se pois o proficientissimo professor de geographia pelo trabalho de Martius, na classificação ethnographica dos incolas do Brazil, necessariamente devia reproduzir as opiniões do sabio fallecido botanico.

Antes de Martius nada de classificação dos indios do Brazil, que em geral eram e são differencados pela maioria dos escriptores em TUPIS e NÃO TUPIS. Gonçalves Dias reproduzindo a opinião geralmente acceita, e adoptando a denominação quasi sem discrepância admitida, comprehende sob o nome de TAPUYAS todas as tribus *não tupis*, ás quaes se attribuem tantas linguas quantas as tribus, ou quantas as hordas. A denominação até certo ponto seria admissivel; *tapyi* no ABAÑEËNGA significa adversario, e sendo os TUPIS, ou os que fallavam o ABAÑEËNGA, predominantes em todo o imperio, era natural que denominassem com o entonamento do *civis romanus* a todo e qualquer outro povo de *tapyi* (*hostis*). Mas por outro lado é inexactissima a expressão. Não só n'essa denominação, excessivamente generica, podiam comprehender-se gentes de caracteres e linguas muito differentes entre si, como tambem de facto foram incluidas outras que fallavam a LINGUA GERAL, que pertenciam portanto á mesma familia. Os TAPUYAS de que tracta Roulox Baro fallavam a LINGUA GERAL e pertenciam realmente ao tronco BRASÍLIO-GUARANI. A dicção *tapyi* tem extrema parecença com *tamui* ou *tamõi* que significa *avó*, e *Tamoyo* era o nome dado aos indios de Ganabara e Nyterói pelos seus inimigos de S. Vicente, Piratininga e Espirito Santo.

*Tapyi* e *tupi* serviriam para designar em ABAÑEËNGA o *gentio bravo* e o *gentio manso* conforme a maneira de

vêr beata dos padres Joboatam e Simão de Vasconcellos.

Assim é a Martius que se deve uma tal ou qual classificação dos incolas do Brazil, pois na sua ethnographia e glossarios compendiou ou procurou compendiar tudo quanto existia a respeito dos povos que a conquista européa veio catechisar, reduzir, dizimar e aniquilar.

Martius porém vinha eivado do espirito de divisão, e não sómente achou linguas diferentes em cada tribu com que lidou, ou cujos vocabularios transcreveu de outros escriptores, como chegou ao ponto de dividir e subdividir o ABAÑÊNGA ou LINGUA GERAL do Brasil e do Paraguay em muitos e distinctos dialectos, ou antes em muitas linguas. Com semelhante processo podiam suppôr-se muitas linguas francezas, muitas linguas italianas, muitas linguas allemãs, si acaso se considerassem como diferentes as linguas que se fallam na Provença ou na Normandia, em Napoles ou em Florença, em Berlin ou nas margens do Danubio.

Ainda mais von Martius chegou a crêr que a grande extensão e predomínio do ABAÑÊNGA, que lhe valeu a denominação de LINGUA GERAL, fôra pura e simplesmente devida á influencia das ordens religiosas com o fim da catechese. Lendo-se Martius, quasi que se crê que os jesuitas *inventaram* a LINGUA GERAL, isto é, tiveram poder não outorgado pelos linguistas (e pelo bom senso) ao mais poderoso despota.

Ha portanto ainda muito que dizer e que fazer em relação á classificação dos indigenas do Brazil, e a respeito das linguas ou dialectos por elles fallados.

Mas v. s. me chama á ordem, e me convida a

deixar-me destas generalidades para tratar da lingua KIRIRI, que é aquella cuja grammatica escreveu o padre Mamiani.

É ainda e só com Martius que temos de entender-nos, pois que só elle é que tentou reunir em familias as diversas linguas mencionadas pelos historiadores e viajores.

O sr. visconde de Porto-Seguro mesmo na sua *Historia geral do Brazil* considera principalmente a grande familia que fallava a LINGUA GERAL, e faz apenas menção muito perfunctoria das outras « tribus de nacionalidades differentes que no grande territorio..... formavam..... como pequenos oasis ilhados e sobre si. »

Para o sr. visconde de Porto-Seguro, assim como para Gançalves Dias e outros que escreveram dos indios do Brazil, os NÃO TUPIS eram TAPUYAS e ainda mais « afóra a lingua, nenhum character essencial nem corporeo os distinguia » diz s. ex.

Os TAPUYAS G. Dias entende serem do tronco PAMPEANO de Alcide d'Orbigny, os verdadeiros autochtones das regiões brazilianas, perpetuos inimigos dos TUPIS, a raça conquistadora, menos brutal e barbara, que mais ou menos os foi levando de vencida, e rebatendo. Discordando de Alcide d'Orbigny que faz marchar as gentes BRASILIO-GUARANIS do Sudoeste para Norte e Leste, elle o faz oriundo das regiões amazonicas, donde veio pela costa rebatendo os TAPUYAS.

Os TUPIS tinham uma só lingua com poucas variantes nos dialectos, e os TAPUYAS cada tribu cada lingua. G. Dias não faz classificação dos TAPUYAS, aponta apenas varias tribus como GOYATAKÁ, PAPANÁ, AYMOREÉ, MARIQUITO, PATACHO, PURI, etc, sem coorde-

na-los uns com os outros; e nada diz de preciso a respeito dos idiomas.

« Temos no Brasil, diz elle na pag. 373, duas raças, TUPIS e TAPUYAS, a primeira habitando o littoral e as margens dos grandes rios, a segunda o interior das terras. »

E no geral da obra *Brasil e Oceania* se occupa só quasi com os TUPIS.

Sob a denominação generica de GUCK ou COCO von Martius comprehende diversas tribus com certa affinidade entre si e nesse numero contempla os indios que elle chama CAIRIRIS, CAYRIRI, CARIRIS, KIRIRIS.

Eram indios do sertão do rio S. Francisco, cujas tribus se dissimilavam até os rios Curú e Acaracú no Ceará, em familias esparsas pela serra Borborema e as trez serras dos Cayriris (velhos, novos, e Cayriris proprios).

Comprehendidos nessa nacionalidade dos GUCK elle enumera :

- 1.º Os mencionados KIRIRI.
- 2.º Os SABUJÁ aldeados em missões jesuiticas á sul e a oeste da cidade da Bahia.
- 3.º Os PIMENTEIRA da serra e lagôa do mesmo nome e das cabeceiras do Piauhy e do Gorguea.
- 4.º Os GARAÑHUN da serra do mesmo nome em Pernambuco.
- 5.º Os CECOCE, HUAMOI, ROMARI da serra do Pão de Assucar e aldeados em Propihá.
- 6.º Os ACCONAN da Lagôa-Comprida a oeste de Penedo, aldeados no Collegio.
- 7.º Os CARAPOTÓ, ou CARAPOTI da serra Cuminaty em Pernambuco.

8.º Os PANNATY da serra do mesmo nome no Rio Grande do Norte, aldeiaidos em Gramació.

9.º Os UMAN e VOUVÉ á margem esquerda do S. Francisco, entre os rios Moxotó e Pajehú.

10.º Os ITANHÁ do Ceará, aldeiaidos em Montemór o Novo, hoje Baturité.

Não é possível nos estreitos limites desta epistola dizer tudo quanto importava, não só em relação ás hordas comprehendidas sob a denominação generica GUCK, e os dialectos que fallavam, mas tambem quanto aos lugares que occupavam e affinidades que apresentam com outras tribus.

Nem mesmo ha lugar para discutirmos os nomes, sob os quaes se apresentam as familias comprehendidas no tronco GUCK, e são transcriptos aqui esses nomes com a mesma orthographia que vem nos livros de Martius. Elle mesmo declara que não sabe se esses nomes são pertencentes á LINGUA GERAL ou a outras e á delles indios Guck. Apenas dá o motivo da designação generica de GUCK, CUCO ou COCO, que significa tio, e explica o nome KIRIRI que é da LINGUA GERAL e quer dizer *taciturno, triste (schweigsam, traurig)*. O significado porém mais proprio de *kiriri* é *quieto, pacifico, medroso*, o que se applica com propriedade a esses indios que o proprio Martius dá como velhacos, falsos, desconfiados e não guerreiros. Podia tambem esse nome derivar-se de *kyrykyry* fraqueirão, molleirão ou de *kyrkyry*, pequeno.

A designação generica de GUCK ou tio, diz Martius que, adoptou para estes indios por ser caracteristico em muitas tribus o grande respeito aos tios, que eram os protectores, conselheiros natos, e mesmo

segundos pais d'aquelles cujos pais eram fallecidos. O nome é pertencente ás linguas CAYRIRI e SABUJÁ, e outras enumeradas no tronco desse nome, diz elle; mas o certo é que no CHILIDUGU, que é idioma principal comparado com o KIRIRI, *cucu* « llaman los nietos y nietas a su avuela materna y ella tambien a ellos » diz o padre Febres, e *rucu* em KECHUACALLU quer dizer velho.

Estes GUCKS ou TIOS elle suppõe originarios das Guyanas, aparentados com os MAYPURE e TAMANAKOS do Orinoco e em contacto com tribus de outra procedencia na sua passagem dos affluentes da esquerda do Amazonas para os affluentes da direita, donde chegaram até as terras dos Moxos na Bolivia, e dahi para leste até as extremas praias brazileiras. Pelo uso da designação generica de TIOS elle comprehende no tronco GUCK não só os CAYRIRI, SABUJÁ e PIMENTEIRA nas terras norte-orientaes do Brazil, mas ainda os MANÁO, UIRINÁ, BARÉ, CÁRIAY no Rio-Negro, os MACUSI e PARAVILHANA no Rio-Branco, os ARAICÚ e CULINO no Tocantins e Solimões, os CUNAMARÉ no Yurúá, os MARAUHÁ no Iutahy, os MAXURUNA no Yavary, os IAUN-AUÓ ou CARIPUNA nas cachoeiras do Madeira. Acha semelhança de vozes com as da lingua MOXA, donde conclue pertencerem ao mesmo tronco, e fica em duvida si igualmente o serão os CHAMIÓCOCO do Paraguay.

« Temos pois, diz elle, uma nacionalidade muito disseminada de familias, que se diffundia na enorme extensão dos 4° até 17° grãos de latitude sul dos sertões do interior do continente até quasi as costas orientaes; e apresenta-se-nos o espectaculo de uma corrente de povos de grande proporção, senão pelo nu-

mero de individuos, ao menos pela extensão do caminho percorrido. As periprinacões destes Gucks alcançam as serras donde brotam as cabeceiras do Orinoco, e descrevendo um extenso arco pelo districto do Rio Negro, o mais occidental dos confluentes do Amazonas dentro dos limites do imperio brasileiro, seguindo pelo Madeira vão até os Moxos nas alturas dos 17º grãos de latitude sul; do lado contrario, para as partes orientaes do continente, encontram-se familias aparentadas nas serras, que demoram entre os rios S. Francisco e Parnahyba. Consideremos esta dilatada derrota por entre meio de outros povos numerosos e figurar-se-nos-ha uma corrente pelagica (*golfstrom*) no oceano das gentes sul-americanas, pelo qual vara não um povo numeroso, consideravel, porém fragmentos de uma raça antiga, misturados com muitos outros povos. »

Eis como von Martius considera a familia de indios a que pertencem os KIBURI, que elle computou em cerca de 3.000 disseminados pelo interior do imperio.

Exceptuando a raça dominante, isto é, as diversas tribus do tronco TUPÍ, o restante dos diversos indios do Brazil procurou Martius classificar pelas gentes dos GÊ, dos GOYATACÁ, dos CREN, dos GUCK, e mais alguns nos confins do imperio como os GUAYCURÚ a sudoeste, algumas tribus parentes dos KECHUA a oeste e variegadas hordas ao norte.

Apezar da propensão de subdividir as tribus indigenas, elle proprio as reduz a bem limitado numero de troncos.

Mas o que é notavel, é que estes mesmos limitados troncos, a que se reduzem as inculcadas numerosas tribus (computadas em mais de 250 na pag. 48 do *Beitrag*) não são muito distinctas entre si; misturam-se, separam-se para de novo se confundirem, e

jámais são apresentados com caracteres perfeitamente distinctivos, quer quanto á estructura physica, quer pelo lado moral e costumes, quer com respeito á lingua.

Os GUCK, que von Martius suppõe originarios das Guyanas e do Orinoco superior, são por elle filiados ou aparentados aos MAYPURE e TAMANACO. Entretanto Gilfi dá estes dous povos como distinctos e adversos, e até a lingua dos TAMANACO elle considera como dialecto do KARAIBA. Já se vê aqui a incongruencia.

A extensão territorial por elles percorrida chega apenas á provincia da Bahia para o lado do sul, entretanto a regularmos pelo nome vamos acha-los em Santa Catharina onde ha morros com o nome KIRIRI.

Von Martius descreve os GUCK como raça das mais feias e mais embrutecidas dos indios. Mais delgados de corpo e mais fracos do que os BOTOCUDO, menores de estatura do que os GÊ, com uma côr mais amarelada-escura do que propriamente côr de cobre, elles se approximam, tanto pelos caracteres physicos como pelos moraes, aos moxo dos sertões orientaes da Bolivia. Nos dialectos fallados pelos GUCK von Martius acha semelhança com a lingua dos MOXO; e afinal elle os pinta como covardes, brutos, traiçoeiros e velhacos. Quer pelos caracteres physicos, quer pelos moraes, e talvez ainda pela feição da lingua poderiam elles ser considerados como pertencentes ao tronco PAMPEANO de Alcide d'Orbigny.

Entretanto quando mais adiante von Martius tracta dos PASSÉ, que elle considera como uma das melhores gentes do Brazil, filia-as ao mesmo tronco GUCK! isto é, na mesma familia PAMPEANA, n'uma das mais

baixas e selvagens das raças americanas include os indios mais bonitos do alto Amazonas, que se distinguem por fórmias mais correctas e bem talhadas, por traços physionomicos mais expressivos e intelligentes, por characteres moraes mais elevados, por costumes e habitos de vida, que denunciavam estado menos atrasado, póde-se dizer uma *selvajaria meio-culta*, indios emfim, que elle entende serem tão distinctos dos sudoeste do Brazil como o europeu differe do mongol.

Na confrontação dos dialectos a incongruencia é ainda mais notavel. Evidentemente pelas amostras que vem em Gilif e reproduzidas no Mithridates o TAMANACO approxima-se extremamente do KARAIWA, e differe do MAIPURE. Se pois o KIRIRI se approxima de um necessariamente arreda-se do outro. Além disso von Martius, como já vimos, estabelece parentesco dos dialectos dos GUCK com a lingua dos MOXO.

É debalde, portanto, que se pretende multiplicar a divisão das tribus americanas sem motivo plausivel nem fundamento, quer nos characteres ethnographicos, quer na linguagem. A uniformidade do typo americano permanece e subsiste em confronto com os outros typos, e as differenças que apresentam entre si os diversos povos são apenas variedades, e não são maiores que as que apresentam povos da mesma familia indo-europea entre si, e ainda mais os variegados povos asiaticos. As simples condições geographicas, como o pensaram von Humboldt e Alcide d'Orbigny, são sufficientes para determinar as differenças que se supõem consideraveis, e que bem examinadas não no são effectivamente; as simples condições geographicas, quando nada mais importem, acarretam dif-

ferenças no modo de viver e nos costumes, que paulatinamente influem na organização e na indole da população. Pouco mais de trez seculos tem decorrido desde a descoberta das terras de Santa Cruz, e entretanto o luso-americano do Pará ou do Ceará já se differença bastante do luso-americano da montanhosa provincia de Minas ou das terras proporcionalmente frias do Rio Grande do Sul.

Von Martius é em geral austero para com as raças americanas e as votou a completo exterminio, como incapazes de progresso e civilização. Mas isto parece ser uma prevenção, uma tendencia pronunciada de certos espiritos, que entretanto se esquecem de olhar para o seu velho continente, onde se desenvolveu a tão preconizada civilização dos tempos modernos.

Lá mesmo, como se vê nos monumentos historicos e nos escriptos das gentes cultas, falla-se de innumeraveis povos nunca civilizados, que tinham variadissimas linguas, e que tambem nada transmittiram á posteridade além do nome, como os americanos. Lá eram e são innumeraveis as gentes barbaras, para as quaes nem sequer raio um dia polar de civilização, uma fraca luz de cultura intellectual, e que desappareceram sem deixar vestigio de sua passagem na historia.

A prevenção é tal que o sr. visconde de Porto-Seguro (accorde com Martius no menos-preço que faz dos indios) diz que (*Historia Geral do Brasil*, pag. 110, T. 1.º) « nos proprios nomes dos rios se descobria sua curteza de ideias » pois os denominavam « vermelhos, negros, pretos, claros ou brancos e verdes. » Mas a mes-

missima curteza de ideias não se revela nas denominações bem portuguezas de rio verde, rio negro, rio claro, rio grande, rio comprido, rio das ostras, rio do peixe? A mesma curteza de ideias não revelam todas as nações, até as mais cultas e até nos nomes de familias, em que entra quanto nome de bicho e planta occorre e outros como toucinho (*Bacon*), cabeça de vacca, encerra-bodes, etc.? Como então é curteza de ideias no indio denominar um rio Jacaré-kanga por um osso de jacaré achado á sua margem, e não no é nos outros que dão os nomes de rio da banana podre, rua de mata-porcós, beco do piolho, ladeira do pendura-saia?

Na margem do Amazonas, em um lugar, onde a barranca se ergue a prumo, apresentando como que uma muralha de pedra a pique, na qual se acham uns como hieroglyphos, assentava-se a aldêa denominada *Itacuatiara* ou pedra escripta; sem duvida por ser esse nome o dado por gentes de curta idéa, foi mudado para *Serpu*. O poetico nome de *Rio de Janeiro*, que sem duvida revela *amplidão de idéas*, substituiu a tosca e rude alcunha de *Guanabara*, que parece quer dizer simplesmente gurges vel sinus similis mari. E assim por diante a amplidão de idéas levando de vencida a custeza de idéas. Bem haja o encantador sr. Tausenel que, homem de sciencia e mais alguma coisa, com tanta graça fustiga a pretenciosa maneira de denominar *des savants*, e as suas classificações scientificas.

Diz von Martius: *a raça americana não tem mais futuro algum (die amerikanische Menschheit hat keine zukunft mehr)*! E em toda a sua obra transpira a ideia

dominante « gente que passou como si não tivesse existido; gente que, ou nunca poude passar de um estado de perpetua infancia; ou que de um estado incognito de tal ou qual desenvolvimento cahiu no ultimo estado de degradação! »

Mas o que foram tambem os Samoyedas, e o que deixaram de si? que monumentos deixaram os Scytas, e muitos outros povos apenas conhecidos de nome? o que foram pela maior parte os que se dizem das linguas ouralo-altaicas? Que lembranças, que monumentos de si deixaram tantas outras nações da Asia, da Africa e mesmo da Europa, as quaes desappareceram justamente como os americanos, sem deixar vestigio de sua passagem? Pelo lado da barbaria em que seriam os impavidos Karaibas mais condemnaveis que os Hunnos, e os Vandalos? Pela maior parte os povos comprehendidos na denominação de *turanianos* (por muitos linguistas) desapparecem sem deixar vestigio; e mesmo dos privilegiados indo-europeus e semiticos quantos que em nada concorreram para o que chamam civilização, quantos de barbaria igual, já não digo á de tribus pampeanas, mas á de australianos e africanos?

Digamos pois, tanto a respeito dos povos americanos como a respeito de muitos outros e tambem innumeraveis do antigo continente, as palavras de Martius, que tem applicação a todos, e não só aos de cá:

« Foram povos, ou apenas porções, destroços de primitivo todo, ou gentes differentes ao pé umas das outras, ou finalmente troncos subdivididos em diversos ramos, hordas, tribus e familias? »

A interrogação, a duvida é tão legitima em relação

ao vermelho, como em respeito ao amarelo, ao branco e ao preto.

Estas considerações porém são muito fora de ordem, e não vem a proposito para o desempenho da tarefa que v. s. me incumbiu.

Tractemos pois da lingua KIRIRI :

Não tenho maiores conhecimentos das linguas americanas, não sou versado no CHILIDUGU, nem no KECHUAKALLU (e ainda menos na AYMARÁ, que parece matriz do KECHUA) para estabelecer comparação do KIRIRI com ellas. Limitar-se-hão pois as considerações sobre a lingua KIRIRI em comparal-a com o ABAÑEËNGA ou a LINGUA GERAL do Brazil e do Paraguay, que me foi possível estudar um pouco.

Não é licito affirmar cathegoricamente que o KIRIRI seja no rigor da palavra dialecto da LINGUA GERAL; mas apesar de apresentar elle na parte lexica grande numero de dicções que parecem não pertencer á LINGUA GERAL, apesar de algumas dissemelhanças no modo de construir a phrase, reconhece-se que no character geral concorda com ella, e é com ella aparentada.

Cabem aqui os dois trechos de Gandavo que Gonçalves Dias cita na pag. 26, e reparemos que elle é um dos mais antigos narradores das cousas brasileiras.

« Os indios da costa, ainda que estejam divisos, e haja entre elles diversos nomes, todavia na semelhança, condição, costumes e ritos gentilicos são todos um. E se n'alguma maneira differem n'esta parte, é tão pouco que não se póde fazer caso d'sso. »

« A lingua que fallam todos pela costa é uma, ainda que em certos vocabulos differem n'algumas partes; mas não de maneira que se deixem uns aos outros de entender. »

Este segundo trecho de Gandavo serve para admitirmos o KIRIRI sinão como dialecto, ao menos muito influenciado pela LINGUA GERAL. Vejamos pois um pouco a lingua KIRIRI.

Primeiramente quanto á phonetica: faltam ao KIRIRI quasi os mesmos sons que faltam á LINGUA GERAL OU BRASIL como sejam *f*, *l*, *th* (*ll* hispanhol), *r* aspero, etc. O alphabeto que o p.<sup>o</sup> Mamiani attribue ao KIRIRI, examinado com attenção, vê-se que não differe do da LINGUA GERAL. Sabe v. s. que para uniformizar a escripta da LINGUA BRASIL foi proposto o seguinte alphabeto *a*, *b*, *ch*, *d*, *e*, *g*, *h*, *i*, *j*, *k*, *m*, *n*, *ñ*, *o*, *p*, *r*, *s*, *t*, *u*, *y*, com os sons que tem em portuguez e em geral nas linguas de origem latina, com algumas particularidades apenas nos sons representados por *ch*, *h*, *j*, *y*.

Vejamos unicamente os sons do KIRIRI, que parecem differir dos da LINGUA GERAL.

A vogal *æ* que o p.<sup>o</sup> Mamiani diz ter um som entre-meio de *a* e *e* equipara-se soffrivelmente ao som *æ* da LINGUA GERAL, que se acha em *bae* (positiva para formar participios), *tae*, *rae* (fórmãs adverbias derivadas de um verbo). A pospositiva *bae* com que se formava participios, é hoje usada pelos paraguayos na fórmula *ba* para designar o imperfeito do indicativo.

Os sons *tç* e *tz* parecem ser especiaes ao KIRIRI, mas nada nos inhibe de consideral-os como variações dialecticas do *ch*, que na LINGUA GERAL sôa como em portuguez e francez, mas em muitos lugares como em italiano (antes de *e*, *i*), ou como *tch*. A pronuncia da syllaba final do pronome *ketçã* da lingua KIRIRI não deve differir muito da da LINGUA GERAL em *cha*

nos, *cha ha* vamos, que caboclos das antigas aldeias pronunciam *tcha ha*.

Na LINGUA GERAL não se dá concomitancia de consoantes, nem das que se chamam mutas e liquidas; no KIRIRI é frequente o grupo *cr* (*kr*) e mesmo *pr* como *cradzó*, *sacré*, *ecridzã*, *croné*, *crú*, *crocrá*, *pri-prebú*. Mas note-se que os sons *cra*, *cri*, *pri*, *pro*, etc podem ser contractos de *kará*, *kiri*, *piri*, *poró*, etc., que são frequentes na LINGUA GERAL.

O mais que diz o p.<sup>o</sup> Mamiani sobre os sons que elle representa por *c*, *k*, *gh*, *ch*, *nh*, *h*, não distancia o KIRIRI da LINGUA GERAL; são apenas modos de escrever differentes.

O som brandissimo de *d*, que quasi desaparece como na palavra *ide mõi*, é que talvez não se ache na LINGUA GERAL.

Ao *i* attribue o p.<sup>o</sup> Mamiani 4 vocalidades: A 1.<sup>a</sup> de *i* vogal e a 3.<sup>a</sup> o som especial da LINGUA GERAL representado no respectivo alphabeto por *y*, concordam perfeitamente com as que figuram no alphabeto da LINGUA GERAL. A 2.<sup>a</sup> e a 4.<sup>a</sup> confundem-se, e no alphabeto da LINGUA GERAL são representados pelo *j*, o qual por exemplo nas dicções *jaguar*, *ajar*, *ajohúb* sã ora como em portuguez em *janella*, ora como em allemão em *Ia*, *jener* ou em portuguez em *caiar*, ora positivamente como *dj* ou *di*, e afinal na LINGUA GERAL descáhe naturalmente e sã *ñ*, como se vê mesmo no vocabulo *ñaguar=jaguar*.

O som representado por *w* na grammatica de Mamiani corresponde até certo ponto ao representado por *g* na LINGUA GERAL, ás vezes por *h*, e no vocabulo (apresentado como exemplo) *waré* e alguns outros

corresponde ao *b* da LINGUA GERAL, pois ahi tem-se *abaré* significando igualmente padre, como *waré*.

O til para os sons nazaes foi tambem adoptado geralmente na escripta da LINGUA GERAL quer pelos padres do Brazil quer pelos do Paraguay.

Em vista deste confronto vê-se que o KIRIRI pelo lado da phonetica não differe muito da LINGUA GERAL. É característica no KIRIRI a existencia da vogal especial da LINGUA BRASIL, que representamos por *y*, e da qual o p.<sup>o</sup> Mamiani, designando-a pela mesma letra com accento circumflexo, faz menção expressa na pag. 3 da grammatica, o que é confirmado (como o mais) pelo que vem nas *advertencias sobre pronunciação*, que precedem o CATECHISMO.

Quanto á phrase e á construcção grammatical primeiramente temos de notar que o KIRIRI não desmente do character geral das linguas americanas, que lhes valeu o nome de AGGLUTINATIVAS, (não discutamos si é ou não bem cabida e apropriada essa denominação).

Como nas outras linguas americanas não ha em KIRIRI inflexões; como ellas, não tem elle desinencias nem para casos, generos e numeros nos nomes, adjectivos e pronomes; nem para pessoas e tempos na conjugação dos verbos; as pessoas são designadas por particulas prepostas e adjuntas ao elemento verbal, e os tempos por particulas em geral pospostas.

Outro character tambem muito geral nas linguas americanas e que tambem se encontra no KIRIRI, é a ausencia de dicção definidamente correspondente ao que chamamos pronomes relativos; a falta de vocabulo que verta litteralmente *qui, quae, quod* dá-se no

KIRIRI, tanto como na LINGUA GERAL e em outras linguas americanas. O relativo é sempre expresso pelas fórmas do verbo no modo infinitivo e por participios, mediante apenas a adjunção de uma particula, a qual por vezes se reduz a um simples som, uma letra. Além disso essas fórmas de participio, mediante outras particulas que se lhe junctam, são susceptiveis de designar tempo. Por exemplo o que exprimimos pela palavra ladrão no KIRIRI se diz *dicotori* o que furta, *dicotoriri* o que furtou, *dicotoridi* o que furtará; na LINGUA GERAL de identico modo se diz *o-mundarō-bae* o que furta, *o-mundarō-bae-kuér* o que furtou, *o-mundarō-bae-rām* o que furtará. Nas nossas linguas não ha modo de exprimir directamente assim: o ladrão de hoje, o ladrão de hontem, o ladrão de amanhã, ou por outra, o ladrão que é, que foi, que será.

Em KIRIRI não ha designação para genero; para exprimir o numero grammatical ha apenas as pospositivas *a* e *de*, que ajuntadas á dicção no singular, servem para denotar o plural. A mesmissima cousa se dá na LINGUA GERAL, que tem pospositivas da mesma natureza, quer para exprimir o plural, quer para designar o genero.

Mas apresenta-se uma singularidade no KIRIRI, que o differença da LINGUA GERAL. Nesta os casos são sempre expressos por meio de posposições (e não preposições como em geral nas linguas, que não tem desinencias á maneira do latim e do grego), e estas posposições ás vezes encliticas (principalmente com os pronomes), no caso geral ficam independentes e postostas, por vezes não a uma ou duas dicções agglutinadas, mas á uma phrase inteira, a que regem.

No KIRIRI figuram posposições enclíticas com os pronomes, mas logo que se tracta de exprimir casos, não em relação aos pronomes, mas a outras partes da oração, ellas figuram como verdadeiras preposições. Assim a posposição *mo* (que significa *in, ad, per, super*, segundo a grammatica de Mamiani, e que corresponde bastante ás posposições *bo* e *pe* da LINGUA GERAL) com os pronomes faz *hidiomo, edomo, idioma* em mim, em ti, nelle, etc., sempre posposta; entretanto aos nomes é preposta e ahí temos *mo erã, em casa, mo arankiê, no céu, mo Tupã, á Deus* etc. Este modo de empregar a preposição dá uma feição ao KIRIRI, que o arreda da LINGUA GERAL e o approxima do portuguez; tambem é mais facil a versão litteral entre PORTUGUEZ e KIRIRI, do que entre PORTUGUEZ e a LINGUA GERAL.

O accusativo, ou o caso que exprime o paciente da accção do verbo não admite posposição alguma na LINGUA GERAL, como não admite preposição nas linguas que as tem, mas, segundo se vê da grammatica agora reimpressa, em KIRIRI não existindo verbo activo, todos os casos inclusive o accusativo necessitam de preposição. A meu vêr houve engano de analyse em Mamiani; o que elle considerou como preposição regendo o nome, é particula que deveria ser adjuncta ao verbo, e na realidade em vez de ser o verbo passivo como suppõe Mamiani, é realmente activo e em vez de por exemplo *pácri no dumarã* significar fôï morto por seu inimigo, é crível que seja antes *pacri-no dumarã* matou-o o seu inimigo. Esta inversão do sentido e significação do verbo, do radical attributivo, e consequente inversão da particula revestida do character determinativo, parece que deve ser attribuida já á in-

fluencia e contacto da lingua portugueza. Não póde ser convenientemente desenvolvida esta questão nos estreitos limites de uma carta, mas para que se note a plausibilidade da supposição apontaremos ainda a phrase *morè sitè carai do hipadzu*, que Mamiani traduz logo vem o branco meu amo, e que parece ser antes logo vem o branco, o qual é meu amo. Neste ultimo modo de interpretar, o KIRIRI concorda em construcção com a LINGUA GERAL e com as antigas linguas americanas, as quaes, como já notamos, não tem dicção correspondente aqui, quae, quod, e em vez disso ha umas fórmas participiaes susceptiveis de tempo. No Paraguay moderno, forçados a pensar em hispanhol e frequentemente obrigados a construir a phrase á hispanhola, já admittem a demonstrativa *ko* e outras figurando de qui, quae, quod, justamente como aquelle *do* que vimos na phrase KIRIRI. No periodico *Lambaré* do tempo da guerra com o Paraguay são frequentes as phrases como esta: *iai potà co ohechá opa mundo. ygua*, queremos que o vejam todos os habitantes do mundo, na qual ha muitas dicções e ainda certo torneio GUARANI, mas que já não é phrase a molde da antiga LINGUA GERAL.

Identica transformação vê-se tambem no TUPI falado no Amazonas e o sr. dr. Couto de Magalhães dá *uahá* para o relativo; este relativo porém ainda conserva alguma cousa da antiga posição, o que vê-se na phrase: *ixé intí xa rekó nhahã rerekó uahá* eu não tenho o que você tem, na qual *uahá*, posposto ao verbo, ainda lembra os participios antigos, chamados alguns -substantivos verbaes, formados com pospositivas *bae*, *háb*, *hár*, etc.

Disse, influencia da lingua portugueza, porque

os KIRIRIS foram convidados á paz, aldeados e catechizados ja muito depois de ter sido descoberto o Brazil, depois de já estar colonizada grande extensão de terras brazileiras, principalmente da costa. O mesmo embrutecimento dos KIRIRIS é uma prova disto; selvagem que se pôz em contacto com europeu, si no fim de algumas dezenas de annos não se funde, não se amalgama e não desaparece, assimilando-se aos colonos, necessariamente se corrompe, se embrutece e desce ao ultimo estado de degradação. Os KIRIRIS podiam ser restos de tribus corridas pela gente civilizada, que se internaram, misturaram-se com gentes de outras nacionalidades e afinal vieram outra vez demandando a costa, á cata de meios de subsistencia. Documento de que tiuham estado em contacto com os *imboabas* (estrangeiros) dá-o a lingua, que já apresenta muito mais construcções diversas das da LINGUA GERAL, e que mesmo mais do que ella admite dicções evidentemente de origem portugueza. Effectuando-se demais o aldeamento e catechese dos KIRIRIS quasi nos fins do seculo XVII, isto é, já depois da guerra hollandeza e quasi contemporaneamente com a existencia dos Palmares, o ESTADO AFRICANO, ou republica dos QUILOMBOLAS, que tambem foi destruida no mesmo fim do seculo XVII, é não só natural, mas muito crível e plausivel que tivesse havido contacto dos indios com os QUILOMBOLAS. A lingua KIRIRI, dialecto já corrompido, é natural então que ainda mais se corrompesse por vocabulos e phrases africanas; de linguas africanas desgraçadamente não tenho o menor conhecimento para poder fazer comparações.

Continuemos porém as observações a respeito da

lingua KIRIRI, e o que desde já mais importa considerar é o pronome, mormente o pronome pessoal, comprehendendo nelle não só o pronome mas o adjectivo possessivos. São os designativos pessoaes principalmente que dão ás linguas americanas certa feição particular que as caracteriza; e dizemos *designativos pessoaes* em vez de pronomes, porque em muitas grammaticas fazem tambem figurar outros designativos de pessoas, a que uns chamam artigos, outros preposições pessoaes, particulas, etc.

Á primeira vista parece não haver parentesco nem analogia entre os designativos pessoaes (chamemo-los em geral—pronomes) do KIRIRI e os da LINGUA GERAL. Assim não é porém.

Em primeiro lugar já concordam em ter o KIRIRI tambem duas 1.<sup>as</sup> pessoas do plural, uma inclusiva, outra exclusiva justamente como na LINGUA GERAL, e em segundo lugar porque a 3.<sup>a</sup> pessoa do plural pouco ou nada differe da do singular em qualquer dellas.

O padre Mamiani apresenta o que elle chama 5 declinações do pronome, mas com um pouco de attenção vê-se que ellas todas se reduzem a uma só, e que as outras variantes são devidas: ou a simples exigencias pho eticas, ou á má analyse, em que se separam sons integrantes dos vocabulos attributivos, e se ajunctam ao pronome. Para se convencer disto basta examinar-se a fórma em que ficam esses pronomes, quando em vez de se addirem a nomes, prepõem-se aos verbos para conjuga-los.

Esses pronomes são prepostos e integram-se com os nomes, verbos e outras partes da oração, ás quaes se agglutinam justamente como na LINGUA GERAL.

São elles: *hi, hidz, dzu* para a 1.<sup>a</sup> pessoa; *e, ey, dz,* *a* para a 2.<sup>a</sup>; *i, s, se, si, su* para a 3.<sup>a</sup>; todas do singular. No plural servem exactamente as mesmas prepositivas, ajunctando-se ao nome, verbo, etc., uma prepositiva que designa plural.

Esta pospositiva é *a* em geral, empregando-se porém *de* para a 1.<sup>a</sup> do plural exclusiva, e conservando-se o *a* para a inclusiva, cuja prepositiva é *cu* ou *c* (melhor *k*).

Talvez em ultima analyse se reduzam a *hi* 1.<sup>a</sup> pessoa, *e* ou *a* 2.<sup>a</sup> pessoa, *i* e *s* 3.<sup>a</sup> pessoa, e isto pelos motivos seguintes. A 1.<sup>a</sup> declinação vai com estas prepositivas justamente: a 2.<sup>a</sup> recebe um *y* para a 2.<sup>a</sup> pessoa, e torna-se *s* para a 3.<sup>a</sup>; mas os exemplos dados no nome *ambé* paga, e no verbo *arancré* ter pejo, começados por vogal, comparados com a LINGUA GERAL fazem suppôr que eram nomes começados por consoante elidível ou transformavel como o *t* da LINGUA GERAL.

Veremos logo que o *i* e *s* da 3.<sup>a</sup> pessoa correspondem exactamente ao *i* e *h* da LINGUA GERAL. O que dissemos da 2.<sup>a</sup> declinação se applica ainda com mais razão á 3.<sup>a</sup>, onde vem o nome *ebayá* unha e o verbo *ericó* descansar, que a meu vêr não começam pela vogal *e*, antes parecem ser positivamente *dzebayá, dzeicó*.

Isto confirma a dicção composta *byribayá* unha de pé construida exactamente como na LINGUA GERAL, e até com a mudança de *dz* (equivalente a *t* como veremos) para *r*.

Para a 4.<sup>a</sup> declinação de nomes ou verbos começados por consoante, porém da classe dos que admittem *s* em vez de *i* na 3.<sup>a</sup> pessoa, deve admittir-se

uma vogal euphonica. Finalmente a 5.ª declinação indica que houve contracção da prepositiva pronominal com a primeira syllaba do nome ou verbo; os exemplos dados por Mamiani são *býrò* barriga, á qual parece faltar uma syllaba antes, e *ucá* amar que, a regular-se pela 2.ª pessoa, seria *ca*, porém com mais razão ainda indica a falta de uma syllaba anterior.

Fallamos na determinativa *t* da LINGUA GERAL, e, antes que vamos adiante, convém que a expliquemos um pouco, pois dahi dimanam illações para mostrar o parentesco das duas linguas.

As dicções da LINGUA GERAL todas podem se referir a duas classes. Uma, das que no caso absoluto apresentam o radical simples e assim se conservam quando regidos, tem no relativo *i* preposto, e no caso reciproco *o* tambem preposto. A outra, em que no caso absoluto o radical é precedido de *t*, o qual quando regido muda-se em *r* e passa á *h* quando relativo, e a final a *gu* ou *ogu* quando reciproco. Exemplo da primeira classe é: *sy* ou *syg* mãe, que faz *che sy* minha mãe, *nde sy* tua mãe, *abá-sy* mãe dos homens; *i-sy* mãe delle ou della, etc., *o-sy* sua mãe. Exemplo da 2.ª é: *tub* pai, *che rub* meu pai, *nde rub* teu pai, *abá-rub* pai dos homens; *hub* pai delle, della, etc, *gub* seu pai. Isto que acabamos de vêr com dois substantivos acontece do mesmo modo com verbos, adjectivos, até adverbios e posições.

No KIRIRI quando o caso é absoluto de ordinario vem o radical simples, no caso relativo recebe o pronome de 3.ª pessoa *i* ou *s* (como veremos mais adiante), e no caso reciproco *de*, *di*, *du* (pags. 8; 62 de Mamiani). Mas *d*, *di*, *du* reduzem-se realmente a *d* equivalente KIRIRI do *t* da LINGUA GERAL. E esse além

disso não é sempre reciproco, e sim tambem o relativo como se vê nos exemplos: *Tupã ducári hidiohó* Deus que ama a mim, *Però dupári ãumarã* Pedro que matou seu inimigo. Em *dupári* o *d* é relativo, em *dumarã* é reciproco.

Comparemos as particulas pronominaes do KIRIRI com as da LINGUA GERAL.

| SINGULAR     |                 |                 |                 |           |
|--------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------|
| PESSOAS      | 1. <sup>a</sup> | 2. <sup>a</sup> | 3. <sup>a</sup> |           |
| KIRIRI ..... | Prefixo.....    | hi              | e, a            | i, s      |
|              | Pronome....     | hietçã          | ewatçã          | d, di, du |
| LINGUA GERAL | Prefixo.....    | a               | re              | o         |
|              | Pronome....     | che             | nde             | i, h      |

| PLURAL       |                              |                              |                           |                                   |
|--------------|------------------------------|------------------------------|---------------------------|-----------------------------------|
| PESSOAS      | 1. <sup>a</sup><br>exclusiva | 1. <sup>a</sup><br>inclusiva | 2. <sup>a</sup>           | 3. <sup>a</sup>                   |
| KIRIRI.....  | Prefixo..                    | hi.....de                    | ku... a <sup>e</sup><br>a | }.....a <sup>i</sup><br>s }.....a |
|              | Pronome                      | ketçã....de                  | ku... a                   | ewatçã ....a de, di, du           |
| LINGUA GERAL | Prefixo .                    | ro                           | ja                        | pe o                              |
|              | Pronome                      | oré                          | jandé                     | peê, pendé i, h                   |

Não arrisco opinião alguma sobre a transformação e derivação das fórmãs de um idioma para outro,

porque a lei das mudanças das vozes e suas significações requer estudo mais minucioso e comparado das varias linguas, que me não foi nem me será de certo possivel fazer. Lembrarei apenas o que se dá com os pronomes pessoaes das linguas vivas do ramo INDO-EUROPEU, que entretanto descendem todos da mesma fonte, seguindo uns um caminho, outros outro. Como se sabe, o pronome latino *ille* gerou no francez os dois *il* e *le*, no portuguez *elle* e *o*, no espanhol *el* e *lo*, no italiano *il* e *lo* e ainda *egli*; e quando em geral para formar o plural acrescenta-se uma *s*, o italiano ja tem a fórma *eglino*; ao mesmo *ille* apenas em caso differente, reporta-se o *loro* italiano e o *leur* francez embora á primeira vista muito diversos. Levando-se a comparação a outras linguas por exemplo ás do ramo TEUTONICO outras variações mais consideraveis se achariam.

Aqui nas linguas AMERICANAS (as matrizes pelo menos) nem sabemos qual é a mais antiga, para della derivarmos as variantes, e apenas podemos ir pondo á par as vozes a vêr se descobrimos alguma lei de transformação e derivação. Considerar uma como mais antiga e a ella filiar as outras, sem o prévio estudo e confronto das vozes e suas significações, é marchar ao acaso.

O KIRIRI com tudo não pôde ser considerado lingua matriz, e será licito para nós o considerarmo-lo posterior á LINGUA GERAL; mediante o confronto ja se nota alguma semelhança entre os designativos pessoaes do KIRIRI e o que inscrevemos como pronomes da LINGUA GERAL. O *h* é aspirado e guttural no KIRIRI, por conseguinte é possível a assimilação ou a passagem

de um para outro nos pronomes da 1.<sup>a</sup> pessoa *hi, che*, tanto mais quanto neste ultimo o *ch* que sôa como em francez e portuguez, pôde tambem sôar como em allemão e até como *tch* segundo ja vimos antes. Na 3.<sup>a</sup> pessoa o *s* do KIRIRI corresponde exactamente ao *h* da LINGUA GERAL, tanto mais quanto nos escriptos portuguezes esse *h* foi sempre representado por *ç*. Afinal na 2.<sup>a</sup> pessoa uma das fórmãs do KIRIRI é a vogal *e*, que entra tanto na prepositiva verbal como no pronome da LINGUA GERAL. Na formação do plural, si bem que intercalando o attributivo verbal, o KIRIRI tem para a 1.<sup>a</sup> pessoa (digamos) o suffixo *de*, que figura no final da 1.<sup>a</sup> inclusiva e da 2.<sup>a</sup> pessoa do pronome da LINGUA GERAL, e demais é a vogal final da 1.<sup>a</sup> exclusiva. Além disso, *a*, a outra designativa de plural dos pronomes em KIRIRI, lembra o demonstrativo *ang* da LINGUA GERAL, e que hoje é pronunciado pelos Paraguayos simplesmente como *ã* e até só *a*.

O que Mamiani denominou propriamente pronomes, são os mesmos designativos pessoaes seguidos de uma posposição, ou de um determinativo, que é elidido todas as vezes que o pronome é agglutinado a verbo, nome ou a outra posposição.

O pronome da 3.<sup>a</sup> pessoa *d, di, du* é o reciproco propriamente, e já vimos que reduzido ao seu elemento radical *d* corresponde ao *t* da fórmula absoluta das dicções na LINGUA GERAL. Ora nesta lingua os reciprocos são representados por *o* para uma classe de dicções, e por *gu* ou *ogu* em outra classe, justamente aquella em que a fórmula absoluta tem *t*.

Segundo o proprio Mamiani servem de 3.<sup>a</sup> pessoa, correspondente aos demonstrativos latinos *hic, iste, ille*,

*ipse, is*, o prefixo ou artigo simples, o qual é exactamente o pronome da LINGUA GERAL.

Entre os pronomes demonstrativos em KIRIRI apresentam-se *eri, erò, urò, rohò*, que lembram na LINGUA GERAL 1.º a prepositiva verbal da 2.ª pessoa do singular *ere* ou *re tu*; 2.º a prepositiva da 1.ª pessoa do plural exclusiva *ro nós* outros, e note-se que *ro* é ainda o que Montoya, Anchieta, etc. chamam TRANSIÇÃO da 2.ª pessoa do singular exprimindo o accusativo latino *te*; 3.º o pronome da 1.ª pessoa do plural exclusiva *oré nós, nosso, nossa*, etc.

O demonstrativo *ighi* do KIRIRI lembra o *èqui* da LINGUA GERAL, e a final *coho* lembra os demonstrativos, *kó, kobae*, etc.

Para no entanto sahirmos das considerações geraes, que ficam um pouco vagas, vamos entrar em alguns exemplos e comparações.

O verbo *cotò* furtar do KIRIRI assemelha-se ao verbo *kotog* jogar, mover-se da LINGUA GERAL. Eis como elles se conjugam no modo indicativo e no tempo geral ou absoluto. (Não é possível aqui mostrar, porque seria muito longo, que, tanto no KIRIRI como na LINGUA GERAL e outras, o que chamaram « tempo presente do indicativo » não no-é absolutamente).

| KIRIRI                                            | LINGUA GERAL                              |
|---------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| <i>Hi-cotò</i> furto, furto                       | <i>A-kotò</i> jogo, joguei                |
| <i>E-cotò</i> furtas, furtaste                    | <i>Re-kotó</i> joga, jogaste              |
| <i>I-cotó</i> furta, furtou                       | <i>O-kotó</i> joga, jogou                 |
| <i>Hi-cotó-de</i> furtamos, furtámos (nós outros) | <i>Ro-kotó</i> jogamos, etc. (nós outros) |
| <i>Ou-cotó-à</i> furtamos, furtámos (nós todos)   | <i>Ja-kotó</i> jogamos, etc. (nós todos)  |
| <i>E-cotó-à</i> furtaes, furtastes                | <i>Pe-kotó</i> jogais, etc.               |
| <i>I-cotó-à</i> furtam, furtaram                  | <i>O-kotó</i> jogam, etc.                 |

O verbo *kotó* jogar é neutro, mas para evidenciar as deducções permitta-se-nos tractal-o como si fosse activo na LINGUA GERAL. Como verbo activo elle admittiria uma conjugação com os pronomes accusativos ou pacientes nos termos seguintes: *che kotó* joga-me, *jogam-me*, *jogou-me*, *jogaram-me*; *nde kotó* joga-te, etc., *i kotó* joga-o, etc., *oré kotó* joga-nos (nos outros) etc., *jandé kotó* joga-nos (nos todos) etc., *pendé kotó* joga-vos etc., *i kotó* joga-os etc.

Vejam os também como se comportam os substantivos, e confrontemos a chamada 1.ª DECLINAÇÃO de Mamiani com o que lhe deve corresponder na LINGUA GERAL.

*Padzú* evidentemente é dicção oriunda do portuguez. Tomando da LINGUA GERAL alguma que tenha semelhança nas vozes temos *pái* redenho, *paijé* o augur, o medico etc., mas preferimos *paï* que também parece ter sido recebida do portuguez e do hispanhol, e significa pai e padre. Temos em:

| KIRIRI             | PORTUGUEZ                 | LINGUA GERAL     |
|--------------------|---------------------------|------------------|
| <i>Hi-padzú</i>    | meu pai                   | <i>che paï</i>   |
| <i>E-padzú</i>     | teu pai                   | <i>nde paï</i>   |
| <i>I-padzú</i>     | pai delle                 | <i>i paï</i>     |
| <i>Hi-padzú-de</i> | nosso pai (de nós-outros) | <i>oré paï</i>   |
| <i>Cu-padzú-a</i>  | nosso pai (de nós-todos)  | <i>jandé paï</i> |
| <i>E-padzú-a</i>   | vosso pai                 | <i>pende paï</i> |
| <i>I-padzú-a</i>   | pai delles                | <i>i paï</i>     |

Para o que o padre Mamiani chama reciproco e do mesmo modo Montoya, Anchieta etc., temos em KIRIRI: *di-padzú* seu pai (delle ou delles, della ou dellas), e na LINGUA GERAL: *o-paï* seu pai etc.

2.ª Declinação: buscando na LINGUA GERAL um

verbo que sõe parecido com *arancre* ter pejo, embora de significado differente vem *ad rem* o verbo *kyhyjé* temer por importar certas reflexões. Montoya o dá neutro e conjugavel com os prefixos *a, re, o* etc.; com os pronomes o faz substantivo *che kyhyjé* meu temor, mas em escripto paraguayano eu o acho agglutinado com o verbo *ár* na fórma seguinte, que deduzo já comparada com o KIRIRI :

| KIRIRI                                | LINGUA GERAL                               |
|---------------------------------------|--------------------------------------------|
| <i>Hi-arancre</i> pejo-me             | <i>che-ar-ekyhyjé</i> temo-me              |
| <i>Ey-arancre</i> pejas-te            | <i>nde-ar-ekyhyjé</i> temes-te             |
| <i>S-arancre</i> peja-se              | <i>ij-ar-ekyhyjé</i> teme-se               |
| <i>Hi-arancre-de</i> pejamo-nos (nós) | <i>oré-ar-ekyhyjé</i> tememo-nos (nós)     |
| <i>C-arancre-á</i> pejamo-nos (todos) | <i>jandé-ar-ekyhyjé</i> tememo-nos (todos) |
| <i>Ey-arancre-à</i> pejais-vos        | <i>pende-ar-ekyhyjé</i> temei-vos          |
| <i>S-arancre-á</i> pejam-se           | <i>ij-ar-ekyhyjé</i> temem-se              |

Si não estivesse interposto o verbo *ar* na phrase BRASIL ter-se-hia a fórma absoluta *tekyhyjé* temer, o temor que daria *che-rekyhyjé* ou contracto *che-kyhyjé* (como dá Montoya), *nde kyhyjé*, *hekyhyjé* temor delle, *guèkyhyjé* seu temor etc. A terceira pessoa *hekyhyjé* tem o *h* inicial representado por *ç* pelos portuguezes, e que corresponde ao *s* do KIRIRI.

Esta analogia do *s* com o *h* vê-se bem na declinação do substantivo:

| KIRIRI                    | LINGUA GERAL                                           |
|---------------------------|--------------------------------------------------------|
| <i>hi-ambé</i> minha paga | <i>che-repy</i> minha paga, <i>che rembé</i> meu beijo |
| <i>ey-ambé</i> tua paga   | <i>nde-repy</i> etc, <i>nde rembé</i> etc.             |
| <i>s-ambé</i> etc.        | <i>h-epy, h-embé</i>                                   |
| <i>hi-ambé-de</i>         | <i>oré-repy, oré rembé</i>                             |
| <i>c-ambé-á</i>           | <i>jandé-repy, jandé-rembé</i>                         |
| <i>ey-ambé-à</i>          | <i>pende-repy, peénd-embé</i>                          |
| <i>s-ambé-á</i>           | <i>h-epy, h-embé</i>                                   |

Para não alongar excessivamente esta comparação resumamos o que ha a dizer sobre as outras tres declinações que se fundem na precedente, á qual reportam-se as dicções de *t* inicial da LINGUA GERAL, pois que ahi temos *tepy* a paga, *tembé* o beijo em geral. Os trez exemplos apresentados nas trez ultimas declinações de Mamiani são: *ebayà* unha, *baté* morada, *býrô* barriga, que segundo o que notamos precedentemente devem ser *débayà*, *debaté*, *debýrô*, sendo o *d* equivalente ao *t* da LINGUA GERAL. Nesta temos parallelamente *tuguái* cauda no TESORO DE LA LENGUA GUARANI, mas *tobája* no DICCIONARIO BRASILIANO (escripto *çcbayá*), que com os pronomes faz *che-ruguái*, *nde ruguái*, *huguái* etc., ou *che robája*, *nde robája*, *hobája*. Lembra a dicção *debaté* o fallar da LINGUA GERAL *tyb-eté*, que se póde traduzir por pouso real, effectivo, e assim *che-ryb-eté*, *nde-ryb-eté*, *hyb-eté* etc. A 3.<sup>a</sup> dicção *debýrô* (barriga) é comparavel á *tebé* barriga na LINGUA GERAL, á qual se junctasse um adjectivo *rô*, e assim compondo-a com os pronomes temos: *che rebé*, *nde rebé*, *hebé* etc.

Considerando essas trez declinações em relação aos verbos temos ainda a mesma cousa para a 3.<sup>a</sup> declinação.

KIRIRI

LINGUA GERAL

*Hi-dz-eicó* descanso

*E-dz-eicó* descansas

*S-eicó* descansa

*Hi-dz-eicó-dè* etc.

*K-eicó-à*

*E-dz-eicó-à*

*S - eicó-à*

*a-ikó* estou *che-r-ekó* meu estar

*re-ikó* estás *nde-r-ekó* o teu estar

*o-ikó* está *h ekó* etc.

*ro-ikó* etc *oré-r-ekó*

*já-ikó* etc *jandé-r-ekó*

*pe-ikó* etc *pendé-r-ekó*

*o-ikó* etc *h-ekó*

Semelhantemente para a 4.<sup>a</sup> declinação.

| KIRIRI                 | LINGUA GERAL                                          |
|------------------------|-------------------------------------------------------|
| <i>Hi-pá</i> sou morto | <i>a-páb</i> sou acabado, <i>che-páb</i> o meu acabar |
| <i>E-pá</i> és morto   | <i>re-páb</i> és acabado, <i>nde páb</i> teu acabar   |
| <i>Si-pá</i> é morto   | <i>o-páb</i> é acabado, <i>o-páb</i> o acabar delle   |
| etc. etc.              | etc. etc. etc. etc.                                   |

*Páb* na LINGUA GERAL pertence á classe das dicções que têm o relativo *i* e não *h*, como as começadas por *t*.

A 5.<sup>a</sup> declinação é muito mais irregular. Na LINGUA GERAL *uká* significa mandar; dão-no como existente só em composição, mas já encontrei phrase intraduzível si não acceitar-se o verbo *luká* obrigar.

Assim temos:

| KIRIRI                | LINGUA GERAL                                        |
|-----------------------|-----------------------------------------------------|
| <i>Dzucá</i> amo      | <i>a-ruká</i> obrigo, <i>che-re-ruká</i> obrigam-me |
| <i>Acá</i> amas       | <i>re-ruká</i> etc., <i>nde-re-ruká</i> obrigam-te  |
| <i>Cucá</i> ama       | <i>ogue-ruká</i> etc., <i>h-e-ruká</i> obrigam-no   |
| <i>Dzucadè</i> amamos | <i>ro-ruká</i> , etc., <i>orè-re-ruká</i>           |
| <i>Cucaá</i> amamos   | <i>já-ruká</i> etc., <i>jānde-re-ruká</i>           |
| <i>Acaá</i> a mais    | <i>pe-ruká</i> , etc., <i>peè-nde-ruká</i>          |
| <i>Sucaá</i> amam     | <i>o-ruká</i> , etc., <i>h-e-ruká</i>               |

Para ultimar esta confrontação da conjugação no tempo e modo indicativo, que Mamiani chama declinação, vamos apresentar a conjugação do gerundio na LINGUA GERAL, cuja prepositiva pronominal ainda fornece semelhança com o KIRIRI. Sirva nos de exemplo o verbo *pab* (acabar-se, ser acabado). No gerundio elle se conjuga: *gui-pába* acabando-me eu, *e-pába* acabando-te tu, *o-pába* acabando-se elle, *ro-pába* acabando-nos (nós outros), *ja-pába*

acabando-nos (nós todos), *pe-pába* acabando-vos vós, *o-pába* acabando-se elles.

Ao examinarmos os designativos pessoaes ou pronominas vimos simultaneamente a conjugação no tempo impropriamente chamado PRESENTE do indicativo. Quanto aos designativos pessoaes falta-nos apenas notar que o KIRIRI é comparativamente mais pobre que a LINGUA GERAL e outras, principalmente o CHILIDUGU; faltam-lhe em geral designativos especiaes para os pronomes pacientes ou accusativos, dos quaes alguns são chamados TRANSIÇÕES em muitas grammaticas. Em KIRIRI os designativos pessoaes servindo de sujeito, são os mesmos servindo de paciente e são tambem os possessivos.

Prescindindo de muitas outras considerações que alongariam extremamente esta carta, notarei apenas de passagem que no RELATIVO (NOME RELATIVO o chama Mamiani) está em grande parte a construcção da phrase em KIRIRI, do mesmo modo que na maior parte das linguas americanas. É nesse modo de exprimir a relação por fórmulas do infinitivo, e fórmulas que se podem chamar de participios, e ao mesmo tempo na agglutinação de certos radicaes attributivos, como os doze que menciona Mamiani na pag. 53, que consiste a maior difficuldade da grammatica dessas linguas, que não somente carecem de casos, mas ainda são pobres de conjuncções, e por isso não podem construir periodos de longa extensão, comprehendendo muitas orações ligadas ou subordinadas entre si. Por isso em geral a phrase em lingua americana em vez de formar um todo, como nas linguas europeas, em que as circumstancias e modificações são expressas por

complementos que contém orações subordinadas ou incidentes, a phrase é incisiva, curta por via de regra, e dividida em tantas orações separadas quantas as circumstancias, assemelhando-se por isso ao modo de dizer que se nota na Biblia, e nos escriptos hebraicos.

Por não verem isto, e por quererem adaptar ás grammaticas europeas a construcção da phrase em lingua americana, é que os que escreveram grammaticas dessas linguas, e nesse numero entra o p.º Mamiani, multiplicam os tempos e os modos dos verbos, procurando particulas e formas adverbias para forjar tempos correspondentes aos da lingua europea, que fallavam. O snr. major Sympson, que ultimamente publicou uma GRAMMATICA DA LINGUA BRASILEIRA GERAL FALLADA NO PARÁ E AMAZONAS, levou isso ao maior apuro possivel, e arranjou tempos a valer para a LINGUA GERAL, pondo-os em correspondencia com os que constam das grammaticas portuguezas.

Aqui não é possivel, v. s. bem vê, desenvolver em algumas linhas o que vem delineado em algumas paginas da grammatica do ABAÑEËNGA, e tudo quanto é expellido com menos clareza se ressent da necessidade de reportarmos-nos ao que vem mais desenvolvido na mencionada grammatica.

Concluirei o que posso dizer sobre a conjugação com a observação de que no modo infinito, nos gerundios, supinos, participios e verbaes está o principal dos verbos KIRRI, como das outras linguas americanas, e que o p.º Mamiani ahí é deficiente, ao passo que superabunda fantasiando outros modos e tempos. O modo imperativo por exemplo em nada se differença do modo permissivo. Os preteritos e futuros multi-

plicados segundo os modos são um só cada um e tirados da fôrma simples do infinito, etc.

Comparando com tudo os chamados modos do KIRIRI com os da LINGUA GERAL podem-se ainda notar algumas semelhanças.

Como designativo dos modos imperativo e permissivo dá o p.<sup>o</sup> Mamiani a prepositiva *do*. Lembrando-nos do que acima expendemos, e reduzida esta prepositiva ao seu elemento essencial, temos a letra *d* que supuzemos equivalente ao *t* da LINGUA GERAL. Ainda nesta lingua este *t* é mencionado por Montoya, Anchieta e Figueira como a prepositiva do modo permissivo. Temos assim no :

KIRIRI

*Do hi cotó* que eu furte  
*Dó e cotó* que tu furtes  
*Do i cotó* que elle furte  
 etc.            etc.

LINGUA GERAL

*T-a-kotó* que eu jogue  
*Te re-kotó* que tu jogue  
*T-o-kotó* que elle jogue  
 etc.            etc.

ou conjugando-o com o chamado pronome das grammaticas da LINGUA GERAL: *ta-che-kotó*, *ta-nde-kotó*, *ti-kotó* etc.

O optativo em KIRIRI é o mesmo infinitivo com uma pospositiva justamente como na LINGUA GERAL; a pospositiva porém de um idioma não tem immediata semelhança com a do outro: *Hi-coto proh* eu furtar quem dera em KIRIRI, *Che kotó momã* ou *temomã* jogar-me quem dera na LINGUA GERAL. Como todas as syllabas compostas com *cr*, *pr* etc. em KIRIRI a voz *proh* parece-me contracta de *poroh*, e nesta fôrma apparecem os dois elementos *po* (ou *mo*) e *ro* que na LINGUA GERAL são os formadores de verbos activos e até certo ponto podem-se considerar particulas da ordem das 12

mencionadas por Mamiani na pag. 53. O modo conjunctivo a final é exactamente o gerundio tanto no KIRIRI como na LINGUA GERAL. A differença principal é que Mamiani faz figurar no conjunctivo tanto o gerundio que tem pospositiva, como o que tem prepositiva, e as grammaticas da LINGUA GERAL só apresentam no conjunctivo o gerundio com pospositiva.

A semelhança das duas linguas dá-se pois ainda no factio de serem os inculcados modos optativo e conjunctivo apenas formas do infinitivo e do gerundio subordinados a uma dicção (podiamos dizer — a um verbo) regente.

A final concordam ainda no factio de serem ricas ambas em particulas da ordem d'aquellas, que Mamiani menciona nas pag. 53 e 94, particulas que os grammaticos não podem comprehender nem nos pronomes ou preposições, nem nos adverbios, verbos ou nomes e para as quaes, vê-se que elles o sentem, seria necessario crear uma nova cathegoria grammatical, desconhecida às linguas europeas.

Mais uma reflexão.

Essas particulas que, do modo como as apresentam as grammaticas, parecem ser *determinativas* como os pronomes, preposições etc., realmente são *attributivas* contractas, (quasi sempre verbos) que se agglomeram a outras attributivas e com ellas formam corpo, ou ás vezes ficam separadas, mas regendo-as immediatamente, e então constituindo verdadeira phrase. Na lingua geral: *Che ho-hasá-byb o-kuá* temos em *che* a parte pronominal, em *hó* o verbo ir e *hab* a pospositiva que o torna substantivo, em *byb* uma das taes particulas, em *o* um pronome, em *kuab* o verbo

passar-se, e essa phrase é traduzida por Montoya o dia em que tinha me determinado ir-me passou-se.

Essa particula *byb* é de um lado attributiva, pois representa o verbo determinar, resolver, decidir, de outro lado determinativa, porque na phrase figura como uma das pospositivas que modificam o verbo.

Assim tambem a particula *ró* do KIRIRI para nomes de vestidos, pannos, vestes, etc. ella lembra o *tob* da LINGUA GERAL, que em certos casos muda-se em *rób*, *héb*, *guób* e significa em geral folha, mas tambem exprime o que tapa, o que veste etc. e o derivado *aób* roupa.

Dahi, em KIRIRI o radical attributivo n'um sentido determinativo, com a voz por exemplo que exprimisse algodão, elles não diriam o meu algodão, mas o algodão que me veste, a minha roupa de algodão. Se do algodão a parte empregada fosse o oleo, diriam o meo unto de algodão, a minha luz de algodão, etc.

Nem são só as particulas enumeradas na pag. 53 as que estão neste caso; na pag. 94 vem outras de identica natureza, que se parecem com as mencionadas em varias grammaticas americanas e tambem nas da LINGUA GERAL, como meras particulas de elegancia ou reforçativas, mas que são realmente radicaes attributivos servindo de determinativos.

Passemos á confrontação lexica. Como não tenho vocabulario do KIRIRI, e além disso as dicções que constam da grammatica e do catechismo não estão coordenadas, limito-me a confrontar só aquellas que de prompto occorrerem. Deste modo escaparão muitas dicções, mas o pouco que apresento já serve para patentear o parentesco.

O proprio Mamiani indica que os radicaes do KIRIRI

são monosyllabicos. Na LINGUA GERAL tudo induz a crêr que tambem o são, embora muitos vocabulos de mais de uma syllaba não possam á primeira vista decompôr-se. Na LINGUA GERAL dicções como *tembé* fazem suppôr o monosyllabo *bé* borda, margem, beira como o dá o KIRIRI, e *tem* do verbo *ẽ* sahir, e este *tem* significando o que sae, sahido, saliente, proeminente. Na dicção *tebé* barriga (da LINGUA GERAL) a syllaba *be* parece ser transformada de *pe* superficie, tez, parte externa, e precedido do determinativo absoluto *t* indica o que é superficial, a parte externa do ventre. No KIRIRI temos as dicções *canghité* obra bôa, e *canghikié* doente, derivados de *canghi* bom, a 1.<sup>a</sup> com a pospositiva *te*, propria de participios passivos, e a 2.<sup>a</sup> com a negativa *kié*, que dá ao radical significação contraria. Mas *canghi* é equiparavel a *kang*, enxuto, secco, limpo na LINGUA GERAL, e do qual derivam-se outros vocabulos como *esakang* diaphano, transparente, claro.

Assim pois para se fazer um verdadeiro confronto destas linguas, seria preciso debulhar as suas dicções, esmiuçando os diversos sentidos que poderia offerecer a significação principal do radical. Onde nos levaria isto? aponto pois apenas a marcha que seguiria si tivesse vagar para fazer a comparação dos diversos idiomas americanos e descobrir as suas affinidades.

O nome de agglutinativas dado ás linguas americanas tem a sua razão de ser no facto de existirem vocabulos compostos, cujos radicaes se acham por assim dizer conglomerados, fundidos uns com os outros; nessa condensação dos radicaes, elles naturalmente perdem parte dos sons elementares, transformam-se etc., de maneira que se torna quasi impossivel destrinchal-os ;

e apenas é possível por analogias e induções suppôl-os existentes, e isso muito arriscadamente.

*Cobé* testa em KIRIRI reporta-nos talvez a *kang* osso na LINGUA GERAL, onde temos ainda *akang* craneo, cabeça, *akampé* cabeça chata e também a superfície da cabeça, e d'ahi é possível *kopé* a parte chata do craneo ou da cabeça. Attendendo-se de preferencia aos sons e não ao sentido temos na LINGUA GERAL *kupé* as espadoas, as costas. Depois disso temos *conecá* toutiço em KIRIRI, e *atyká* na LINGUA GERAL quer dizer dar nas fontes, espancar os temporaes, e também pregar, fincar. Assim talvez fosse possível reportar *conecá* toutiço em KIRIRI a *aká-nyká* na LINGUA GERAL significando o fincamento do craneo, de um modo analogo ao que vemos em *mocotó* = *mbokotóg* o que joga, move-se, o que faz jogo, para exprimir o que nos chamamos juncta, junctura; demais o vocabulo *mbokotó* significa propriamente o tornozello, e o sentido etymologico de tornozello talvez seja analogo. Isto na LINGUA GERAL; no KIRIRI achamos *cudu* Joelho e *ecudu* juntas do corpo.

Estas vozes lembram também *codo* hispanhol, que significa cotovello. Serão dessa procedencia as palavras americanas *cudu*, *ecudu* e *mocotó*? não me parece. Frei D. Vieira deriva o termo portuguez *côto* de *cubitus*, donde também o hispanhol *codo*, e si bem que não ache esse vocabulo no dictionario de Diez, acho razão em Vieira. Veja-se adiante *cotó*.

Apresento pura e simplesmente estas considerações para se vêr até que ponto poderia ser levada a analyse e confronto das dicções, e vamos á pôr em paralelo unicamente aquellas que evidentemente são mais parecidas umas com as outras.

Eis uma lista de vocabulos do KIRIRI bastantemente

parecidos com os da LINGUA GERAL; vão marcados, para abreviar, pelas respectivas iniciaes (k.) e (lg.) os vocabulos de uma e outra lingua.

*ambé* (k.) paga, *hepy* (lg.) paga.

*ambú* (k.) cilada, *ambyi* (lg.) lado, talvez em composição com *ur vir*, dando *ambyi-ú vir de lado*.

*amprí* (k.) fronteiro, *amboypy* (lg.) o lado opposto, fronteiro.

*anhã* (k.) tia, *anã* (lg.) parente.

*anhi* (k.) alma, *ang* (lg.) alma, sombra.

*aribá* (k.) prato, *ar-ybá* (lg.) fructo de colher, de receber.

*awi* (k.) agulha *abi* (lg.) agulha (na costa), *abi* cabellino (no interior).

*babásité* (k.) espeto, *babag* (lg.) o que se revira, volve; *te* (k.) pospositiva de participio.

*bacobá* (k.) banana, *pakobá* (lg.) idem.

*badí* (k.) ornato de pennas, pela primeira syllaba lembra *ubá* (lg.) forro.

*badzè* fumo, *petỹ* fumo. A troca entre *p b* nada tem de notavel; *dz* póde corresponder a *t* tanto mais quanto ahi figura a vogal especial *y*, e portanto é mui possivel que *dzè* corresponda a *ty*. Adiante veremos *dzu* equiparavel a *ty*, e no Amazonas é agua corresponde ao antigo *y* agua. Resta pois a troca das vogaes *a* e *e*. Tem-se ainda *bedzè* (k.) cabo de instrumento: na (lg.) *yb* significa tambem CABO, *fy* machado. Em (k.) o genitivo segue-se ao nome que o rege.

*baeké* (k.) sobrinha, *yké* (lg.) irmã mais moça.

*baerú* (k.) calcanhar, *pyrú* (lg.) pisar, calcar os pés.

*bakiribú* (k.) pente. Na (lg.) *kyb* piolho, *kybú* catar; *kybáb* pente entre os TUPIS, e *kigua* pente entre os GUARANIS.

*baté* (k.) morada, talvez de *tyba-clé* (lg.) o mesmo sentido.

*bé* (k.) beira, é a segunda syllaba de *tembé* (lg.) beijo, e talvez o radical porque *tem* lembra uma das determinativas com que se formam participios.

*bebaté* (k.) fontes da cabeça, veja-se *atyb* (lg.) fontes, que pôde admittir a composição *atyb-clé*. Note-se tambem o verbo *atybeteg* entre cujas significações está o palpi-tar das fontes.

*by* (k.) pés, *py* (lg.) pés.

*bydi* (k.) cinzas, *py* (lg.) pé, sedimento, *tĩ* branco, ou ainda *yty* cisco.

*byké* irmã mais moça, *yké* (lg.) idem.

*býrae* (k.) irmão mais moço, *tybyr* (lg.) idem.

*bó* (k.) braço, *pó* (lg.) mão, e tambem tronco e fibra.

*bocó* (k.) algibeira, *mbokog* (lg.) trazer matalotagem.

*bú* (k.) espiga, vejam-se os verbos (lg.) *búr* brotar, *byr* levantar-se, crescer espigar.

*bucupy* (k.) frecha do milho, *yb-kupy* (lg.) perna de arvore.

*budewó* (k.) sepultura, veja-se *yby* terra, *tyb* jazer, *tybyr* sepultura.

*buibu* (k.) cabaça, lembra *bebui*, (lg.) leve, leviano, boiante. Ainda hoje se usa de duas cabaças ligadas por uma corda, como duas hexigas para se aprender a nadar.

*buicú* (k.) frecha, *uyb-ukú* (lg.) frecha longa.

*buré* (k.) mão, *tebir* (lg.) sodomita, e *tebiró* malvado.

*burehé* (k.) papas, *mbiresy* ou *hembiresy* (lg.) assado.

*buró* (k.) casca, *pirér* (lg.) couro, pelle, casca.

*edrai* (k.) branco, idem na (lg.)

*cayá* (k.) noite; a .1.<sup>a</sup> syllaba é a mesma de *kaarú* a tarde, na (lg.)

*cayē* (k.) manhã até certo ponto lembra *koē* manhã (lg.)

*co* (k.) fogagem, *koō* (lg.) arder, queimar, e tambem ardor, comichão.

*Cotò* (k.) virote, *kutug* (lg.) furar, e, o que fura.

Veja-se acima o que dissemos a proposito de *codu* e *ecudu*. Em portuguez temos *côto* e *cotó*; o 1.º Moraes e com elle Constancio e outros derivam do arabe, mas Dozy não no menciona; o 2.º *cotó* (especie de espada curta) Moraes, e os outros com elle, derivam do francez *couteau*; não parece accetavel esta etymologia, e propendo a crêr que *cotó* no portuguez procede de lingua americana, como *mingaú*, *pirão* etc. Usado em Minas, S. Paulo e outros lugares ha ainda o adjectivo vulgar *cotó* exprimiudo curto e grosso, que me parece tambem puro BRASILISMO.

*cramemu* (k.) caixa, *karamemuã* em TUPI, *karamenguã* em GUARANI.

*cro* (k.) pedra; notando-se que na (lg.) não ha concomitancia de consoantes póde-se suppôr que *cro* desdobre-se em *coro* e então compare-se a *kurúb* torrão, seixo.

*cradzó* (k.) vacca, carne, *kara-soó* (lg.) animal, (ou carne de animal) européo.

*crobecá* (k.) cuya, (a metade da cabaça, ou a cabaça partida). No TESORO, vem *kurugua* como nome de umas cabaças coloridas, e *peká* quer dizer abrir, partir, rachar.

*cu* (k.) liquor, *tykú* (lg.) cousa liquefacta; confrontese *dzu* (k.) agua com *ty* (lg.) liquido, lymphá.

*cucu* (k.) tio, *gúb* (lg.) seu pai. A repetição das syllabas *gugúb* póde servir para exprimir o plural seus pais.

*codu* (k.) joelho veja-se *kológ* (lg.) jogar, donde *mbokotog* junctura. Mamiani dá ainda *ecudu* juntas do corpo

*cuibò* (k.) pó que fica da farinha; na (lg.) temos *kuí* pó, farinha etc, e esta dicção com a pospositiva *bór* ou

*pór* (quasi sempre sem o *r* final) significa pulverulento, farinhoso.

*de* (k.) mãe; si o *d*, como diz Mamiani, se pronuncia tão brandamente que se não conhece, *de* pode ser equiparável a *sy* (lg.) mãe, tanto mais quanto vemos na LINGUA GERAL o *t* tornar-se *h* quando é relativo, e *h* já em muitas vozes mudou-se em *s*. Não é pois estranho que ao *t* da (lg.) mais uma vez se equipare o *d* (k.)

*dedenhé* tia, composto derivado do precedente; na (lg.) ha *syy* tia.

*dubé* (k.) aio, *tubé* (lg.) pai diferente, padrasto e tambem tutor.

*dzá* (k.) dente, *tái* o mesmo significado em (lg.) (*dz*=*t* já notamos).

*dzacá* (k.) sogro, reporta-se ao radical de *mbośaká*, que Montoya traduz por estimavel, louvado etc.; o *mous-sacate* de Lery.

*dzé* (k.) nome, *tér* (lg.) o mesmo significado.

*dzidè* (k.) camarada mulher; já confrontou-se *de* mãe; em *dzidè* evidentemente a primeira syllaba é parte pronominal e determinativa, *dzidè* póde pois significar a mãe delles, isto é, dos outros, dos irmãos só por parte paterna.

*dzò* (k.) mezinha, e chuva, assim como *dzu* agua, reportam-se a *ty* (lg.) liquido, e mais uma vez vê-se *dz* equiparável a *t* como dicção determinativa, porque na (lg.) temos *y* agua, e *ty* o que é liquido, em geral. No TESORO vem *ty* tambem com o significado de caldo, sumo etc; *dzo* em (k.) significando beberagem, tisana, approxima-se de *dzu* agua.

*einhé* (k.) noticia, compare-se com *teinhéa* fabulas em Gonçalves Dias; para mim é *teyi-néhá*, fallares, dizeres da turba.

*enki* (k.) criação, suggere alguma composição com o radical attributivo de *toky* (lg.) broto, renovo; na palavra vulgar de origem brazilica *cambuquira* grellos de aboboreira, está o radical *ky* brotar, crescer, criar-se.

Nota geral. As dicções começadas por *e*, com poucas excepções pertencentes á 1ª declinação de Mamiãni, são pela maior parte das outras 4, as quaes são regidas pela particula pronominal *s*; assim parece que o *e* quasi sempre é complementar dessa particula demonstrativa.

*etsamý* (k.) parente, compare-se com *tamô* ou *tamú* (lg.) avô.

*ewô* (k.) rasto, o som de *w* é comparavel ao *h* no verbo *ho* (lg.) ir; com a determinativa anteposta pôde significar por onde se foi.

*eyapó* (k.) crueiras da mandioca, (como diz Moraes, a parte que não passa nas peneiras); *hapó* (lg.) raiz, e si *ey* costuma ser pronominal ha tambem *ým* ou *y<sup>h</sup>* que significa em geral arvore, e que figura em *ymyrá* madeira, em *hýbir* ou *hymbir*, fibra, (o que chamam vulgarmente *embira*) etc. Assim pois *eyapo* (k.) pôde significar raiz de fibras, a que não passa na peneira.

*he* (k.) tripas, é a ultima syllaba de *tyjé* (que Montoya escreve *tjé*) barriga, tripa.

*hebarú* (k.) tronco de pão; *yba* (lg.) é fructo de arvore, mas acha-se tambem designando arvore, pão, cabo ou cabeça de flecha; *ru* tem muitos sentidos.

*hó* (k.) fio; em (lg.) *pó* fio, fibra, mas em *amandijú* algodão, a ultima syllaba *ju* suggere *jo* ou *hó*, e as immediatamente precedentes são comparaveis a *endi* (k) algodão. Veja-se ainda *habijú* pello, vello, pennugem.

*iwó* (k.) rio, lembra (lg.) *y* rio agua, *hó* ir.

*yaentã* (k.) tacaara ; já notou-se que o genitivo em (lg.) precede e no (k.) vai primeiro o nome regente : a syllaba *ta* é primeira na dicção da (lg.) e ultima na dicção (k.) ; *kuara* na (lg.) significa buraco, vão, e *ẽ* ou *emb* significa vazio.

*kitci* (k.) arêa. Confronte-se *kui* (lg.) farinha, pó em geral *yby-kui* pó de terra, arêa, *yby-kui-ty* arêal, *yby-kui-tĩ* poeira.

*kydi* (k.) bolor, não deixa de soar um pouco semelhante a *kati*, mão cheiro, fedor.

*kyhiki* (k.) peneira ; veja-se *kusú* (lg.) ou *kuhú* peneirado, *mbokusù* peneirar.

*maenã* (k.) *paliçada* lembra o verbo *maenã*, espiar, fazer vedeta.

*marã* (k.) inimigo, significa em (lg.) desordem, motim, mas ha tambem *humarã*, o que busca desordem, desordeiro e inimigo.

*me* que significa osso e genipapo em k., tem na LINGUA GERAL o significado de masculino, varão, homem, marido, diz tambem introduzir, metter.

*meratã* (k.) ferro corresponderia a *menãtã* (lg.) homem forte.

*mu* (k.) raiz exprime em (lg.) parentesco, e lembra tambem *mo* a prepositiva formadora de verbos activos. Além disso a ultima de *hapó* (lg.) raiz, podia variar em *mo* e *mu*.

*mucri* (k.) embigo ; para se comparar a (lg.) devêra se desdobrar em *mukiri*, e então temos formação semelhante á que se vê em *kambukyra*, e *bukyra* ou *bykyra* vem de *py* centro e *kyr* ponta, bico.

*muhẽ* (k.) rede de pescar, em (lg.) *pyhá* ou *pysá* rede; demais o verbo *pyhy* pegar, colher produz o substantivo verbal *pyhyhá* o com que se colhe.

*naembi* (k.) nariz; discorda, pois *nambi* em (lg.) é orelha.

*nhecarã* (k.) fanhoso; veja-se (lg.) *kororõ* rosnar, roncar.

*nhupy* (k.) vinho de milho, sôa semelhante a *jupyr*, comestíveis e bebidas.

*nhike* (k.) avó; *tyké* (lg.) irmã mais velha.

*pepete* (k.) palma do pé dá Mamiani, quando dá *by* pé; assim *pepetè* corresponde antes a *py-pyté* (lg.) para o sentido de palma do pé.

*pité*, rede (k.) derivado do verbo *pi* estar, com a pospositiva *té* apresenta uma formação análoga a *keháb* de *ké* dormir, a *tupáb* de *túb* estar, fazer, a *ini* de *ĩ* estar deitado, e *keháb* (lugar em que se dorme), *tupáb* (lugar em que se está sentado), *ini* (aquillo em que se dorme), todos trez também significam rede. Pelo som o vocabulo (k.) aproxima-se de *pytá* (lg.) ficar, pousar.

*pycá* (k.) banco, evidentemente como *apykáb* (lg.) banco, assento.

*paewi* (k.) cachimbo; considere-se *petý* (lg.) tabaco, fumo; *petýgua* é o cachimbo, mas *petýyb* é o tubo, a haste do cachimbo.

*pi* (k.) pequeno; notando-se que *b*, *p*, *m* (lg.) se alternam acha-se nessa lingua *mĩ* pequeno.

*py* (k.) capim, *kapii* (lg.) idem.

*pò* em (k.) é olho mas na LINGUA GERAL é mão, e significa também fibra, fio. Entre as dicções monosyllabicas do KIRIRI são muitas as que differem da LINGUA GERAL no significado, mas então acham-se estes monosyllabos em outras linguas com significação identica.

*potù* (k.) medonho, *pytĩ* (lg.) escuro, tenebroso.

*popò* (k.) irmão mais velho, *popor* (lg.) NO TESORO vem como brotar, mas a repetição da syllaba indica mais que brotar e póde-se dizer no sentido de mais brotado, viçoso.

*prenhè* (k.) figado, *peréb* e *perebt* (lg.) baço.

*ro* (k.) vestido, veja-se *tob* (lg.) folha, que conforme os

casos muda o *t* em *r*, *h*, e *gu*; assim *kad-rób* folha do matto; veja-se ainda *abó* (lg.) roupa.

*rendé* (k.) camarada, reporta-nos a *teindy* (lg.) irmã ou prima, cujo *t* é mudavel em *r*, *h*, *gu*; *che reindy* minha irmã.

*se* (k.) senhor, suggere que o verbo *e* (lg.) dizer, pensar, mandar, faz n'um dos participios *jára* o que diz, pensa, manda, o senhor; este verbo, do mesmo modo que o verbo *ĩ* póde admittir uma 3.ª pessoa do indicativo com *h* em vez de *í*, fazendo *he* elle manda.

*si* (k.) coração, na voz corresponde a *sy* (lg.) mãe, que no TESORO GUARANI dá-se ainda como origem, fonte, principio donde procedem as coisas. No *Popel Vuh* chama-se á divindade coração do mundo, e coração do céo.

*sebý* (k.) cadeiras, *tebi* (lg.) que muda o *t* em *r*, *h*, *gu*, significa nadegas.

*sekiki* (k.) carimá ou mandioca de molho, sôa quasi como *tykykú* sorver, mas no sentido corresponde antes a *ty-pybu* sedimento, fezes de cousa fermentada.

*seridzé* (k.) arco, veja-se *syryb* (lg.) ponta de flecha, e a palma de que a fazem; *dzé* que parece incluir uma particula determinativa póde ainda referir-se a *yb* arvore, vara, fuste, haste, assim *seridzé* póde ser vara da flecha.

*sabucá* (k.) gallinha, corresponde a *sapukái* (lg.) o mesmo significado.

*somby* (k.) pendão de milho; tem-se na (lg.) *tumby* cadeiras, os lombos, mas deve ter outro significado ainda, pois que *tumbyky*, significa bico, ponta de qualquer cousa, principalmente de fructas.

*songá* (k.) pennas novas, veja-se *huũ* tenro, molle, macio, *káb* pellos, pennugem. Veja-se tambem *hungá* apalpar, que no TESORO deriva-se tambem de *huũ* tenro.

*tayù* (k.) dinheiro, *itájúb* (lg.) ouro, moeda, dinheiro.

*tekè* (k.) neta, *tykér* (lg.) irmã mais velha.

*tinghi* (k.) canna flecha, *tingi* (lg.) cipó mata-peixe.

*tò* (k.) avó, *túb* (lg.) pai.

*tídzi* (k.) a mulher, a ultima syllaba lembra de *mã*, que já comparamos a *sy* (lg.) *mã*; *ti* póde ser contracto de *teyi*, multidão?

*tu* (k.) polpa, é a primeira syllaba de *tuã* (lg.), que se muda em *ruã*, *huã*, talo, espinha dorsal; e é a primeira syllaba de *tuí* miollos.

*tupã* (k.) deus, idem em (lg.)

*ubó* (k.) fructa, *ybã* (lg.) o mesmo significado.

*waruá* (k.) espelho, *guaruá* (lg.) o mesmo significado.

*wasú* (k.) esquerdo, *jasú* (lg.) o mesmo significado.

*wô* (k.) caminho, *ho* (lg.) ir.

*wô* (k.) perna, póde corresponder a *ub* (lg.) coxa, lembrando-nos que nesta lingua o *b* degenerou em *v*, *u*, e até *o*.

*woré* (k.) encruzilhada, *horé* (lg.) por onde se foi.

Como tem-se alongado de mais esta carta, limite-mo-nos a confrontar alguns verbos, só os que occorrerem mais de prompto.

*andi* (k.) lançar cheiro, concorda nas ultimas syllabas de *teakuandi* (lg.) está exalando bom cheiro.

*bapi* (k.) estar deitado, *guapy* (lg.) estar sentado.

*bohé* (k.) ser ensinado, *mboé* (lg.) ensinar.

*by* (k.) correr, é a segunda syllaba de *jebý* (lg.) voltar, tornar e entra em:

*byté* (k.) tornar, composto com *te* vir. Deste segundo vocabulo vê-se, que mesmo no (k.) *by* tem a significação de repetição pois dá *by* de novo, *té* vir.

*congò* (k.) queimar-se o corpo, pôde-se reportar a *koò* (lg.) arder, e *kái* queimar-se.

*dzunú* (k.) dormir, pode-se comparar com *nenô* (lg.) deitar-se, mormente considerando-se que *dz* é pronominal em (k.) como *ñe* na (lg.).

*eicò* (k.) sarar e descansar, *tekó* (lg.) estar.

*eicó* (k.) haver mister, veja-se *tekó-tébē* (lg.) com o mesmo significado.

*enunhé* (k.) guardar-se, na (lg.) *nenô*i tem o mesmo sentido.

*hò* (k.) vôar, significa em (lg.) ir.

*ibae* (k.) subir, lembra *ybág* (lg.) ceu, *ybaté*, alto.

*keikó* (k.) encobrir, sôa algum tanto como *kwacúb* (lg.) do mesmo significado.

*marū* (k.) pelejar, já vimos *marū* (lg.) desordem, motim, guerra.

*moró* (k.) ser feito encerra os dois monosyllabos *mo* e *ro* (lg.) com que se fazem verbos activos de qualquer verbo neutro ou nome; veja-se *poro*, *moro* no TESORO.

*nhá* morrer, *ár=á* cahir.

*suipú* (k.) fumegar, *pupúr* (lg.) ferver.

*sò* (k.) nascer, *jab* (lg.) o mesmo significado, notando-se que *s* no (k.) e *j* na (lg.) representam os pronomes da 3.ª pessoa.

*sadà* (k.) secar ou estalar sôa como *sátū* ou *hātū* (lg.) duro.

*saicrò* (k.) arrebear as plantas; na (lg.) ha *korô*i brotar, que tambem se apresenta sob a fórma *akoroi*.

*tidzó* (k.) chover; na (lg.) *ty* que dizer sumo, caldo liquido, corrente, e com elle se formam dicções como *tykuá* aguar, *tysē* escorrer, *tyhó* minguar, baixar a corrente; o ultimo sôa como *tidzó*, o qual interpretado pelo (k.) daria *te vir*, *dzó* agua.

*titi* (k.) tremer, *tyty* (lg.) o mesmo significado.

*usé* (k.) alegrar-se, na (lg.) ha *he* saber, ser grato, aprazer, e tambem ser feliz.

*wó* (k.) caminhar, *hó* (lg.) ir.

A asserção de que o KIRIRI soffreu influencia do portuguez, ainda na parte lexica, é confirmada pela existencia de vocabulos como *baetó*, que corresponde a bastão, *bard* a balaio, *keité* a geito, *mama* significando teta, mama, *setu* cesto, *di* ser dado etc. O nome *buke* para veado assemelhando-se a *bouc* bode em francez faria suppôr contacto dos KIRIRIS com os francezes; parece que estes frequentavam a costa brazilica, mesmo antes da vinda de Martim Affonso. Dir-se-ha: além dos limites territoriaes percorridos pelos GUCK segundo Martius, mas sem duvida pois que até o nome KIRIRI encontra-se ainda em Santa Catharina, muito mais fóra desses limites.

De origem portugueza ainda achamos outros vocabulos como *buonhete*, *bondade*, naturalmente formado de *buon* bom com a pospositiva *te* da lingua KIRIRI com que fórma participios e substantivos verbaes. O vocabulo *padzú* pai parece tambem ser de origem portugueza, assim como *paidenhe* e *payé* que significam tio, e qualquer dos dois pela sua terminação suggere um fallar á moda dos TUPIS e GUARANIS, conservado pelos nossos caboclos, dizendo *paí teñé*, isto é, pai no mais ou pai que o digam.

Outro signal desse contacto anterior com europeus tem-se na existencia de vocabulos para exprimir cousas que não lhes eram habituaes no estado selvagem como para roca de fiar, além do fuso; concerto de ferramenta, fazer cortezia, fita, carro, espora etc. Os da LINGUA GERAL tinham

*aób* significando roupa em geral e *ubã* forrar, tapar, vestir, e com estas dicções formaram outras relativas ao traje; mas em KIRIRI achamos já dicções inteiramente diversas umas das outras como *andzè* pannos velhos, *cruté* panno. *sasá* saya de pindoba, *ró* vestido e tudo isto para denotar roupa.

Para ultimarem-se estas ligeiras confrontações observe-se um factó mais geral, apreciando de que maneira uma dada noção era expressa nos diversos dialectos, notando-se assim o remoto ou proximo contacto que tiveram entre si as diversas hordas. Do confronto das dicções para uma só noção não é justo tirar mais amplas conclusões, mas dentro desta introduccão não ha espaço para mais.

Agua na LINGUA GERAL OU ABAÑEËNGA diz-se *y* e na mesma lingua ha tambem *ty* para exprimir liquido genericamente, e o adjectivo *ay* aquoso. No KECHUACALLU e creio que no AYMARÁ agua é *unu* e *yacu* ou *yaco*; no CHILIDUGU afinal é *co*. Esta ultima dicção é a syllaba final do segundo nome KECHUA, e em *unu* é possível suppor-se afinidade do *u* com o *y* da LINGUA GERAL. Nesta lingua porém temos ainda o verbo *tykú* liquefazer-se ou adjectivo liquefacto, e a segunda syllaba desta dicção reporta-nos ao CHILIDUGU. Para o verbo chover e o substantivo chuva temos na LINGUA GERAL (escrevemos (lg.) por abreviar) *toky* (*oky*-chove), no CHILIDUGU (cd.) *maun*, e no KECHUACALLU (kc.) *para*. Esta ultima dicção parece-se com *pará* mar na (lg.) onde ainda ha *paraná* rio (ou o que parece mar).

Estas vozes vamos nós acha-las, mais ou menos alteradas, na maior parte sinão em todos os dialectos ou linguas de cujos vocabularios deu von Martius extractos no 2.º vclume do BEITRÄGE.

Note-se que nem sempre as variantes de escripta correspondem á verdadeira mudança de pronunciação; o mesmo som é escripto de modos diversos segundo os auctores e o valor dos characteres alphabeticos na respectiva lingua. Além disto frequentemente a mesma dicção parece differente só porque vai accompanhada de uma particula determinativa, de um pronome etc.

Temos primeiro 16 dialectos de gente GÉ. A dicção do CHILIDUGU (*co* ou *ko*) com as variantes *cou*, *ku*, *keu* apresenta-se em 7 (talvez 10, pois nos vocabularios falta a dicção correspondente a agua em 3) dos 16 dialectos que Martius attribue ás gentes GÉ. Em mais um (o CORETÚ) agua é designado por *cootabu*, que se póde referir ao mesmo radical *co*. Em 3 vem *zã*, *sã*, *sin* significando agua e estes reportam-se ao KIRIRI *dzu* (que já vimos corresponder de algum modo ao *ty* da LINGUA GERAL), assim como a dicção *aaai-tchu* (do TECUNA). Afinal no CATOQUINA vem *uata-hy* que reporta-nos a (lg.) *y* agua; este além disso compõe o verbo *bber* com a mesma dicção *u* da (lg.) como dizendo beber agua, e a final lavar diz *ghoty*, (*kuti* esfregar roupa (lg.)) No MASACARÁ (um dos 3 a que faltou dicção para agua) vem *tzo* chuva.

No GUAYCURÚ, no GUANÁ, no GUACHI vem respectivamente *ningó* ou *niogodi*, *houna*, *euak*, das quaes a 1.ª dicção reporta-nos ao *co* do CHILIDUGU, e as outras a *unu* e *yacu* do KECHUACALLU.

Dos 5 dialectos GOYATACÁ, 3 trazem *conaham*, *conoan*, *cunuang* para agua, 1 dá *tiang* e 1 *teign*, os primeiros reportando-se ao radical *co*, os segundos um pouco ao *ty* da (lg.) e ligando-se pelas ultimos sons que são nazæas ao modo de designar agua nos dialectos CREN.

Nos 11 dialectos da gente CREN ou GUBREN vemos

agua designado por *magnan, mignan, mugnan, mougnang, mniamad, maguen e nhaman*, e somente divergem: 1.º, muito, o PATAGON, que dá *karra*; 2.º, menos, o MALALI que dá *keché* ou *cheché*, sons susceptíveis de se reportarem á (lg.) onde temos *ky* chuva, *kysy* esfregar, lavar, e *sy* radical de *ysy* resina, *gomma*, etc.; 3.º, o CAMÊ, que dá *goiô*, porahi vae ter ao GUAYCURU e a final ao (cd.) As outras dicções lembram d'um lado *y-nana* agua corrente, e do outro lado *amã=aman* nuvem na (lg.) notando-se que *amandy* (*amã-y*) significa agua de chuva, tempestade, e que *amana* mais para o norte e a final em dialectos das Guyanas designa propriamente chuva. Além disto em (cd.) chuva é *mau*, e chove *maun*, e a esta lingua é licito referir muitas outras dicções dos dialectos CREN.

Noz 27 dialectos que Martius inscreve para as gentes do tronco GUCK é notavel: 1.º, que são poucos os que podem se reportar ao (cd.) e muitos os que vão ter ao (kc.) quer em relação á dicção *unu* quer á outra *yaco*; 2.º, que o vocabulo (k.) para agua não tem quasi nenhum analogo nesses vinte tantos dialectos. Si pois se levasse a confrontação a outras dicções e se achasse o mesmo, ficaria completamente derrotado o grupamento desses 27 dialectos feito por Martius. Mas vamos ás dicções que exprimem agua, e achamos *unüa, uny, uune, ony, oohni* (ou *uné* ou *au-ny*), *yni, weni* (ou *uni*), *nuani* e tambem *duna, dona* (ou *duná tamana*) e ainda *oni passua* que se reportam a *unu* do (kc.) e que são as variantes de 14 dialectos, ou antes 15, levando-se em conta a dicção do CANAMIRIM, que falta, mas que dá *weny* significando rio. Filiando-se á outra dicção *yacu* do (kc.) temos as variantes *uaka, waca, houaca, yacu* (*uaca, kuhua*) para

4 dialectos. Reportando-se directamente á dicção da (lg.) *y* temos *uhu* (ou *uy*), *oy*, *ouy* (ou *auuwy*) para 3 dialectos, e mais outros 3 incluindo o KIRIRI, o SABUJA e o PIMENTEIRA; mas note-se que destes dois ultimos não vem o vocabulo para agua, e que no PIMENTEIRA vem chuva *tujang*, que reporta-nos ao tronco CREN.

A final nos 2 dous ultimos dialectos que faltam para completar os 27 do tronco GUCK temos *oara*, *co-oara*, *ghoara* no JURI, e esta expressão escripta tão instavelmente parece-se com *y-kuára* poço, fonte em (lg.) Por ultimo no dialecto CARAJÁ vem *be-ai* agua, *biou* chuva, *bero* rio e *eno* lago; este ultimo parece reportar a *unu* do (kc.) e *bero* talvez seja referivel a *ybúra* nascida d'agua em (lg.)

Nos 9 dialectos de incerta affinidade temos: *úni* no BARÉ referindo-se ao (kc.), *deco* no CURETU, *oghcoq* no COBEU e TUCANO, *thaco* no JUPUÁ, *nöghböghco* em um dos MIRANHA, todos indo ter ao (cd.) e em parte á (lg.) No outro dialecto MIRANHA temos *nohwi* e *eubi* dos quaes o 1º lembra composição de *unu* e *y* e o 2º é comparavel a *ybúr* da (lg.) o que se repete em *nuhó* o vocabulo do COERUNA. Enfim no JAUNA vem *hoggoz* que lembra *ykuár* da lg.

No JUPUÁ, cujo significado para agua *thaco* leva ao (cd.), apparece *po-upecu* mar, e *ypukú* significa agua comprida em (lg.) Como esta ha ainda outras coincidencias.

Além destes Martius ainda apresenta glossarios de tribus dos limites do Brazil. No dos ARUAC vem *wuni* agua; e na taboa transcripta de Schomburgk comparando 16 dialectos de tribus da Guyana vem agua em ARAWAAK *wuniabbo*, *tuna* em CARIBI e mais 9 dialectos, *oni* em outro, *wune* em outro, referindo-se

todas ao (kc.), *ho* no WARAU que reporta-se á (lg.) assim como *tza* no TARUMA, que tambem lembra o *dzu do* (k.) Dos 16 comparados só fica desconchavado o vocabulo *kuishamina* do dialecto WOYAWAI. De mais 7 dialectos dos confins do Brazil 3 podem referir-se ao (kc.) e são: o OREGONE que dá *ainoe*, o COCAMO *uné*, o PEBA *ain*. Divergem os outros que dão: o YAGUA *haha*, o PANO *umparse*, o IQUITO *aqua* (talvez de lingua europea) o ZAPARA *muriccia*.

Consideremos as diversas orthographias, e as incorrecções de escripta e ainda menores serão as dissimilhaças.

No *Glossaria* vem ainda vocabularios do TAINO, de dialectos de Cuba e outras ilhas, do OYAMBI, do PALICUR e do GALIBI. No TAINO um dos nomes para agua é *amã* (v. *amã* (lg.), na ilha de Cuba vem *agua* (de certo hespanhol) significando rio e *bálana* mar como em KARAIBA; no OYAMBI vem *ih* agua, *amanne* chuva o que é evidentemente da (lg.); no PALICUR *oni* vai ter ao (kc.) e do mesmo modo o GALIBI *touna*, si bem que no mais o GALIBI parece mais aparentado com a (lg.) Esta mistura não é de estranhar porque por exemplo no OMA-GUA incontestavelmente dialecto da (lg.) vem *uni* agua, assim como no KARAIBA já vimos *tuna*.

Na lingua dos MOXO aos quaes Martius filiou os GUKC, agua é *une* como no (kc.), entretanto que no AY-MARÁ que se diz fonte do (kc.), agua é *huma*, e a elle parecem referir-se o VILELA *ma* e o MOBIMA *tomi*. O TAMENACO que Gilii considera parente do CARIBE e diverso do MAIPURE exprime agua com a voz *tuna*, da mesma origem que o *veni* da MAIPURE.

O CHIQUITO (ao qual talvez melhor filiasse Martius

O KIRIRI exprime agua por *tuus* que é mais comparavel a *izú* e como este póde reportar-se a *ty* na (lg.) tanto mais quanto diz *ocirús* rio que lembra *y-syry* agua corrente em (lg.)

Resta-nos vêr como vem expresso agua nos 8 dialectos TUPIS incluídos no *Glossaria linguarum*. No dialecto vulgar do Pará vem *hy*; o sr. dr. Couto de Magalhães escreve com um *i* especial, o padre Seixas *y* e *eg*, G. Dias *é*; já se vê, é simples questão de orthographia, donde se infere o que irá pelos outros vocabularios formados por tão diversas pessoas. No dialecto MUNDUCÚ vem *hu*, ainda mera questão de orthographia. No APIACA, porém já vê-se grande differença pois vem *equat-deramau*; isto é phrase e não vocabulo que tomou Castelnau, e que até certo ponto póde ser explicado pela (lg.) *y-kuá tere mbo-u* manda tu (alguem) á fonte; que o APIACA é dialecto da (lg.) não resta duvida, pois o mostram outras dicções como *paraná* rio, *amana* chuva *epeu* (*y-paĩ*) lago, etc. No CAYOWA vem *eu-assa* significando rio e agua; mas isto foi tambem mal apanhado por Castelnau, pois *y-asá* significa vão, travessia de rio; que é dialecto da (lg.) prova-o todo o vocabulario e basta-nos vermos *a-ou* beber (*a-u* eu bebo), *ok-cu* (*oky*) chuva, *eu-mirim* (*y-mirĩ*) ribeiro, etc.

O BORORÓ dado como dialecto TUPI tem muita mistura, e para se vêr basta examinarem-se as dicções *ikotowai* agua ou rio, *auca* ribeiro, *caronia*, lago, *atoutai* chuva, *ikotouai* beber. O OMÁGUA já vimos que é dialecto da lg. mas que tem vocabulos do (kc.) como *uni* agua. O ARAQUAJU está no mesmo caso; é dialecto da (lg.) crivado de vozes do (kc.) como *tuna* agua, etc. Do MURA o deficiente vocabulario que figura no *Glos-*

saria nada prova, mas é certo que elle pertence ao tronco da (lg.)

É de todo insufficiente a confrontação dos dialectos ou linguas em relação ás dicções para uma só noção, mas nem ha lugar para mais, nem por falta de tempo (confesso) me foi possível levar a confrontação a grande numero de noções.

Limito-me a este tosco e mal alivanhado debuxo a respeito da lingua KIRIRI, e nada direi da KAIRIRI de que apenas conheço um *catechismo*, do qual se inferê que é quasi nenhuma a differença entre um e outro, talvez menor que a que se dá entre o TUPI do Amazonas e o GUARANI actual do Paraguay.

Não fica decidido que o KIRIRI seja effectivamente e no rigor da palavra, dialecto da LINGUA GERAL mas vê-se que tem muito della, assim como do KECHUACALLU e principalmente dos dialectos PAMPEANOS como o dos CHIQUITOS de cujo extenso vocabulario desgraçadamente não temos sinão ligeiros extractos. Limitando-nos a fazer apenas o confronto do KIRIRI com a LINGUA GERAL vimos tambem que elle está mais ou menos eivado de vozes do portuguez, e talvez ainda de vozes africanas.

As linguas americanas parecem-se extremamente na estructura grammatical, e as maiores differenças que apresentam dão-se na parte lexica. Ahi mesmo por vezes a differença está na mudança de certos sons como se vê em *paraná* da (lg.) e *balana* do KARAIBA e outras linguas do Orenoco, da Guyana e das Antilhas. Tendo-se isto em consideração, isto é, que o *r* da LINGUA GERAL (que não tem *l*) vale *l* em *karaiba* e pôde valer *rr* em outra lingua etc., é possível ainda achar-se o parentesco de linguas como a SÁLIVA, a SITUFA e

a BETOYA das margens do Orenoco, não obstante serem a 1.<sup>a</sup> essencialmente nasal, a 2.<sup>a</sup> essencialmente guttural e a 3.<sup>a</sup> asperrima com o seu excesso de *rr*.

Concluo aqui. Si bem que a BIBLIOTHECA NACIONAL sob a direcção de v. s., actualmente seja util como jámais foi aos estudiosos, prestando-lhes os thesouros que ahi estavam encafuados inutilmente, si bem que v. s. prestadiço e obsequioso se esmere em facilitar tudo aos que realmente querem estudar, comtudo, devo dizel-o, não soube aproveitar bem esta fortuna, mas v. s. sabe que em parte é porque a *devoção* não póde preterir a *obrigação*, e bem pouco tempo resta para applicar-se a estudos de linguas de indios.

Restar-me-ha pezar de que v. s. ao lêr este apon-toado, em vez do que esperava, fique descontente da sua insufficiencia e imperfeicão. Quem, porém, dá o que póde não merece censura e v. s. como todos os que são dotados das mais nobres qualidades do espirito, é naturalmente benevolente e saberá desculpar os sinões que encontrar. É caracteristico dos homens superiores o serem complascentes e bondosos, de modo que não des-preciam mesmo as obras as mais modestas e exiguas. Conto com isto da parte de v. s. e sei que me não engano.

De v. s.

admirador e sincero amigo

*Baptista Gaetano d'Al. Nogueira.*



ARTE  
DE  
GRAMMATICA  
DA LINGUA BRASILICA  
DA NAÇAM  
KIRIRI  
COMPOSTA

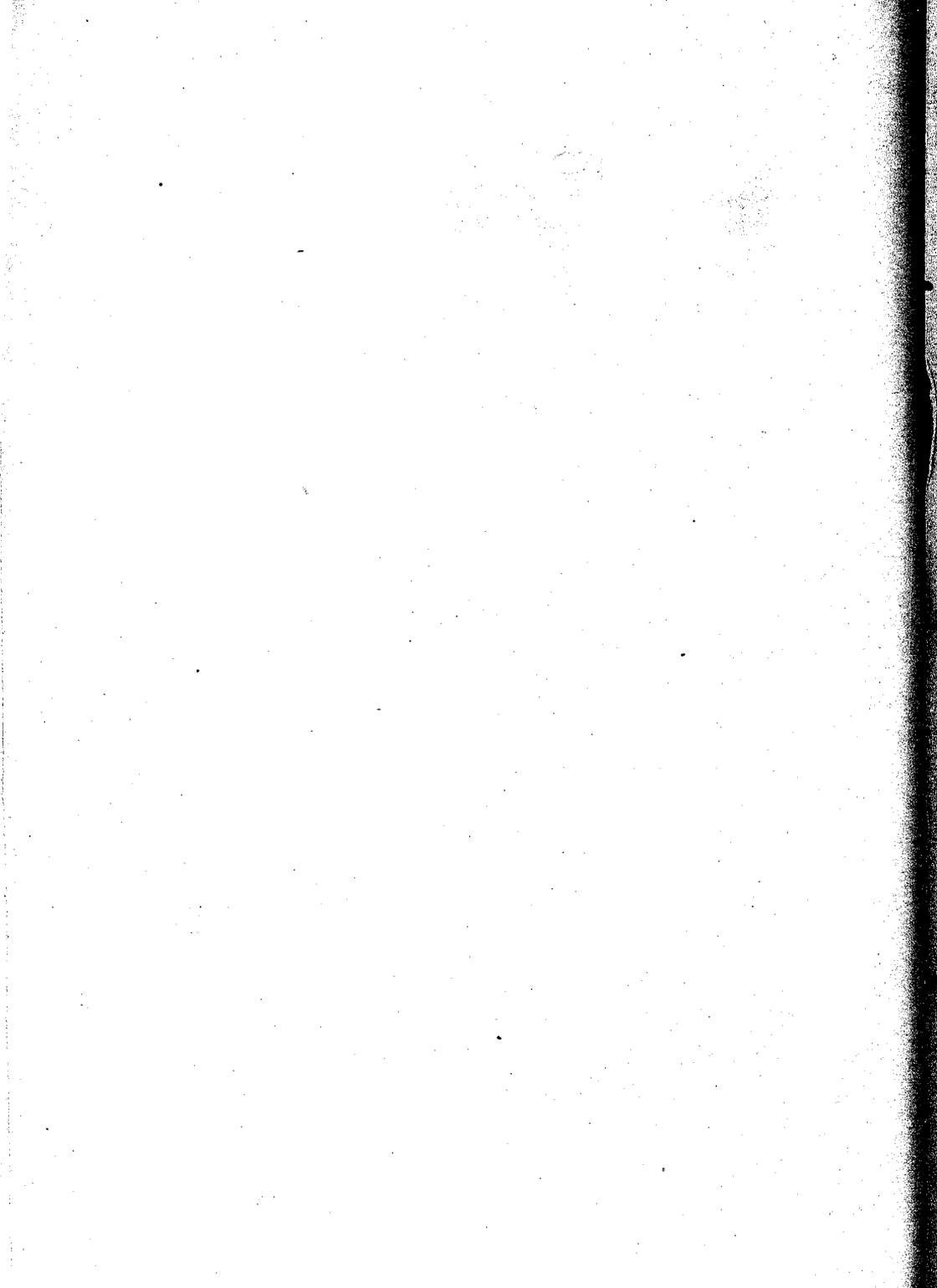
Pelo P. LUIS VINCENCIO MAMIANI,  
Da Companhia de JESU, Missionario  
nas Aldeas da dita Nação.



LISBOA,  
NA Officina de MIGUEL DESLANDES,  
Impressor de Sua Mag. Anno de 1699.

---

*Com todas as licenças necessarias.*



## Ao Leytor.

Difficultosa empreza pareceo a S. Ieronymo em hum sugeito crecido na idade aprender novas linguas com as regras, & apices com que aprende hum minino da escola, como confessa em semelhante proposito na prefacção sobre os Evangelhos: *Periculosa præsüptio est senis mutare linguam, & canescentem ad initia trahere parvulorum.* Mas esta difficultade foy generosamente vencido do nosso glorioso Patriarca S. Ignacio, que de idade de trinta & tres annos começou o estudo da lingua Latina entre mininos, para se fazer instrumento da gloria de Deos na conversão das almas, & com o seu exemplo presuadio a todos os seus

Filhos, & em particular aos que morão entre Gentios, & Barbaros, para que não julguem estudo indigno dos annos aprender de novo linguas barbaras, quãdo são necessarias para a conversão das almas.

Conhecendo pois a necessidade que tem a Nação dos Kiriris nesta Provincia do Brasil de sogeitos que tenham noticia da sua lingua para tratar de suas almas, não julguey tempo perdido, nem occupação escusada, antes muito necessaria, formar hũa Arte com suas regras, & preceitos para se aprender mais facilmente. He verdade que como os naturaes della vivem sem regras, & sem ley, & delles se não póde alcãçar regra algũa de raiz, não parecia tão facil poder acertar sem Mestre. Mas cõtudo procurei cõ o exercicio de algũs annos da mesma lingua, & com o estudo particular della, tirar os fũdamentos, & regras mais certas, para que cõ ellas se formasse hũa Arte facil, & clara, quanto bastasse para os nossos Missionarios das Aldeas dos Kiriris aprēderē a lingua. Não duvido que faltarão algumas propriedades mais secretas, & algũas regras mais recõditas, que não se puderaõ

ainda alcançar; mas parece me que nas regras geraes, que aqui se apontão, não haverá erro. Porẽ quãdo o houvesse, não he para se estranhar em hũa lingua, que não he natural ao Author, & que não tẽ livros, por onde se aprẽda: & muito mais sêdo que cõ todas as suas imperfeições sêpre será proveitosa para quẽ quizer usar della, em quãto não houver outra melhor, & cõposta cõ todo o acerto. *Vale, & ora pro me.*

---

# LICENÇAS.

## Da Ordem.

Por ordem do P. Alexandre de Gusmão, da Companhia de JESU, Provincial da Provincia do Brasil, li a Arte da lingua Kiriri composta pelo P. Luis Vincencio Mamiani, da mesma Companhia; & nella não sómente não achei cousa, que encontre à nossa Santa Fé, & bons costumes; mas pela noticia da mesma lingua, que adquiri em dezaseis annos nestas missoens, admirei o engenho do Autor em reduzir com tal clareza, & distincção a regras certas, & proprias hũa lingua não só por si mesma, mas pelo modo barbaro, & fechado, que usam os naturaes em a pronũciar, muito mais difficultosa; pelo que julgo ser obra

mui necessaria aos Padres Missionarios desta Nação, para alcançar com facilidade, & brevidade o uso della, & melhor exercitar os ministerios pertencentes á sua salvação; & por isso muy digna de se imprimir. Na missão de N. Senhora do Socorro, 27. de Mayo de 1697.

*João Mattheus Faletto.*

---

Por ordem do Padre Alexandre de Gusmão, Provincial desta Provincia, revi a Arte da lingua Kiriri composta, & ordenada pelo Padre Luis Vincencio Mamiani, da Companhia de Jesu, & pela noticia que tenho da mesma lingua alcançada em dezanove annos que assisti entre os Indios da mesma nação, està a Arte bem feita assim na explicação das regras, nos modos com que se usa dellas, & no estilo do fallar, & a julgo por digna de se poder imprimir assim para ensino dos mesmos Indios como para que cõ mais

facilidade aprendam a mesma lingua os Religiosos que se empregam na salvacao das pobres almas. Seminario de Bellem 8. de Junho de 1697.

*Joseph Coelho*

Alexandre de Gusmão, da Companhia de Jesu, Provincial da Provincia do Brasil, por commissão especial, que tenho de nosso muito Reverendo Padre Thyrso Gonzalez Preposito Gèral dou licença, para que se possa imprimir a Arte de Grãmatica da lingua Brasileira da Nação Kiriri, composta pelo Padre Luis Vincenzo Mamiani, da Companhia de Jesu, Missionario nas Aldeas da dita Nação; a qual foy revista, & approvada por Religiosos della peritos na dita lingua, por Nòs deputados para isso. E em testemunho de verdade dei esta, subscripta com o meu sinal, & sellada cõ o sello do meu officio. Dada no Collegio da Bahia aos 24. de Junho de 1697.

*Alexandre de Gusmão*

# LICENÇAS.

## Do Santo Officio.

O P. Mestre Francisco de Santa Maria, qualificador do Santo Officio, veja os livros de esta petição trata, & informe com seu parecer. Lisboa, 7. de Abril de 1698.

*Castro. Diniz. I. C. Moniz.*

*Fr. Gonçalo do Crato.*

~~~~~

Vi os livros juntos, Arte, & Catecismo na Igreja Brasílica, &c. & não tem cousa que seja impedimento para se poderẽ imprimir. Lisboa, 19. de Abril de 1698.

Francisco de Santa Maria.

~~~~~

Vista a informação, podem-se imprimir os livros de que esta petição trata, & depois de

impressos tornarão para se conferir, & dar  
licença, que corraõ, & sem ella não correrão.  
Lisboa, 22. de Abril de 1698.

*Castro. Diniz. I. C. Moniz.*

*Fr. Gonçalo do Crato.*

~~~~~

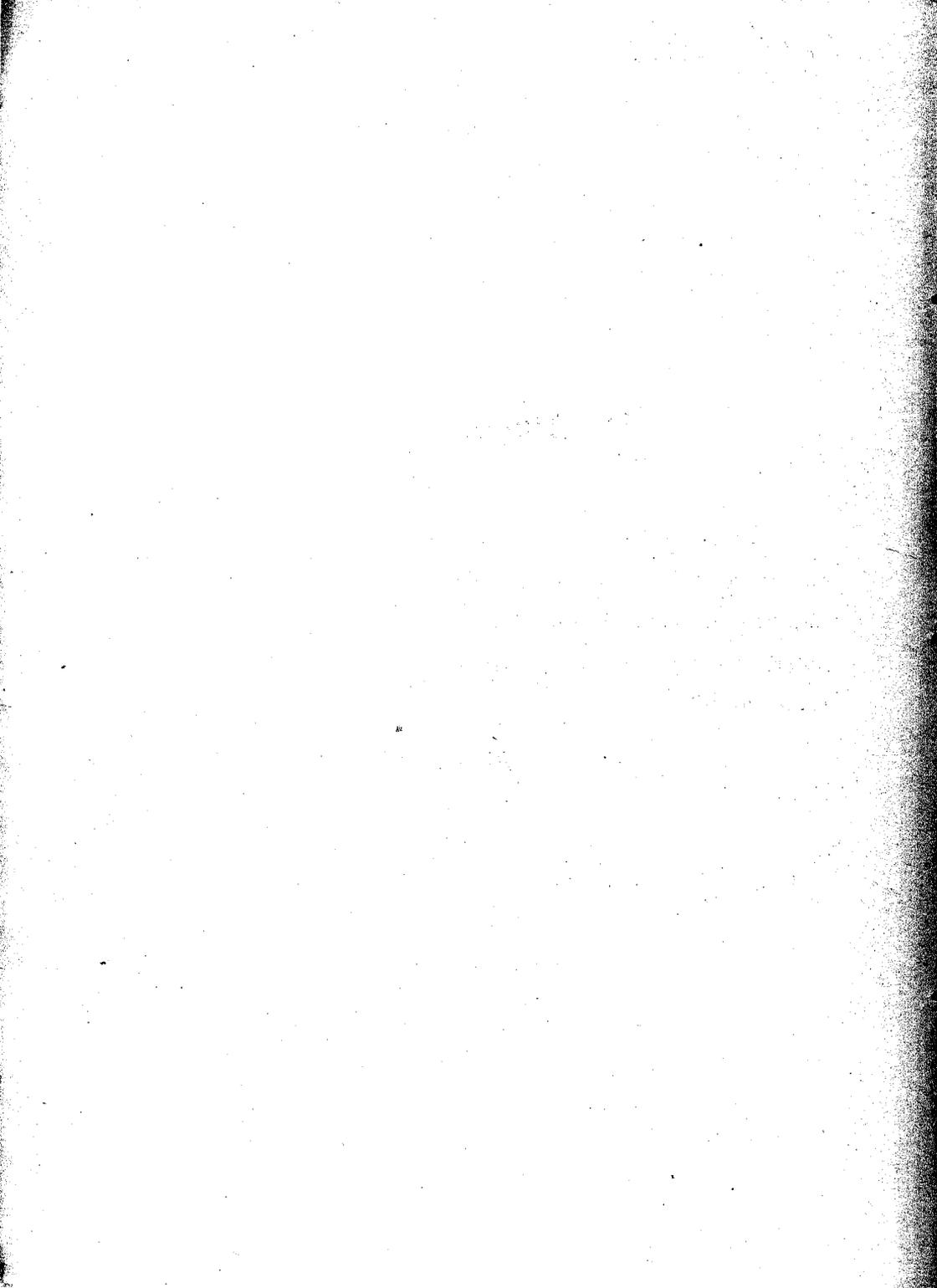
Vistas as informações, podem-se imprimir
os livros, de que esta petição trata, & depois de
impressos tornarão para se lhes dar licença para
correr. Lisboa, 2. de Julho de 1698.

Fr. P. Bispo de Bona.

Do Paço.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa, 3. de Julho de 1698.

Ribeyro. Oliveyra.



ARTE

DA LINGVA KIRIRI.

PRIMEIRA PARTE

Da Orthographia, Pronunção, Declinação dos
Nomes, & Conjugação dos Verbos.

§. I.

Das letras que se usão na lingua, & da Pronunção.

As letras usadas nesta lingua são as seguintes :
A, Æ, B, C, D, E, G, H, I, Y, K, M, N, O, P, R, S,
T, V, W, Z, til. As vogaes entre si não formão
diphthongos, mas se pronuncia cada hũa por si como
syllaba diversa.

Entre as vogaes se conta aqui o Æ, ainda que se
escreva como diphtongo Latino, para significar hũa
vogal entremeya entre o A, & o E; & se pronuncia
com hũ som diverso das outras vogaes, ou como A
fechado que participa do E, ou como E largo que
participa do A. v. g. : *Inhura*, Filho.

O C sempre se pronuncia aspero assim sobre as vogaes A, O, U, como sobre E, I, Y. E porque nestas derradeiras vogaes o C fere brandamente no Portuguez; para evitar o erro que poderia haver escrevendo-se o C com ellas, se introduzio o K, caracter Grego, que sempre tem o som aspero sobre todas as vogaes: v. g. *Kempe*, fino; *Kitci*, area. Usa-se tambem o C com zebra quando se segue à consoante T. v. g. *Tçate*, cortar: mas nos mais vocabulos se usa de S, por ser mais natural o seu sibilo a esta lingua.

D, ás vezes se pronuncia tam brandamente, que apenas se conhece: como nestas palavras *Idé*, mãy; *Udje*, legumes.

G, sempre he aspero sobre todas as vogaes, & porisso se escreve juntamente com o H. Quando porém tem accento circumflexo sobre si, se ha de pronunciar brando com aspiração na garganta, que mal se enxergue: como nestas palavras, *Ghý*, ser cheirado; *Inghe*, criança; *Rhenge*, velho.

H, com as vogaes, & consoantes sempre he aspiração guttural; excepto quando se segue ao C, & N, porque então faz como no Portuguez nas syllabas Cha, Che, Nha, Nhe. Esta aspiração he muito usada nesta lingua, por ser muito guttural: mas para evitar a multiplicidade desta letra em todas as palavras, que poderia causar confusão, usamos della na escritura sómente entre as vogaes, & a deixamos nas consoantes; & para estas sirva de regra geral, que as consoantes T. & P, pedem mais ordinariamente a aspiração do que as outras, como o uso, & a praxe ensinará melhor.

I, nesta lingua tem quatro vocalidades, duas de vogal, & duas de consoante. A primeira he de I vogal como no Portuguez: a segunda de consoante, como tambem no Portuguez nestas palavras, Jogo, Janella; mas com som mais brando, v. g. *Adje*, quem; *Udje*, que. A terceira he de I, tambem vogal guttural, a que os Authores da arte da lingua geral do Brasil chamãrão I grosso, pois se acha tambem nessa lingua: & assim como elles o escrevem por Y, para o differencar de I vogal simplex, tambem nós o escrevemos cõ o mesmo character, porém com accento circumflexo por cima, assim, *ÿ*, para o differencar de outro Y consoante, que se escreve sem accento. Pronuncia-se pois esta vogal como I guttural, & na garganta com os dentes fechados; v. g. *Mÿghÿ*, contas; *Pÿ*, capim. A quarta vocalidade, ou som do I, he de I carregado, ou consoante duplex, como usão os Castelhanos na syllaba *yo*; & se introduzio tambem na escritura Portugueza, como nestas palavras, Mayor, Cayar: & por isso a escrevemos tambem nesta lingua por Y sem accento, v. g. *Buyê*, grande, *Cayà*, noite.

V, nesta lingua sempre he vogal, nunca consoante. E porque em alguns vocabulos concorre a vocalidade do U vogal com a vocalidade de V consoante, para pronunciar com propriedade essas duas vocalidades juntas, se introduzio o dublõ character estrangeiro, que se escreve assim W, & se pronuncia com hũ som misto de dous VV, dos quaes o segundo fica liquido, & o primeiro como consoante: v. g. *Waré*, Padre.

O til se usa sobre algũas vogaes para denotar hũ som medio entre M, & N, & tem a mesma

pronunção como nos vocabulos Portuguezes vãa, sãa cousa: v. g. *Tupã*, Deos; *Hietcã*, eu.

Usamos de dous accentos, hum agudo, & outro circumflexo. O agudo serve para carregar sobre a vogal, v. g. *Sambé*, paga. Ordinariamente se acha na derradeira vogal de todos os vocabulos desta lingua, excepto algũas palavras que não acabão em agudo, como *Bæ*, *De*, & alguns poucos vocabulos, que a experiencia ensinará. Sobre o til não se poem accento agudo, para evitar a confusão na escritura; mas basta advertir que o til sempre he agudo. Quando o vocabulo acaba em A, ou Æ sem accento, & sem til, se pronuncia essa vogal a meya boca mal pronunziata como E Francez no fim da palavra: v. g. *Pide*, está; *Tekiæ*, não veyo. E havendo outros accentos agudos na mesma dicção, he sinal que he composta, & cada huma das partes fica na composiçam com o seu accento agudo: v. g. *Tçohóhede*, estão alguns poucos.

Do accento circumflexo usamos sobre as vogaes, que se hão de pronunciar com som guttural na garganta, ou com som grosso com os beiços fechados. Deste modo sobre o A, denota que se ha de pronunciar com hum som que participa do A, & O, & se faz pronunziando o A com os dentes fechados: v. g. *Sãmbá*, cagado. Sobre o E faz hum E estreito, & se fórma fechando do mesmo modo os dentes: v. g. *Woyén*, Tapuyas bravos. Sobre o Y, já se disse que fórma hum som guttural mettido lá na garganta. Sobre o O, faz tambem hum O estreito pronunziado com os beiços fechados: v. g. *Póhó*, varge.

Advirto por derradeiro, que a syllaba, *Tçã*, com til no meyo, ou no fim da dicção, se pronuncia com algũa semelhança ao nosso Portuguez nas palavras, *Oração*, *Mão*; ainda que o *O*, não fica tam sensivel nesta lingua, como no Portuguez: v. g. *Hietçã*, eu; *Mohetçã*, debalde; *Hietçãdê*, nós.

§. II.

Dos generos, numeros, & casos dos Nomes.

Os Nomes nesta lingua não tem propriamente distincção de generos, ou numeros, ou casos, mas o mesmo nome sem mudança serve de ordinario ao genero masculino, & feminino, ao numero singular, & plural, & em todos os casos: v. g. este nome *Cradzó*, significa *Vacca*, & *Boy*, masculino, & feminino, & sem variação serve ao singular, & plural, & do mesmo modo serve a todos os casos. *Bihê cradzò*, hũa vacca, ou boy no singular; *Buyò cradzò*, muitas vaccas no plural: *Pacri cradzò hinhã*, foy morta huma vacca, ou boy por mim, no nominativo: *Isã cradzò*, sebo de boy, no genitivo.

Os numeros porèm se distinguem, & entendem ou por algumas particulas, que significão multidão, ou pelos adjectivos numeraes, ou pelo sentido, & modo de fallar.

As particulas que significão multidão, são *A*, & *Te*, no fim do nome. O *A*, se usa com os nomes de cousas que pertencem a gente, v. g. *Vinuá*, rapazes; *Bechiãá*, roças da gente. O *Te*, se usa com alguns nomes de parentesco, & gente no plural: v. g. *Býrânté*, irmãos mais moços; *Tidzité*, as mulheres; *Iseté*, os principaes das casas.

Os adjectivos numeraes, que servem para o singular, são, *Bihè* hum; *Wacháni*, quando significa, segundo em ordem; *Wachánidikiè*, terceiro em ordem; *Bihè bihè*, hum & hum; *Bihè cribæ*, cada hũ. Os numeraes do plural são, *Wacháni*, dous; *Wachánidikie*, tres; *Sumarã oróbæ*, quatro; *Mý bihè misã sai*, cinco; *Mýreprí bubihé misã sai*, seis; *Mýreprí wacháni misã sai*, sette; *Mýreprí wachánidikie misã sai*, oito; *Mýreprí sumarã oróbæ sai*, nove; *Mýcribæ misã sai*, dez; *Mýcribæ misã idehó ibý sai*, vinte; *Tcohó*, ou *Buyò*, muitos; *Cribæ*, *Cribunè*, todos; *Wohoyè*, todos.

Os casos se conhecem ou pela collocação do nome, ou pelas preposiçoens. O nominativo, & genitivo se conhece pela collocação; porque o nome, que se segue immediatamente ao verbo sem preposição, he nominativo; ut, *Sucá inhuræ do dipadzò*, o filho ama a seu pay: & o nome que for immediatamente depois de outro nome sem ter preposição, he genitivo; ut, *Erd Tupã*, casa de Deos. Os outros casos todos se conhecem pelas preposiçoens, porque nesta lingua não ha caso algum sem preposição fóra do Nominativo, & genitivo, como se entenderá melhor, quando tratarmos das Preposiçoens.

§. III.

Dos Pronomes.

O Pronome substantivo, Ego, nesta lingua faz no nominat. & genitivo *Hietcã*; nos outros casos todos, *Hi*, com a preposição que lhe convem posposta: ut, *Hidihò*, a mim; *Hinhã*, de mim; como se dirá nas Preposições. No plural exclusivo faz no Nominativo, & Genitivo *Hietcãde*, nós, de nós: & nos outros casos *Hi-de*, com a preposição que pede o caso no meyo, ut, *Hidihode*, a nós; *Hiembohode*, com nosco; *Hinhade*, por nós. No plural inclusivo faz no Nominativo, & Genitivo *ketcã*, ou *ketcãa*; & nos outros casos *Cu*, ou *Cu-a*, com a preposição posposta, ou entreposta, ut *Cudohó*, a nós todos; *Cuna*, de nós todos; *Cubodã*, por nosso amor.

Advirta-se que o plural exclusivo se usa, quando dizendo Nós, excluimos a pessoa com quem fallamos: v. g. *Pacri cradzó hinhadé*, matamos hũa vacca eu, & outro sem vós. O inclusivo se usa, quando se include a pessoa com quem fallamos: v. g. *Do pã cundã*, matamos ambos, eu & vós. Advirta-se mais que algũas preposições tem diversidade na composição com o Pronome: o que se explicará melhor, quando se tratar das Preposições.

O Pronome Tu, faz no Nominativo, & Genitivo do singular *Ewatcã*: & nos mais casos *E*, com a preposição posposta, como se disse no Pronome Ego. No plural faz no Nominativo, & Genitivo *Ewatcãa*; & nos

mais casos *E-a*, com a preposição conveniente no meyo, ut *Edohó*, a vós; *Enád*, por vós.

Os Pronomes Reciprocos nesta lingua são tres, Substantivo, Adjectivo, & Verbal. O Substantivo corresponde a *Sui*, *Sibi*, *Se*; o Adjectivo a *Suus*; o Verbal, quando reciproco substantivo fica na construção desta lingua por nominativo do verbo, & corresponde a *Ipsemet*. Todos estes tres reciprocos se formão com alguma destas tres particulas *D*, *Di*, *Du*, compostas ou com as preposições dos casos, se o reciproco he substantivo; ou com os nomes, se o reciproco he adjectivo; ou com os verbos, se o reciproco he verbal. A particula *D*, serve para as preposições, nomes, & verbos da segunda, & terceira declinação. O *Di*, serve para as preposições, nomes, & verbos da primeira, & quarta declinação. O *Du*, para os da quinta. Eis os exemplos de todas as tres particulas em cada hum dos tres generos de reciprocos. Do reciproco substantivo, ut *Didohó*, a si; *Demboho*, comsigo; *Dibohò*, de si: advertindo que a este reciproco substantivo, além da particula antecedente, se costuma ajuntar, *Ho*, no fim, se a preposição não o tem de seu natural, v. g. *Dinahò*, de si. Do reciproco adjectivo, ut *Dambè*, sua paga; *Dipadzù*, seu pay; *Dubýrò*, sua barriga. Do reciproco verbal, ut *Darâcrè*, elle mesmo tem pejo; *Dinhikianghi sai*, tem compaixão de si: *Dubý*, elle mesmo vê.

Os pronomes relativos *Hic*, *Iste*, *Ille*, *Ipse*, *Is*, se são nominativo do verbo, se explicão com o artigo proprio da terceira pessoa do verbo, como se dirá aonde se tratar dos verbos: v. g. *Sucà*, elle ama; *Icoto*, elle furta. Se esses relativos servem ao verbo

em outros casos, se explicão com os artigos I. ou S, conforme he o artigo da terceira pessoa das preposições que concordão com o caso; ut, *Idiohò*, a elle; *Semboho*, com elle; *Sai*, para elle. Se este pronome relativo he demonstrativo, se usa das dicções seguintes.

Eri, ou *Ighi*, este; no plural faz *Eridzá*, estes: mas *Ighi* não tem plural; servê para o genero masculino, & feminino, & para todos os casos.

Erò, esse; no plural faz *Eróá*, se falla de gente.

Rohò, aquelle; no plural faz *Rohóá*, de gente.

Vrò, isso; não tem plural.

Cohò, isto, este, esse; não tem plural.

Todos se usão na mesma fórma em todos os casos.

Os pronomes possessivos *Meus*, *Tuus*, *Noster*, *Vester*, se explicão com hum artigo, ou particula, que se ajunta aos nomes, conforme se explicará no paragrafo seguinte.

Do relativo *Qui*, *Quæ*, *Quod*, veja-se na Parte segunda, onde se trata da Syntaxe do nome relativo.

§. IV.

Das Declinações dos Nomes, Verbos, & Preposições pelos Pronomes.

Os nomes, & verbos nesta lingua não tem diversidade alguma entre si na terminação dos casos, &

tempos ; porque os nomes servem com a mesma voz a todos os casos, como dissemos, & os verbos todos com a mesma terminação gèral fórmão os tempos particulares. Porém, tem algũa variedade entre si assim os nomes como os verbos em alguns artigos, ou particulas, que se ajuntão diversamente, & servem aos nomes de pronomes possessivos Meus, Tuus, Suus, & aos verbos de pronomes substãtivos Ego, Tu, Ille. A diversidade destes artigos he o fundamento de dividirmos os nomes, & verbos em diversas Declinações : & porque os mesmos artigos servem assim aos nomes, como aos verbos, a mesma divisão serve de regra commua a huns, & a outros.

Chamo Declinações, não porque sejam declinações dos casos nos nomes, ou de tempos, & modos nos verbos, mas porque são quasi declinações dos pronomes, ou possessivos, ou substantivos, compostos com os mesmos nomes, & verbos pelas tres pessoas em ambos os numeros, singular, & plural : & pela mesma razão, & por ser regra gèral que abraça tãbem os verbos, se poem juntas as declinações dos nomes com as dos verbos.

O que se disse dos nomes, & verbos, se hade entender tãbem das preposições que fórmão os casos, & por isso concordão tãbem com os pronomes substantivos *Ego, Tu, Ille* ; & por essa causa pedem sempre hum desses artigos, ou particulas, ou na primeira ; ou na segunda, ou na terceira pessoa, conforme o pronome com que concordão, para significar aquelle sentido, que no Portuguez se explica : v. g. commigo, a ti, por amor delle, &c.

Divisão das Declinaçoens dos Nomes, Verbos, & Preposições pelos artigos dos Pronomes.

Pessoas.	1.	2.	3.	Plur.	1.	1.	2.	3.
Pron. Sing.	Ego Meus	Tu Tuus	Ille Suus	Plur.	Exclus. Nos Noster	Inclus. Nos Noster	Vos Vester	Illi Sui
1. Declin.	<i>Hi</i>	<i>E</i>	<i>I</i>	Plur.	<i>Hide</i>	<i>Cu-a</i>	<i>E-a</i>	<i>Ia</i>
2. Declin.	<i>Hi</i>	<i>Ey</i>	<i>S</i>	Plur.	<i>Hi-de</i>	<i>C-a</i> ou <i>K-a</i>	<i>E-a</i>	<i>Sa</i>
3. Declin.	<i>Hi-dz</i>	<i>Edz</i>	<i>Se</i>	Plur.	<i>Hide-de</i>	<i>K-a</i>	<i>Edz-a</i>	<i>Se-a</i>
4. Declin.	<i>Hi</i>	<i>E</i>	<i>Si</i>	Plur.	<i>Hi-de</i>	<i>Cu-a</i>	<i>E-a</i>	<i>Si-a</i>
5. Declin.	<i>Dzu</i>	<i>A</i>	<i>Su</i>	Plur.	<i>Dzu-de</i>	<i>Cu-a</i>	<i>A-a</i>	<i>Su-a</i>

Destes cinco modos de variar os artigos dos pronomes assim possessivos como substantivos em todas as pessoas se formão as regras para cinco declinaçoens dos nomes, & verbos. E assim como na lingua Latina a diversidade das declinaçoens se tira da desinencia diversa ou do genitivo nos nomes, ou da segunda pessoa do singular nos verbos; de hum modo semelhante tambem nesta lingua tomamos a diversidade da

primeira syllaba, ou letra, que serve de possessivo, ou de pronome na terceira pessoa do singular; porque estas terceiras pessoas são todas diversas, ainda que em alguma das outras pôdem humas declinaçoens ser conforme as outras. Dessas terceiras pessoas facilmente se tirão as segundas, & primeiras pela regra que se poz, conforme fazem tambem os Latinos, que das segundas tirão as primeiras, & terceiras. De maneira que elles dão por regra a desinencia dos casos, & pessoas; & nós o começo das mesmas pessoas.

Regras das cinco Declinaçoens.

A primeira Declinação he dos Nomes, & Verbos, cujo artigo do pronome possessivo, ou substantivo da terceira pessoa he I; ut o nome *Padzù*, pay; *Ipadzù*, seu pay; Verbo, *Cotò*, furtar: *Icotò*, elle furta.

A segunda Declinação he, cujo artigo do pronome na terceira pessoa faz S; ut o nome *Ambè*, paga; *Sambè*, sua paga. Verbo *Arancrè*, ter pejo; *Sarancrè*, elle tem pejo.

A terceira, cujo artigo da terceira pessoa faz Se; ut o nome, *Ebayà*, unha; *Sebayà*, sua unha. Verbo *Eicò*, descansar; *Seicò*, elle descansa.

A quarta, cujo artigo da terceira pessoa faz Si; ut o nome *Batè*, rancho, morada; *Sibatè*, sua morada. Verbo *Pà*, ser morto; *Sipà*, elle he morto.

A quinta, cujo artigo da terceira pessoa faz Su; ut o nome *Bÿrò*, barriga; *Subÿrò*, sua barriga. Verbo *Ucà*, amar; *Sucà*, elle ama.

Conforme as ditas regras daremos agora o exem-

plo de cada huma das cinco declinações dos Nomcs, reservando o exemplo dos verbos para o paragrafo seguinte.

Exêplo da primeira Declinação. *Padzù*, pay. Singular. *Hipadzù*, meu pay. *Epadzù*, teu pay, *Ipadzù*, seu pay. Plural exclusivo. *Hipadzude*, nosso pay, nosso, mas não vosso. Inclusivo. *Cupadzud*, nosso pay, -nosso, & vosso. *Epadzud*, vosso pay. *Ipadzud*, seu pay delles, ou seus pays.

Advertencia. O A, que se ajunta no plural no fim, às vezes se deixa no plural inclusivo, & se diz *Cupadzù* tambem. E a mesma advertencia serve tambem para as outras Declinações.

A esta primeira declinação pertencem os nomes começados por I, que não são referidos nas outras declinações, & mais os nomes seguintes:

Anhà, tia.

Badzè, fumo.

Bakiribù, pente.

Bacobà, banana.

Badzurù, moquem.

Babæchè, ou *Bebetè*, escada.

Bakè, sobrinha.

Bærù, calcanhar.

Bætò, bordão.

Be, beira.

Bebà, *Bebatè*, fontes da cabeça.

Bedzè, cabo de instrumento.

Bedzeri, gadelhas.

Behè, *Behetè*, chaga.

Benã, caco.

Benetè, borda de matto.
Benhè, orelha.
Besi, triste.
Bewõ, tronco.
Bicò, traque.
Bidzancrò, cara.
Bÿ, pé.
Bÿdi, cinza.
Bÿkè, irmãa mais moça.
Bÿræ, irmão mais moço.
Bò, braço.
Bocò, algibeira.
Bdzò, machado.
Bu, espiga.
Buãghetè, peccado.
Bucrenkè, urucù.
Bucupÿ, frecha do milho.
Bucutè, cãas.
Budewò, sepultura.
Bunhicò, suor.
Buonhetè, bondade.
Burò, casca.
Buyëwohò, corpo.
Buyò, muitos.
Cadamÿsi, vea.
Canghitè, obra boa.
Cayë, manhãa.
Cò, caroço.
Cobè, testa.
Cohè, fedorento.
Conecà, toutiço.

- U'otò*, virote.
U'rabù, peito.
U'ramemù, caixa.
U'rærù, torrão.
U'robecà, cuxa.
U'rocra, secco.
U'rodi, robusto.
U'ronè, nù.
U'ropobò, guerra.
U'rotè, denso liquor.
U'ru, rabo.
U'rudzã, cofo.
U'rutè, panno.
U'u, liquor.
U'ucù, tio.
U'udù, joelho.
U'denhè, tia.
U'shebà, cavador.
U', mãy.
U'mhè, guarda no caminho.
U'j, cabelo.
U'ù, piolho.
U'ubè, ayo.
U'zà, dente.
U'zacà, sogro.
U'zè, nome.
U'zedzè, irmãa mais velha.
U'sidè, camarada mulher.
U'zò, mezinha.
U'zò, sobrinho.
U'zù, agua.

E, carga.
Ebedzù, fonte.
Ebeyà, canella da perna.
Hè, tripas.
Hebarù, tronco de pao.
Henandzè, cavaco.
Hò, fio.
Yacrorò, anzol.
Yarù, priaca frecha.
Yàhè, sobrinha.
Yantà, tacoara.
Kýdi, bolor.
Kiechi, coma.
Madzò, milho assado.
Mamà, teta.
Mænd, paliçada.
Me, osso & ginipapo.
Merà, campo.
Meratà, ferro.
Mýghý, contas.
Mu, raiz.
Mucrí, embigo.
Muhè, rede de pescar.
Mutè, opilação.
Næmbi, nariz.
Ne, pescoço.
Nebarù, hõbro.
Necà, cousa guardada.
Nhæhi, resgate.
Nhe, membro viril.
Nhecarà, fanhoso.

Nheprù, crista de gallo.

Nhikè, avó.

Nhù, menino.

Nhuanhà, sobrinho.

Nunù, lingua.

Padzù, pay.

Paidenhè, tio.

Payē, tio.

Pæwi, cachimbo.

Pepetè, palma do pé.

Pÿcà, banco.

Pitè, rede.

Pò, olho.

Pôhò, varge.

Ponhè, deshonesto.

Popò, irmão mais velho.

Potù, medonho.

Prebù, cuyetè.

Prenhè, figado.

Pri, sangue.

Purù, flor.

Ræ, macho.

Rò, vestido.

Runhà, panella.

Sà, gordura.

Saddà, espingarda.

Saibò, sobaco.

Sanè, materia.

Se, senhor.

Si, coração.

Sinhã, successor.

- Sombý*, pendão do milho.
Soncò, ourina.
Sondè, testiculos.
Songâ, pennas novas.
Tçambù, cabeça.
Tçererò, gaita.
Tcetò, miollos.
Tcetò, corcovado.
Tçihê, fel.
Tçoncà, ponta.
Tçoncupý, cachaporra.
Tçôhò, homem, gente.
Te, sobrinho, & netto.
Tehatè, ilharga.
Teipri, arteria.
Tekè, netta.
Tenhà, sobrinha.
Tidzchehobò, relampago.
Tinghi, canafrecha.
Tò, avò.
Tù, polpa.
Wanherè, fazenda.
Wanhubatçã, quinhão.
Wararè, instrumento de tanger.
Warud, espelho.
Wasù, esquerdo.
Wò, caminho.
Wodò, bebado.
Woyè, seço.
Wô, perna.
Wongherè, pobre.

Worè, braço de caminho, rio, &c.

Worò, costas.

Wororè, interprete.

E todos os nomes compostos dos nomes referidos.

Por esta mesma declinação tomão os pronomes com que concordão as Preposições seguintes :

Bambù, ou *Betè*, por de espera.

Bò, de.

Dehò, com.

Dezenè, por medo.

No, de, por causa.

Penehò, em presença

Wobohò, atrás.

Wonhehè, debaixo.

Exemplo da segunda Declinação. *Ambè*, paga.

Singular. *Hiambè*, minha paga. *Eyambè*, tua paga.

Sambè, sua paga.

Plural exclusivo. *Hiambèdè*, nossa paga, não vossa.

Inclusivo. *Cambè*, ou *Cambèd*, nossa paga, & vossa paga. *Eyambèd*, vossa paga. *Sambèd*, sua paga delles, ou suas pagas.

Advertencia. Nesta Declinação, de dous modos se escreve o plural inclusivo. Com os nomes começados por A, se escreve por C, ut *Cambè*: & com os nomes começados por E, se escreve por K, ut *Kenkia*, nossa criação.

A esta segunda declinação pertencem os nomes seguintes :

Anhi, alma.

Ambè, paga.

Ambù, tocaya.

Ameprê, por culpa.

Amì, comida.

Amprì, fronteiro.

Aribà, prato.

Ærà, folha.

Ecrizã, verilha.

Einhé, noticia.

Enki, criação.

Erà, casa.

Etsamÿ, parente.

Etsòhò, proximo.

Ewò, rasto.

E as preposições seguintes :

Ai, para.

Aibÿ, de.

Amÿ, para.

Embohò, com : & todos os compostos dos nomes acima.

A esta mesma declinação se reduzem os nomes seguintes :

Marà, cantiga.

Mÿsã, mão.

Wáti, azedo ; & a preposição *Mandi*, com de carga : com esta differença dos outros, que depois do artigo de cada pessoa se junta hum A, assim *Hid*, *eyà*, *sà*, &c. ut *Hiamÿsã*, minha mão. *Eyamÿsã*, tua mão. *Samÿsã*, sua mão.

Exemplo da terceira Declinação :

Ebayà, unha.

Singular. *Hidzebayà*, minha unha. *Edzebayà*, tua unha. *Sebayá*, sua unha.

Plural exclusivo. *Hidzebayàdè*, nossa unha, não vossa.

Inclusivo. *Kebayàdà*, nossa, & vossa unha. *Edz-ebayàdà*, vossa unha. *Sebayàtá*, sua unha delles, ou suas unhas.

Advertencia. Os nomes desta Declinação perdem o *È* natural na terceira pessoa, porque o artigo *Se*, o traz consigo.

A esta terceira Declinação pertencem os nomes seguintes:

Ebayà, unha.

Ècòdò, matalotage.

Ècutá, juntas do corpo.

Èicò, cuspó.

Eyabè, espada.

Eyemè, balça.

Ènd, barba.

Ènc, pulso; com os derivados delles.

Exemplo da quarta Declinação:

Batè, morada.

Singular. *Hibatè*, minha morada. *Ebatè*, tua morada. *Sibatè*, sua morada.

Plural exclusivo. *Hibatèdè*, nossa morada, não vossa.

Inclusivo. *Cubated*, nossa, & vossa morada. *Ebated*, vossa morada. *Sibated*, sua morada delles, ou suas moradas.

A esta quarta Declinação pertencem todos os nomes derivados dos verbos passivos, & os derivados dos verbos neutros da quarta declinação, & mais estes dous nomes, *Có*, fogueira, & *Dimy*, nodoa.

Exemplo da quinta Declinação.

Bÿrò, barriga.

Singular. *Dzubÿrò*, minha barriga. *Abÿrò*, tua barriga. *Subÿrò*, sua barriga.

Plural exclusivo. *Dzubÿròdê*, nossa barriga, não vossa.

Inclusivo. *Cubÿròd*, nossa & vossa barriga. *Abÿrod*, vossa barriga. *Subÿrod*, sua barriga delles, ou suas barrigas.

Advertencia. Os nomes desta Declinação começados em V, perdem o V natural na composição dos artigos de todas as tres pessoas: ut *Uwò*, cunhado. *Dzuwò*, meu cunhado. *Awò*, teu cunhado. *Suwò*, seu cunhado, &c.

A esta quinta Declinação pertencem todos os nomes começados em V, & os nomes seguintes:

Andzê, pannos velhos.

Awì, agulha.

Babasitê, espeto.

Badd, instrumento de boca.

Badì, ornato de pennas.

Barà, balayo.

Bebà, collar de osso.

Bÿrò, barriga.

Bÿbÿtê, palheta de jugar.

Boronunù, escravo, presa.

Bubangà, rabisco de fruta.

Bubêhò, forno ou alguidar.

Bucunù, capoeira, roçado velho.

Bududù, guirajao.

Buibù, cabaco.

Buicù, frecha.

- Burehè*, pappas.
Buruhù, fuso.
Cotò, comer que se guarda.
Crayotè, cacimba.
Cræ, alfange.
Crenò, marapirão.
Creyà, assado em covas.
Creyahè, fouce.
Crò, pedra.
Cronhahà, milho cozido.
Cunubò, pó que fica da farinha.
Curotè, colher.
Damî, carga aos hombros.
Datù, couza pizada.
Dedi, cerca de paos.
Dzitù, embira ou corda.
Ecuwòbuyè, Ceo superior.
Eicorè, escaço.
Eyapò, crueiras de mandioca.
Endi, algodão.
Erù, ralo de ralar.
Ibà, carro.
Inghe, criança.
Inidò, concerto de ferramenta.
Yaridzi, espora.
Yawò, gancho.
Keitè, geito.
Keitenè, diligente.
Kibù, osso da garganta.
Kijhiki, peneira.
Maibà, pareas, ou clara de ovo, &c.

- Mairù*, farinha de milho fresco.
Marã, inimigo.
Mecã, sinal no corpo.
Merebã, girao para moquem.
Mîmîcã, fita.
Mýtê, genro.
Nhupý, vinho de milho.
Nupýtê, instrumento de tirar fogo.
Pepê, péla de jugar.
Pobebã, fogaça.
Poponghi, roca de fiar.
Pretorê, mentiroso.
Renghê, marido.
Rinë, carne salgada.
Rutê, velha, mulher.
Sanhicrã, monte mór de cousas comestiveis.
Sasã, saya de pindoba.
Sebî, cadeiras.
Sekiki, carimã.
Seridzê, arco.
Seti, cordão.
Setù, cesto.
Tayù, dinheiro.
Tamý, aguilhada.
Tasi, eixada.
Tçã, cousa moida, pizada.
Tçuirù, assovio de rabo de tatù.
Tererê, corropio.
Tinhê, alcofa.
Tocracù, marca de ferro.
Torã, cortezia com o pé.

Torarã, carta, livro.
Totonghi, bordão.
Warandzi, mezinha.
Wararò, bejù.
Waridzã, boca.
Warudù, bolo de mandioca amassada.
Weretè, prato para fazer louça.
Wind, abano.
Wirapararã, engenho de moer.
Woncurò, tear.
Worobý, novas.
Woroyà, espia.

A esta Declinação se reduz o nome *Isù*, fogo ou lenha, que usando-se ordinariamente pela primeira Declinação, quando se quer declarar o possessor da lenha, se usa por esta quinta Declinação, & então perde o I natural na composição com os artigos: v. g. *Dzusù*, minha lenha; *Asù*, tua lenha; *Susù*, sua lenha. E do mesmo modo se declina algum nome semelhante, que a praxe ensinará melhor.

§. V.

Da divisão, & conjugação dos Verbos.

Os Verbos desta lingua se dividem em duas classes, Passivos, & Neutros. Chamo Passivos aos que tem significação propria passiva, nem são derivados de outros activos, como em outras linguas: ut, *Di*, ser dado; *My*, ser levado.

Chamo Neutros aos que tem significação activa, ou neutra, & não se pòdem fazer passivos: porque

ainda que alguns tem a significação activa, como *Ucã*, amar, com tudo não lhes convem a definição dos activos de se poderem fazer passivos, nem a primeira regra da construção dos activos de pedirem o accusativo sem preposição; pois todos os verbos desta lingua pedem preposição, & por outra parte lhes convem a definição dos neutros, porque delles não se podem formar os passivos. E para evitar toda a duvida, quem quizer, poderá chamal-os huns Passivos, & outros não passivos.

Não tem esta lingua verbo substantivo, que corresponda a *Sum*, *Es*; mas em lugar delle usão dos nomes substantivos, & adjectivos, que de nomes se fazem verbos, como se explicará na *Syntaxe*.

As Conjugações dos Verbos nesta lingua não se podem distinguir pela diversidade que tenham huns dos outros nos mesmos modos, & tempos; porque todos os verbos quantos ha, se conjugão por hum estilo, & com a mesma terminação em cada hum dos modos, & tempos; & quem souber conjugar hum verbo, saberá conjugar a todos do mesmo modo. A diversidade toda que tem huns dos outros, consiste nas tres pessoas, que se fórmão com os artigos compostos com os mesmos verbos, & correspodem a *Ego*, *Tu*, *Ille*, como se apontou no paragrafo antecedente. De maneira que todos os verbos são de hũa conjugação, & se dividem em cinco Declinações pelos artigos dos pronomes, que são varios conforme a diversidade dos Verbos: & por isso veja-se a divisão das cinco Declinações posta no paragrafo antecedente, que serve tambem aos verbos, & lá dissemos que he

commum aos Nomes, & Verbos. Portanto poremos aqui os exemplos de cada hũa nos verbos, apontando sómente o presente do Indicativo de cada Declinação, para que se conheça a diversidade com que se usão estes artigos. E depois se darão as regras para se formarem os outros tempos, & modos para saber a Conjugação geral de todos os Verbos.

Exemplo da primeira Declinação do Verbo Cotò, furtar.

Presente do modo Indicativo

Singular	Plural
<i>Hicotò</i> , eu furto.	Exclusivo. <i>Hicotodê</i> , nós furtamos.
<i>Ecotò</i> , tu furtas.	Plur. Inclusivo. <i>Cucotod</i> , nós & vós furtamos.
<i>Icotò</i> , elle furta.	<i>Ecotòd</i> , vós furtais.
	<i>Icotòd</i> , elles furtão.

Os Verbos que pertencem a esta primeira Declinação, são os Neutros seguintes :

Emburè, apressar-se.

Babanhi, esperar.

Bahè, enfadar-se.

Banarè, temer.

Bæivi, chegar com a mão.

Be, ter favor.

Beinë, virar-se para vèr.

Betè, chegar com o corpo.

Bidzoncrà, bocejar.

Bidzoncradd, ter enojo.

Bÿ, correr.

- Bjdzù*, rever o liquor.
Bytò, fornicar.
Buhò, furtar-se.
Cahà, desviar-se das frechas.
Congò, queimar-se o corpo.
Cotò, furtar.
Craraidyò, decer.
Cratçewi, emmagrecer.
Crikiè, pedir.
Crotçabj, consolar-se.
Cuhè, impacientar-se.
Curampà, molhar-se roupa.
Denà, coalhar-se.
De, encontrar.
Diò, entrar.
Dzeyd, entristecer.
Dzuwi, ir-se embora.
Ede, desagradar-se.
Eibarù, ter desejo de comer carne, &c.
Enewi, viver solteiro.
Eriwi, visitar.
Hahæ, rir.
Ibuò, resurgir.
Yacò, enfastiar-se.
Kendè, avisar.
Ketçã, tomar chausco o comer.
Mjbdà, passar o rio.
Mjbdè, embrulhar-se o estomago.
Muduchì, gemer.
Natè, trabalhar.
Nabecè, esquecer.

- Necò*, *Necotò*, arrotar.
Neyentò, desejar.
Netò, *Netonghi*, lembrar-se de cousa necessaria.
Nhà, morrer.
Nhanhikiè, ter saudades.
Nhedè, escapar fugindo.
Nhicorò, ter preguiça.
Nhichræ, ter vótade.
Nhikienghi, causar cõpaixão.
Pehè, tornar de pressa.
Pehò, enxurrar.
Ponhù, nadar.
Potçò, acordar.
Rè, agastar-se.
Sacrè, rasgar-se.
Tanè, desejar fumo.
Tçicræ, arrepiar-se o cabelo.
Tçohò, haver.
Tè, vir.
Tý, decer abaixo.
Tidacrù, fazer cortezia.
Titì, tremer.
Towanhidò, atolar.
Tù, praticar.
Tuyokiè, passear.
Wakiè, faltar.
Wanhidò, esconder-se atraz de hũa mouta.
Wawidò, jejuar.
Wonghecri, endoudecer, ser doudo.
Wi, ir.
Winè, acenar com a cabeça.

Wodicò, brigar.

Wodò, embebedar-se.

Woicræ, cavalgar pao.

Woicrabahà, aboyar.

Wonhà, ter ciumes: com todos os verbos derivados destes.

A esta primeira Declinação pertencem tambem os verbos passivos seguintes:

Benhè, ser contado.

Bÿpi, ser levado.

Bohè, ser ensinado.

Yahi, ser concebido.

Morò, ser feito.

Netò, ser sabido.

Netò, ser considerado.

Nh'n'ni, ser lembrado. E tambem os verbos começados em *I*, que não são referidos nas outras Declinaçoens: advertindo que o seu *I* natural lhes serve de artigo da terceira pessoa.

Exemplo da segunda Declinação, do Verbo *Arancrè*,
ter pejo.

Presente do Indicativo

Singular	Plural
<i>Hiarancrè</i> , eu tenho pejo.	Excl. <i>Hiarancrèdè</i> , nós temos pejo.
<i>Eyarancrè</i> , tu tens pejo.	Plur. Incl. <i>Carancrèdè</i> , nós & vós temos pejo.
<i>Sarancrè</i> , elle tem pejo.	<i>Eyarancrèdè</i> , vós tendes pejo.
	<i>Sarancrèdè</i> , elles tem pejo.

A esta segunda Declinação pertencem os verbos neutros seguintes:

Andi, lançar cheiro.

Arancrè, ter pejo.

Erachihi, folgar.

Erenti, espirrar. Advirta-se o que se advertio na segunda Declinação dos Nomes, que o plural inclusivo com os verbos começados por A, se fórma com C: & com os verbos começados por E, com K, ut *Kerachichia*, nós folgamos.

Exemplo da terceira Declinação, do Verbo *Eicò*, descansar.

Presente do Indicativo.

Singular	Plural
<i>Hidzeicò</i> , eu descanso.	Excl. <i>Hidzeicòdè</i> , nós descansamos.
<i>Edzeicò</i> , tu descansas.	Plur. Incl. <i>Keicòdà</i> , nós & vós descansamos.
<i>Seicò</i> , elle descansa.	<i>Edzeicòdà</i> , vós descansais.
	<i>Seicòdà</i> , elles descansão.

Advertencia. Os verbos desta Declinação, como todos começam por E, perdem o E natural na composição do artigo da terceira pessoa, que he, Se, porque o mesmo artigo o traz consigo. Algumas vezes em lugar do artigo, Se, da terceira pessoa, usão de *Idz*;

ut, *Idzeicò*, elle descansa: & então retêm o seu E natural.

A esta terceira Declinação pertencem os verbos neutros seguintes:

Ebayasi, assoviar.

Eicò, sarar, ou descansar.

Enunhè, guardar-se. O verbo *Ebayasi*, se usa tambem ás vezes pela quinta Declinação, tirando-lhe o E.

Exemplo da quarta Declinação, do Verbo *Pà*, ser morto.

Presente do Indicativo.

Singular	Plural
<i>Hipà</i> , eu sou morto.	Excl. <i>Hipàdè</i> , nós somos mortos.
<i>Epà</i> , tu es morto.	Plur. Incl. <i>Cupàd</i> , nós & vós somos mortos.
<i>Sipà</i> , elle he morto.	<i>Epàd</i> , vós sois mortos.
	<i>Sipàd</i> , elles são mortos.

A esta quarta Declinação pertencem todos os verbos passivos, excepto os oito que se puzerão na primeira Declinação: & tambem por ella se declinão os verbos neutros seguintes:

Bà, estar.

Bæiwì, erguer-se.

Bahà, nadar.

Benhekiè, brincar.

Bÿprò, cair.

Bÿnè, quebrar-se.

Bÿpè, o mesmo.

Bÿririipi, desviar-se das frechas.

Bÿtè, tornar.

Craraiwi, correr o amarrilho.

Cropobò, guerrear.

Dabà, repousar.

- Dalwò*, andar de cocaras.
Dadi, assentar-se.
Dahi, estar no chão.
Daprò, deslocar-se.
Datò, encurvar-se.
Dzi, cair.
Encù, ladrar.
Enkè, chorar.
Hehè, escorregar.
Hò, voar.
Ihæ, subir.
Idabà, arribar.
Yaciè, bocejar.
Yacrì, arreganhar os dentes.
Mè, falar, com todos os seus compostos.
Nè, olhar, com todos os seus compostos.
Nhù, mastigar.
Paný, sintillar.
Pè, pizar.
Pebawitçetò, engatinhar.
Perè, sair.
Petò, manquejar.
Pi, estar.
Pohò, seccar-se raiz.
Prowi, cair a arvore.
Puipò, fumegar.
Sà, nacer.
Sadd, seccar, ou estalar.
Saiprì, saltar.
Sàicrò, arrebentar as plantas.
Sebò, trasbordar o que ferve,

Sewì, trasbordar rio.

Taprè, arrebentar fio.

Tçahò, estrepár-se.

Tè, vir: he da primeira Declinação, mas também se usa por esta, quando lhe precede abverbio.

Teudiokiè, lutar.

Tidiè, embarrar.

Tidzò, chover.

Tihivi, alevantar-se, & irse.

Tinhicù, choviscar.

Todi, estar em pè.

Toprò, desmentir-se.

Wi, ir.

Wirè, combetear.

Wonghebì, perder-se no caminho. E mais os outros verbos compostos, & derivados destes.

Exemplo da quinta Declinação, do Verbo *Vcà*, amar.

Presente do Indicativo.

Singular.

Plural.

Dzucà, eu amo.

Excl. *Dzucalè*, nós amamos.

Acà, tu amas.

Plur. Incl. *Cucàd*, nós & vós amamos.

Sucà, elle ama.

Acàd, vós amais.

Sucàd, elles amão.

Advertencia. Nesta Declinação os verbos começam por V, perdem o seu V natural na composição do artigo de todas as tres pessoas, como se disse na quinta Declinação dos Nomes, & aqui se vê no verbo *Vcà*.

A esta quinta Declinação pertencem todos os verbos neutros começados em U, & mais os seguintes:

Buyusi, assoviar.

Bebà, afeição a testa da criança.

Bidzorà,
Bidzoratò, } olhar pasmado.

Byrò, rodear o matto buscando caça.

Bukeri, agourar mal.

Eicò, haver mister.

Erekidi, perguntar.

Inid, tornar a concertar.

Ipabò, confessar-se.

Kwicò, encobrir.

Maridzà, guerrear.

Mepedi, levantar falso.

Nusi, determinar.

Semâmû, guindar-se.

Torà, fazer cortesia.

Worobû, contar.

Woroyentà, admirar o que se vê. E mais todos os verbos compostos, & derivados destes.

§. VI.

Da Conjugação gèral de todos os Verbos.

Do presente do Indicativo de qualquer destas cinco Declinações se fórmão os outros tempos, & modos para conjugar todos os verbos, que todos gèralmente se conjugão por hum modo, mudando sómente os artigos dos Pronomes conforme a Declinação a que cada qual dos verbos pertence, como se mudou no

paragrafo passado no presente do Indicativo de todas as cinco Declinaçoens. Agora, antes de dar hum exemplo da conjugação gèral, daremos as regras para formar os outros tempos, & modos.

1. Regra do Imperfeito do Indicativo.

O Imperfeito do Indicativo se fôrma do Presente do Indicativo com ajuntar o adverbio *Docohò*, ou *Dorò*, que quer dizer, Então: advertindo que o *Dorò*, se põem antes do verbo, & o *Docohò*, depois: ut *Icotò docohò*, ou *Dorò icotò*, elle furtava. *Dzucà docohò*, eu amava.

2. Regra do Preterito do Indicativo.

O Preterito do Indicativo se fôrma do Presente, ajuntando a syllaba *Cri*, que se compoem com o mesmo verbo: ut *Icotocri*, elle furtou. *Icotocriò*, elles furtarão. No plural o *A*, & *De*, se poem depois do *Cri*; ut *Hicotocriò*, *Icotocriò*.

3. Regra do Plusquã perfeito Indicativo.

O Plusquam perfeito se fôrma do Preterito, ajuntando o adverbio *Docohò*, ou *Dorò*, como se disse no Imperfeito: ut *Icotocri docohò*, elle furtâra, ou tinha furtado.

4. Regra do Futuro do Indicativo.

O Futuro do Indicativo se fôrma do Presente, ajuntando a particula, *Di*, a toda a voz do presente assim do singular como do plural: & se ha outro caso, ou adverbio depois do verbo, o *Di* se ajunta no derradeiro

da sentença: ut, *Icotodi*, elle furtará: *Icotò do tayudi*, elle furtará dinheiro.

5. Regra do Modo Imperativo, & Permissivo.

O Modo Imperativo, & Permissivo se fórma dos tempos do Presente do Indicativo, precedendo a *sylaba*, *Dò*; ut, *Do icotò*, furte elle.

Para o Permissivo se ajunta às vezes o adverbio *Proh*: ut, *Do icotò proh*, furte embora, mas que furte. E tambem se usa no Preterito: ut, *Do icotoeri*, furtasse embora: *Do pácri*, matasse embora. Às vezes em lugar de *Do*, se usa de *Bò*, quando o sentido he pedir licença como permissivamente: v. g. *Bohiwi*, deixayme ir.

6. Regra do Modo Optativo.

O Modo Optativo se fórma das vozes do Indicativo, ajuntando o adverbio *Proh*. Oxalá: ut, *Icotò proh*, oxalá furte elle.

7. Regra do Modo Conjunctivo.

Todos os tempos do Modo Conjunctivo se fórmão dos mesmos tempos do Modo Indicativo, precedendo-lhes a conjunção *Nò*, que significa, Se, Porque, Como: ut, Presente: *Nò dzucà*, como, ou porque eu amo, ou amando eu. Imperfeito: *No dzucà docohò*, se eu então amára. Preterito: *No dzucacri*, como, ou porque, ou se eu amey. Plusquam perfeito: *No dzucacri docohò*, como, ou porque eu tinha amado, ou se eu tivera amado. Futuro: *No dzucadi*, se eu amar.

O Imperfeito do Conjunctivo se fórma tambem com ajuntar ambos estes adverbios, *C'ohó*, *Proh*; ut, *Cohò*

proh dzucà, eu amâra. E pôde servir para os outros tempos, conforme o contexto.

Todos os tempos do Conjunctivo se pôdem tambem formar de outro modo, com as mesmas vozes do Indicativo, ajuntando no fim a dicção *Inghi*, composta com o mesmo verbo, significando tempo: ut *Dzucainghi*, amando eu, ou quando amava: *Icoto cringhi*, quando elle furtou: *Sarancringhidi*, quando elle tiver pejo. E tambem deste modo se lhe póle ajuntar, *Nò*, no principio, confôrme o primeiro modo do Conjunctivo: v. g. *Nò dzucainghi*.

8. Regra do Infinito.

O Infinito se fórma com as mesmas vozes do Indicativo sem ajuntar, ou tirar cousa alguma; & se conhece do contexto, precedendo-lhe outro verbo, v. g. *Særa hicotò*, quero furtar: *Burè icotò*, he máo furtar, que elle furte: *Sucà do Tupãdi do hime*, eu tenho para mim que amarà a Deos.

9. Regra dos Gerundios, & Supinos.

O Gerundio em *Di*, se fórma do mesmo Indicativo, & se conhece por lhe preceder o substantivo, servindo o verbo de genitivo: ut, *Iwò icotò*, modo d'elle furtar.

O Gerundio em *Do*, se verte com o presente do Conjunctivo: ut, *No dzucà*, ou *Dzucainghi*, amando eu.

O Gerundio em *Dum*, & Supino em *Tum*, que tem a mesma significação no vulgar, se fórmão do presente do Indicativo, precedendo-lhe a preposição *Dò*, ou *Bò*, confôrme as regras que se darão na Syntaxe: ut, *Do dzucà*, ou *Bò dzucà*, para eu amar, a amar. Na

terceira pessoa, sendo com *Dò*, se faz reciproco verbal sempre: ut, *Dò duca*, para elle amar: *Dò dicotò*, para elle furtar. Com o *Bò*, segue as regras dos reciprocos.

O Supino passivo em U, nesta lingua he proprio sómente dos verbos passivos, & se fórma com o presente do Indicativo, precedendo-lhe a preposição *Bò*: ut, *Bòsipà*, ou *dipà*, para ser morto, ou para se matar. Os verbos não passivos, tendo este significado passivo do Supino em U, se formão do mesmo modo, porém voltando o sentido com significação activa; & então parecem mais Supino em Tum, do que em U. v. g. *Canghi bò suçà idiohò*, digno para que todos o amem; que he o mesmo que dizer, digno de ser amado.

10. Regra dos Participios, e Verbaes.

O Participio que no Latim acaba em *Aus*, ou *Ens*, nesta lingua acaba em *Ri*, & tem significação activa com os Neutros, ou não passivos, & significação passiva com os passivos. Fórma-se com a syllaba *Ri*, no fim do verbo sem artigo, & em lugar do artigo recebe *D*, ou *Di*, ou *Du*, confórme a Declinação a que pertencem. Os verbos da segunda, & terceira Declinação recebem o *D*; ut, *Darancereri*, o que tem pejo; *Deicori*, o que sara. Os verbos da primeira Declinação, & da quarta, recebem o *Di*; ut, *Dicotori*, o que furta; *Dipari*, o que he morto. Os da quinta Declinação recebem o *Du*; ut, *Ducari*, o que ama.

Os verbos Passivos tem outro Participio em *Ri*, com significação activa, & se fórma com o *Ri* no fim do Verbo sem artigo, & em lugar do artigo toma *Dù*; ut, *Dupari*, o matador, o que mata.

Do mesmo modo se faz o Participio preterito, ou futuro, ajuntando sómente as particulas do preterito, & do futuro, *Cri*, & *Di* : v. g. *Dupacriri*, o que matou ; *Dipacriri*, o que foy morto : *Dicotoridi*, o que furtará.

O Participio em *Us*, do Latim, acaba nesta lingua em *Te*, & he passivo nos verbos passivos ; & nos verbos não passivos he de significação activa, ou neutra, conforme o verbo, porém com significação equivalente á passiva, & o chamaremos nos neutros Participio neutro passivo. Forma-se das vozes do presente do Indicativo com ajuntar a syllaba. *Te*, no fim do Verbo: ut, *Icototè*, cousa que elle furta, ou furtada ; *Dzucaté*, cousa que eu fãmo, ou amada de mim ; *Sipate*, cousa morta, que se matou. Tambem se faz preterito, ou futuro, com as particulas destes tempos, como se disse do Participio em *Ri* ; ut, *Sipacrite*, cousa que foy morta ; *Dzucatedi*, cousa que eu amarey, ou será amada de mim.

Com a mesma particula, *Te*, se fórmão os Verbaes, que significão causa, modo, lugar, instrumento da acção significada pelo verbo, ou seja Passivo, ou Neutro : v. g. *Sipate*, significa a causa, modo, lugar, instrumento de se matar ; & se faz preterito, & futuro do mesmo modo, como se disse dos Participios.

O verbal que significa a acção do verbo em geral, se explica com o mesmo presente do Indicativo : ut, *Dzucá*, o meu amar, o meu amor ; *Eyarancre*, o teu pejo ; *Icotó*, o seu furtar, o seu furto.

Com estas regras geraes se conjugão todos os verbos desta lingua pelo mesmo modo, & por isso tolos são de huma conjugação. Mas para mayor

clareza, porey aqui o exemplo de hum verbo conjugado por todos os tempos, & modos: & para mayor brevidade, apontarey sómente a primeira pessoa do singular em cada tempo; que he o que basta para saber o modo para variar os tempos; pois as outras pessoas do singular, & plural se conjugão com a mesma particula, ou adverbio da primeira, & sómente se mudão os artigos dos pronomes, como já se mostrou nas cinco Declinaçoens dos verbos, por todas as pessoas do presente do Indicativo; & quem quizer conjugar tódo o verbo por todas as pessoas, não tem mais senão ajuntar a todas as pessoas do presente do Indicativo, o que aqui se ajunta sómente na primeira pessoa.

Conjugação do Verbo Cotò, furtar.

Modo Indicativo.

Presente.

Hicotò, eu furto.

Imperfeito.

Hicotò ducohò, eu furtava.

Preterito.

Hicotòcri, eu furtey.

Plusquam perfeito.

Hicotòcri docohò, eu tinha furtado.

Futuro.

Hicotòdi, eu furtarey.

Modo Imperativo.

Presente.

Do hicotò, furte eu.

Futuro.

Do hicotòdi, furtarey eu.

Modo Permissivo.

Presente.

Do hicotò proh, furte eu embora, mas que furte.

Preterito.

Do hicotòcri, furtasse eu embora.

Futuro.

Bo hicotòdi, deixai-me ir furtar.

Modo Optativo.

Presente, & Imperfeito.

Hicotò proh, oxalà furte eu, ou furtàra.

Perfeito, & Plusquam-perfeito.

Hicotòcri proh, oxalà tivera eu furtado.

Futuro.

Hicotò proh di, oxalà que furte eu.

Modo Conjunctivo.

Presente.

No hicotò, porque, como eu furto, ou furtando eu.

Vel: *Hicotoinghi*, quando eu furto, ou furtava;
tambem imperfeito.

Imperfeito.

No hicotò docohò, se eu furtava ou furtasse.

Vel: *Cohò proh hicòtò*, eu furtàra, ou furtaria.

Perfeito.

No hicotocri, como, porque, se eu furtey.

Vel: *Hicotocringhi*, quando eu furtey.

Plusquam-perfeito.

No hicotocri docohò, se eu então tivèra furtado.

Futuro.

No hicotodi, se eu furtar.

Vel: *Hicotoinghili*, quando eu furtar, ou tiver furtado.

Modo Infinito.

Presente, & Imperfeito.

Hicotò, que eu furte ou furtava.

Preterito.

Hicotòcri, que eu furtey, ou ter furtado.

Futuro.

Hicotòdi, que furtarey.

Gerundio em Di.

Hicotò, de eu furtar.

Gerundio em Do.

No hicotò, ou *Hicotoinghi*, furtando eu.

Gerundio em Dum, & Supino em Um.

Do hicotò, ou *Bò hicotò*, a furtar, para eu furtar, ou hãver de furtar.

Do dicotò, para elle furtar.

Participio activo em *Ri*.

Presente

Dicotòrì, o que furta.

Preterito

Dicotòcrirì, o que furtou.

Futuro

Dicotòrìdi, o que furtará.Participio neutro passivo em *Te*.

Presente

Hicototè, cousa que eu furto, ou furtada de mim.

Preterito

Hicotocritè, cousa que eu furto, ou foi furtada de mim.

Futuro

Hicototèdi, cousa que eu furtarey, ou será furtada de mim.

Nome verbal.

Hicotò, o meu furto, ou o meu furto.

Outro verbal.

Hicototè, causa, modo, lugar, instrumento de eu furto.

Deste modo se conjugão todos os verbos assim Neutros como Passivos. Porém os Passivos tem alguma differença dos Neutros nos Participios, & Supino: por que os Passivos tem dous Participios em *Ri*, hum activo, & outro passivo, & além destes outro passivo em *Te*, como se disse na decima Regra dos Participios; & tem mais o Supino passivo, que não tem os Neutros.

Eis o exemplo destas diferenças no verbo Passivo,
Pò, ser morto.

Participio activo em *Ri*.

, Presente

Dupari, o que mata.

Preterito

Dupacriri, o que matou.

Futuro

Duparidi, o que matará.

Participio passivo em *Ri*.

Presente

Dipari, o que he morto.

Preterito

Dipacriri, o que foy morto.

Futuro

Diparidi, o que será morto.

Participio passivo em *Te*.

Presente

Sipatè, cousa morta.

Preterito

Sipacritè, cousa que foy morta.

Futuro

Sipatèdi, cousa que será morta.

Supino Passivo.

Bò dipà, *Bò sipà*, para se matar.

§. VII.

Dos Verbos irregulares.

Chamo verbos irregulares aquelles que se apartão do modo geral de conjugar, & das cinco Declinaçoens,

ou porque não recebem variedade nos artigos, ou porque em algum tempo, & modo tem alguma diversidade dos outros; & nesta lingua são estes :

Itù, começar, ou estar fazendo.

Nù, poder.

Sære, querer.

Te, vir.

Wi, ir.

Brocò, apressate.

Wò, caminhar.

O verbo *Itù*, começar, ou estar fazendo, não admite outro tempo senão o presente, nem muda os artigos das pessoas, mas se acomoda em tudo à Declinação, & Conjugação do verbo, que o governa, & com o qual faz sempre composição: ut, *Hicotoitù*, estou furtando. *Ecotoitù*, estás furtando. *Icotoitù*, elle està furtando.

O verbo *Natè*, quando significa estar fazendo, se usa do mesmo modo.

Nù, poder, tem as mesmas propriedades que *Itù*, & se usa do mesmo modo: ut, *Icotonù*, pôde furtar. *Icotonùdý*, não pôde furtar.

Sære, poder, ou querer, não admite outro artigo, mas assim se usa em todas as tres pessoas, & se governa com os artigos do verbo com que concorda: ut, *Sære hicotò*, quero furtar; *Sære ecotò*, queres furtar.

Tè, vir, se conjuga pela Conjugação geral dos verbos, excepto na segunda pessoa do Imperativo, na qual não faz, *Do etè*, conforme a regra geral; mas, *Terò*, vem cá; & no plural, *Terò*, vinde.

Wi, ir, também se conjuga como os mais; excepto

na segunda pessoa do singular, & na primeira & segunda do plural do Modo Imperativo; & assim se fórma: *Embôj*, vayte; *Bocuwid*, ou *Embôcuwid*, vamos; *Embôd*, idevos.

Brocd, he verbo totalmente Defectivo, & não se usa senão na segunda pessoa do Imperativo, assim no singular como no plural: ut, *Brocd*, vem de pressa; *Brocad*, vinde de pressa

Wd, caminhar, tambem he Defectivo, & não se usa senão em perguntas, & repostas, v. g.

Mode ewd, para onde vas?

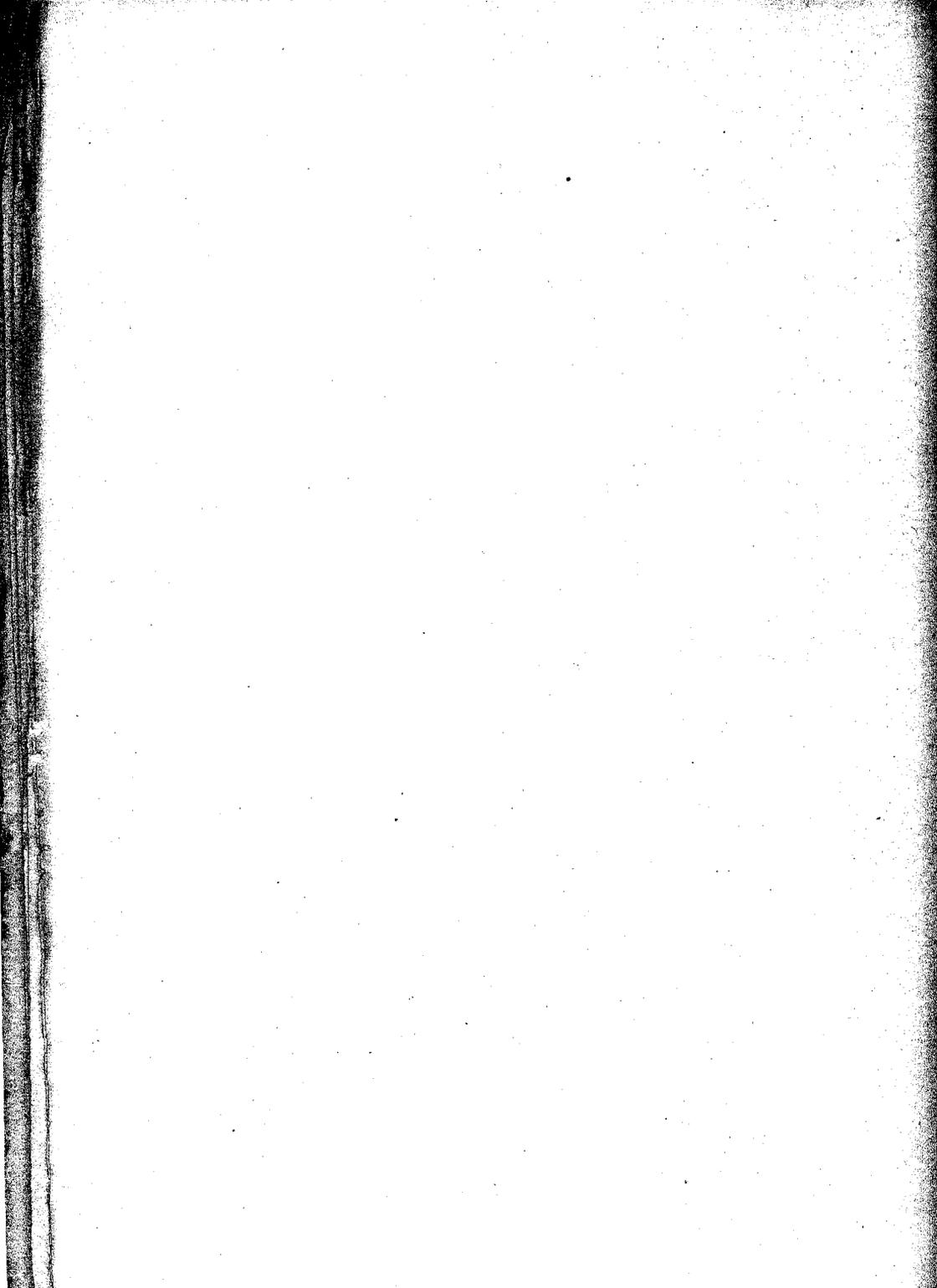
Mo bechiẽ hiwò, vou para a roça.

Mode ewotè, aonde foste, donde vieste?

Bò hi erò hiwotè, vim de casa.

Nem tem outros tempos, ou modos.





PARTE SEGUNDA

DA

ARTE

DA LINGVA KIRIRI.

Da Syntaxe, ou construção das oito partes da
Oração.

As Partes da Oração são oito, Nome, Pronome, Verbo, Participio, Preposição, Adverbio, Interjeição, & Conjunção.

De todas estas oito partes se tratta nesta Segunda Parte, & começaremos do Nome.

CAPITULO I

Da construção de Nome.

Os Nomes se dividem em Substantivos, & Adjectivos, & dos Adjectivos se dirivão os Comparativos, & Superlativos: & todos esses serão a materia deste Capitulo.

§. I.

Do Nome Substantivo, Absoluto, Composto, & Derivado.

Se na Oração estiverem dous Substantivos continuados, que pertença do mesmo modo ao mesmo verbo, o segundo se usa com a preposição *Do*, ut: Logo vem o branco meu amo: *Morè sitè Carà do hipadzù*.

E se forem mais, assim todos se usão com *Dò*.

Tambem sendo muitos, se faz enumeração delles com o pronome demonstrativo, *Eri*, ou *Urò*. v. g. *Tecrè Carà, eri hipadrù, eri hirendè, eri duboheri hinhunhù*: Veyo o branco meu amo, meu camarada, & mestre dos meus filhos.

Se na Oração houver dous Substantivos continuados, & o segundo na nossa lingua fôr genitivo, tambem nesta lingua se poem no genitivo sem preposição: ut, Casa de Deos, *Erà Tupã*. Irmão mais velho de minha mãy, — *Ipopò hidè*.

Exceição primeira. Tira-se desta Regra o segundo nome, que sendo genitivo no nosso vulgar, he porèm materia, ou quasi materia do primeiro; porque então poem-se com a preposição *Dò*: v. g. Prato de barro, *Aribà do bunhà*. Papas de milho, *Burehè do masichi*.

Disse quasi materia, para incluir estes modos de fallar: Carta de novas, *Torarã do worobý*. Criação de vaccas, *Enki do cradzò*.

Exceição segunda. Tira-se, quando este segundo nome, que he genitivo na nossa lingua, for lugar do primeiro; porque então se poem com a preposição *Mò*,

v. g. Porco do matto, *Murawò mo iretçè*. Planta do campo, *Ubumand mo inerè*.

Havendo dous Substantivos continuados, & sendo o segundo genitivo, às vezes se fórma hum nome sò composto de ambos; & esta composição se faz de dous modos. O primeiro he tomando o que he genitivo, & pondo-o na primeira parte da composição, & o primeiro nome na segunda: & chamaremos a esta composição Inversa, como no Latim *Jurisperitus*: v. g. *Tçambùsebè*, cobertura da cabeça, em lugar de *Sebè itçambù*; *Ipoçù*, lagrimas, em lugar de *Icù ipò*, liquor dos olhos. O segundo modo he guardando a mesma ordem dos dous nomes Substantivos no nosso vulgar, & a chamaremos composição direita, como no Latim—*Paterfamilias*, *Republica*: v. g. *Icopò*, menina dos olhos, composto de *Cò*, caroço, & *Pò*, olho; *Ideinù*, uxor, composto de *Idè*, mãy, & *Nhù*, ou *Nù*, filho; como se dissera: Mãy de seus filhos.

Annotação primeira. Na composição direita sempre o artigo do Pronome, que se muda conforme as pessoas, se poem no meyo da composição, a saber, no principio do segundo nome da composição: ut, *Idehinù*, minha mulher; *Ideenù*, tua mulher; *Ideinù*, sua mulher; ficando sempre o artigo do primeiro nome invariavel na terceira pessoa. Mas na composição inversa se muda sómente o artigo do primeiro nome, conforme as pessoas: ut, *Hipocù*, minhas lagrimas; *Epoçù*, tuas lagrimas; *Ipo ù*, suas lagrimas.

Annotação segunda. Na composição destes dous nomes, *Bý*, pé, *Bò*, braço, se ajunta sempre ao primeiro a syllaba *Ri*, & ao segundo *Rò*: ut, *Ebayàbý*,

unha do pé, na composição inversa se usa assim: *Bý-ribayà*. *Pò ibò*, olho do braço, idest, cotovelo, na composição faz, *Boropò*.

Annotação terceira. Quando se compoem o substantivo com o adjectivo, sempre precede o substantivo: v. g. Homem alto, *Erechi*, composto de *Ere*, homem, & *chi*, comprido.

Além dos nomes absolutos, ha outros derivados assim dos verbos como dos nomes. Dos verbos nascem os nomes verbaes, como *Dicotori*, o ladrão, do verbo *Cotò*, furtar; *Siriritè*, serra, do verbo *Ri*, serrar. Dos nomes se formão tambem outros nomes á imitação dos verbaes nacidos dos verbos. Assim se diz, *Derari*, morador da casa, derivado do nome *Erd*, casa; *Buânghete*, maldade, de *Buânghe*, máo.

§. II.

Do Nome Adjectivo.

Os Adjectivos numeræes precedem sempre os seus substantivos: ut, *Bihè Tupâ*, hum só Deos: *Wachani aribà*, dous pratos. Tirão-se desta Regra os dous, *Cribæ*, *Cribune*, todos, que por fazerem composição com o verbo, se pospõem ao mesmo verbo: ut, *Tecribæ*, vierão todos: & assim tambem *Wohoyè*, todos, que sem fazer composição se poem depois do Substantivo.

Os outros Adjectivos não numeræes de ordinario se usão pospostos aos seus Substantivos: ut, *Irdcotçò*, vestido preto. Tirão-se os Participios Passivos em *Te*, quando fazem as vezes do Adjectivo; porque precedem então ao seu Substantivo: ut, *Siriyaneè udzà*, faca

afiada. E quando os adjectivos fazem as vezes do Verbo Ser, do mesmo modo precedem ao substantivo: ut, *Chedè Sutù*, a fruyta he madura.

Ha nesta lingua doze particulas, a saber: *Be*, *Bù*, *Crò*, *Crù*, *Eprù*, *He*, *Hò* ou *Hoi*, *Yà*, *Mù* ou *Mui*, *Nù*, *Rò*, *Worò*, as quaes se costumão ajuntar a huns adjectivos numeraes, ou de medidas, ou de côres, ou outros, conforme a variedade da materia dos seus Substantivos com que concordão.

Os adjectivos aos quaes se ajuntão as ditas particulas são os seguintes. Os numeraes, *Bihè*, hum; *Wacháni*, dous; *Wachanidikiè*, tres; *Yò*, muitos. Os de medidas, *Pi*, ou *Pinetè*, pequeno; *Yè*, grande; *Mù*, ou *Munetè*, curto; *Chi*, comprido; *Kempè*, fino; *Tù*, grosso; *Tò*, ou *Totò*, redondo. Os de côres, *Cù*, branco; *Uotò*, preto; *Hè*, vermelho; *Cutçù*, encarnado; *Erà*, verde, & amarello; *Cracù*, azul; *Kenkè*, alvo, limpo; *Dzodzò*, reluzente; *Nè*, *Nù*, claro; *U'rà*, secco; *Tçã*, duro.

Cada hum dos ditos adjectivos pede ora huma, ora outra das doze particulas apontadas acima, conforme a diversidade do Substantivo com que concorda pelas regras que aqui se dão.

A particula, *Be*, se usa com os ditos adjectivos, quando concordão com os Substantivos de montes, pratos, bancos, testas, &c. & se diz, *Bebihè*, *Bepi*, *Becù*, &c.

Bù, he particula mais universal de todas, & se pôde usar com os ditos adjectivos para os mais Substantivos; mas particularmente se forem de casas, frechas, vazilhas, espigas, & cousas viventes que não forem aves; & se diz, *Buchì*, *Bucù*, *Butçã*.

Crò, serve para os ditos adjectivos, quando concordão com nomes de aves, pedras, estrellas, & cousas redondas, como velorios, fruitas, olhos, &c. & se diz *Cropì*, *Croyê*, *Crokenkè*.

Crù, serve para os ditos adjectivos com nomes de liquores, & rios; & se diz *Cruyê*, *Crunè*, *Cruhè*.

Eprù, para nomes de mólhos, & cachos: v. g. *Epruyê*.

Hè, para nomes de paos, & pernas, ou cousas feitas de pão; & se diz, *Heyê*, *Hetù*, *Hecrè*.

Ho, ou *Hoi*, para nomes de cordas, cipós, fios, cobras; & se diz, *Hobihè*, *Hoimù*.

Advirta-se que com os adjectivos numeraes, & com os adjectivos *Chi*, *Ne*, *Tçã*, se usa a particula *Ho*; com os mais adjectivos referidos se usa *Hoi*.

Yà, para nomes de cousas de ferro, ossos, ou cousas agudas; & se diz *Yanè*, *Yacù*.

Mui, ou *Mù*, com os adjectivos de nomes de raizes comestiveis: ut, *Muichi*, *Muicù*.

Advirta-se que com os adjectivos numeraes, & com *Ne*, se usa *Mù*, & com os mais *Mui*.

Nù, para os nomes de buracos, póços, bocas, campos, varges, cercados; & se diz *Nuyê*, *Nuchi*, *Nucù*.

Rò, para nomes de vestidos, pannos, & pelles; ut, *Rocù*, *Roê*.

Word, para nomes de caminhos, praticas, fallas, historias; ut, *Worochi*, *Woroyê*.

Advertencia primeira.—As sobreditas particulas não se usão sempre com os ditos adjectivos, porque os numeraes muitas vezes se usão sem particula, como tambem *Kempè*, *Cotçò*, *Cutçù*, *Cracù*. Mas os outros

adjectivos referidos de necessidade pedem alguma dellas.

Advertencia segunda.—Alguns desses adjectivos fazendo composição com o verbo, ou Nome, não admittem particula alguma; como *Yò*, muitos, quando se compoem com o verbo: ut, *Teyò*, vir muitas vezes, ou virem muitos. *Mù*, *Munetè*, *Chi*, quando se compoem com os nomes, v. g. *Eræmunetè*, homem curtó; *Tidzichi*, femea comprida; *Honæchi*, pesçoço comprido.

§. III.

Do Nome Relativo.

O Nome Relativo he o que reduz á memoria o nome Substantivo, de que se fallou, como no Latim *Qui*, *Quæ*, *Quod*. Não ha voz nesta lingua, que lhe corresponda; mas a Oração que tiver estes nomes relativos no vulgar, se explica na lingua com os Participios, ou com os verbaes, ou com mudar a Oração: & pódem servir para isso as regras seguintes.

Se o Relativo fôr agente assim do verbo Neutro como do Passivo, se faz participio activo em *Ri* assim de hum como de outro verbo. v. g. Deos, que me ama a mim: *Tupã ducari hidiohò*. Pedro, que matou ao seu inimigo: *Però dupari dumará*.

Se o Relativo fôr nominativo paciente do verbo passivo, se faz Participio em *Ri*, ou em *Te*. v. g. Pedro, a quem matey: *Però dipacriri hinhà* ou *Sipacritè hinhá*.

Se o Relativo fôr paciente do verbo Neutro, ou não passivo, qual he no nosso vulgar o accusativo do

verbo activo, se faz verbal do Infinito, ou Participio neutro-passivo em *Te*. v. g. Dey o que me pedio : *Dicri icrikie*, ou *icrikietè*. Isto he o que eu quero : *Urò dzucà* ou *dzucatè*.

Se o Relativo nem fôr agente, nem paciente do verbo, mas outro caso do verbo, então se fórma a Oração como se não houvera Relativo, com dous membros distinctos. v. g. O branco, com quem eu vim, he mao ; divide-se a Oração, & se diz : O branco he mao, com elle vim : *Buánghe Carai, sembohò hitè*. Este he o negro, a quem dey a carta : *Eri tapanhù, idiohò sidi torarà hinhà* : idest ; Este he o negro, a elle dey a carta.

Se o Relativo se refere a causa, modo, lugar, ou instrumento da acção significada pelo verbo, se usa do verbal em *Te*. v. g. Este he o lugar, em que o matey : *Mò urò sipacritè*. Esta he a casa, em que eu dormi : *Mo ighy era dzunutè*.

Outros Relativos hade perguntas, que correspondem a Quis, vel Quid. O primeiro se explica com *Adjè*, assim no masculino, como no feminino : ut, *Adjè diteri*, quem veyo ? O segundo no genero neutro se explica com *Udje*, ou *Sodè* : ut, *Udje enatè*, que fazes ? *Sodè emè*, que dizes ? Porem se o *Sodè* fôr com nome, & não com verbo, se pospoem ao nome : ut, *Worobý Sodè ?* que novas ?

Isto se entende, se o Relativo de pergunta fôr no nominativo, ou accusativo : porque se fôr em outro caso, se usa da particula, *De*, posposta ao nome, se o Relativo fôr genitivo ; ou à preposição, se o Relativo fôr dativo, ou ablativo. v. g. De quem he este

machado? *Bodzodè ighî?* A que vem? *Saide sitè?* A quem o déste? *Idiohòde sidi enè?* De quem foy feito? *Inhadè si niò?*

Aos nomes Relativos se pódem reduzir estas duas dicções, *Ætci*, *Utçi*, que reduzem à memoria o nome Substantivo, de que se fallou, & não lembra. *Ætçi*, se usa com as pessoas, & significa, aquelle de que me não lembra o nome. *Utçi*, se usa em genero neutro, & he o mesmo, que, aquillo de que me não lembra.

§. IV.

Do Nome Comparativo, & Superlativo.

Os Comparativos, & Superlativos nesta lingua não se fórmão dos nomes absolutos, & positivos, mas de outros modos.

O primeiro modo de formar o Comparativo, he dizer bem de huma cousa, & mal da outra: como para dizer, Isto he melhor que estoutro; dizem: *Urò dicanghiri*, *urò iburè*: idest, Isto he bom, estoutro he máo.

O segundo modo mais proprio de formar o Comparativo, he qualificando o primeiro membro da comparação ajuntar a preposição, *Bò*, ao segundo membro. v. g. A carne he mais gostosa do que o peixe: *Ità cradzò bò mýdzè*. A Igreja he mais alta do que a casa do Padre: *Hechi erà Tupã bò serà Warè*.

Para formar o Superlativo tambem usão de dous

modos. O primeiro he com os adverbios *Crubý*, muito, *Idzã*, verdadeiramente, ajuntando *Bò hohocribæ*, que quer dizer, Sobre todas as cousas. Ut, *Canghiidzã bò hohocribæ*, bom sobre tudo, idest, optimo. *Burè crubý bò hohocribæ*, máo sobre tudo, idest, pessimo.

O segundo modo de formar o Superlativo he ajuntando o adverbio *Widò*, ou *Widóbæ*, sem mais outra cousa, pois significa: sò, sobretudo, mais que tudo. Ut, *Canghiwidóbæ*, bom sobre tudo, optimo. *Dzucáwidóbæ do Tupã*, quero a Deos mais que tudo. Advirta-se que *Idzã*, & *Widò*, sempre fazem composição com o Nome ou verbo.

CAPITULO II

Da Syntaxe do Pronome.

Dos Pronomes Substantivos, que nesta lingua são *Hietçã*, eu; *Ewatçã*, tu, &c. não ha mais que dizer senão que ás vezes se usão per aphæresim, comendo a primeira letra, ou syllaba: ut, *Tetçã*, eu venho. Dos artigos que correspondem a esses Pronomes, se fallou nas Declinações, & se darão outras regras na Syntaxe dos verbos §. 3.

O Pronome relativo *Ille*, *Illa*, *Illud*, sendo no nominativo, se fórma com o artigo proprio da terceira pessoa do verbo; & sendo em outro caso, com o artigo das preposições, como se explicou nas cinco declinações, & se explicará mais adiante na Syntaxe dos Verbos, & Preposições. Agora trattaremos neste Capitulo dos Pronomes Possessivos, & Reciprocos.

§. I.

Dos Pronomes Possessivos.

Fazem as vezes de Pronomes Possessivos os artigos, ou particulas, que servem às cinco Declinaçoens dos Nomes, como dissemos na Primeira Parte: com que, veja-se lá o modo de fórmr esses Possessivos. Aqui apontarey sómente alguns substantivos, que sahem fóra da Regra gèral, & pedem de outro modo os ditos Possessivos, ou totalmente os excluem.

A primeira casta de substantivos he daquelles, que não recebem immediatamente estes Possessivos, mas mediante algum outro Substantivo generico, & sãõ os seguintes.

1. Os nomes de animaes que se crião em casa, não recebem estes possessivos em si, mas mediante o Substantivo, *Enki*, que quer dizer, Criação. Assim para dizer, Minha vacca, não se diz, *Hicradzò*; mas, *Hienki do cradzò*; pondo a preposição, *Dò*, ao nome proprio da criação. O que se ha de advertir em todos os Substantivos seguintes.

2. Os nomes de caças, frutas do matto, ou de qualquer cousa que se traz de fóra para comer, pedem o possessivo mediante o Substantivo, *Vaprù*, que significa, tudo isso; & se diz *Dzuaprù do murawò*, do *Kenit*, o meu porco, ou mel, que trouxe do matto: sempre com a preposição, *Do*, como se disse acima.

3. Os nomes de cousas cosinhadas tomão o possessivo mediante o Substantivo, *Ude*, que significa,

cousa cosinhada ; & se diz, *Dzudè do ghinhè*, ou *do cradzò*, os meus feijoens, ou a minha carne cosida.

4. Os nomes de cousas assadas tomão o possessivo mediante o Substantivo, *Upodò*, cousa assada ; & se diz, *Dzupodò do buke*, o meu veado assado.

5. Os nomes de legumes colhidos na roça pedem os possessivos mediante o Substantivo, *Udje*, legume : ut, *Dzudjè do ghinhè*, os meus feijoens que colhi.

6. Os nomes de lavoura de mandioca pedem os possessivos mediante o Substantivo, *Uanhi*, lavoura : ut, *Dzuanhi do muicù*, a minha mandioca da roça.

7. Os nomes de frutas que se colhem verdes para amadurecerem em casa, tomão os possessivos mediante o Substantivo, *Ubdò*, que he nome generico de taes frutas ; & se diz, *Dzubò do ucrici*, *do bacobà*, as minhas mangabas, as minhas bananas.

8. Os nomes de cousas achadas tomão os possessivos mediante o Substantivo, *Uitò*, cousa achada : ut, *Dzuitò do udzà*, minha faca que achei.

9. Os nomes de despojos de alguma guerra, ou presa no Mocambo, tomão os possessivos mediante o Substantivo *Boronunù*, presa : ut, *Dzuboronunù do rò*, meu vestido, que me coube de presa.

10. Os nomes de cousas que se repartem, como caça do matto, frechas, & semelhantes, tomão os possessivos mediante o Substantivo, *Ukisi*, repartição : v. g. *Dzukisi do murawò*, o meu porco do matto, que me coube de repartição. Para o mesmo serve tambem o nome, *Wanhubatçã*, quinhão, repartição.

11. Os nomes de cousas de dadivas, que costumão dar os que vem de fóra, tomão os possessivos me-

diante o Substantivo, *Ubd*, dadiva; & se diz, *Dzubd do Sabucd*, a minha gallinha que me derão.

12. Os nomes de cousas que se carregão, tomão os possessivos mediante o Substantivo, *E*, carga; & he muito usado ainda com os outros nomes, & se diz: *Hid do bacobd*, do *cradzò*, do *muicd*, do *isù*: minhas bananas, minha carne, minha mandioca, minha lenha que eu carreguey.

Annotação primeyra. Os nomes que tomão os possessivos mediante estes cinco derradeiros Substantivos *Vitd*, *Boronunù*, *Ukisi*, *Ubd*, *E*, tomão tambem às vezes immediatamente os possessivos sem os ditos Substantivos: mas então tem outro significado. v. g. *Hird*, quer dizer meu vestido, mas não achado, ou tomado por despojo, ou que me coube de repartição, &c. Os outros nomes antecedentes nunca tomão os possessivos, senão mediante os sobreditos Substantivos.

Annotação segunda. Os nomes referidos podem tomar os seus possessivos mediante diversos Substantivos, conforme o diverso sentido, & a diversa possessam que se significa. v. g. *Sabucd* póde tomar diversos, & se diz: *Hienki do sabucd*, & significa a minha gallinha que crio. *Dzupodò do sabucd*, minha gallinha assada. *Dzudè do sabucd*, minha gallinha cosida. *Dzukisi do sabucd*, minha gallinha que me coube de repartição. *Dzubd do sabucd*, minha gallinha que me me derão, &c.

A segunda casta de Substantivos, que sahe da regra gèral dos possessivos, he dos nomes compostos com composição direita, os quaes não mudão os arti-

gos das pessoas dos possessivos no principio da dicção como os mais, mas no meyo, a saber no principio do segundo membro da dicção composta, ficando sempre sem mudança o possessivo da terceira pessoa do primeiro nome da composição, como se declarou no Capitulo primeiro, & paragrafo primeiro desta Segunda Parte, na Annotação primeira.

A terceira casta de Substantivos exceptuados na regra dos Possessivos, he dos nomes que não admittem algum possessivo, como Ceo, Matto, Homem, Mulher, &c; os quaes nesta lingua se usão sem artigo do possessivo, pois os mais que são capazes delle nunca o deixão naquella pessoa com que concordão, ainda que no nosso vulgar se costuma muitas vezes deixar. v. g. Dizemos: Pedro foy a casa de Paulo, & não a sua casa de Paulo: mas nesta lingua sempre se ha de explicar o possessivo, ainda que se nomee o possessor; & se diz: *Wicri Però mo serà Páulo*.

Por remate da doutrina dos Possessivos se advirta que as particulas dos Possessivos nunca se usão solitariamente na oração, mas sempre compostas com os seus nomes. v. g. perguntando-se, De quem he esta faca, *Sudzade ighý?* não se responde, *Dzù*, minha; mas, *Dzudzù*, com o seu nome, & quer dizer: He faca minha.

§. II.

Do Pronome Reciproco.

Os Reciprocos (que nesta lingua são tres, Substantivo, Adjectivo, & Verbal) se fórmão com as particulas *D*, *Di*, *Du*, do modo que se declarou na Primeira Parte, paragrafo terceiro.

O Reciproco Substantivo serve, quando a pessoa torna sobre si, estando a mesma pessoa no nominativo. v. g. Para si trabalha, *Natè didoho*. Teme a si mesmo, *Banarè didzenè*. Matou-se por si mesmo, *Pacri dinahò*. Casarão entre si, *Picrià didehò*. Destes exemplos se, vê que este Reciproco Substantivo, que corresponde a *Sai, Sibì, Se*, sempre se fórma com as preposiçoens.

Imitação a estes Reciprocicos Substantivos da terceira pessoa, huns modos de fallar, com que as primeiras, & segundas pessoas tornão sobre si mesmas. Ut: *Dieri hinahò*, Eu mesmo dey, ou foy dado por mim mesmo. *Bisaprieri ewatçã enahò*, Te açoutaste por ti mesmo.

O Reciproco Adjectivo, que corresponde a *Suus, Sua, Suum*, serve quando a pessoa torna sobre suas cousas; o que acontece nesta lingua sómente quando a pessoa que torna sobre a sua cousa està no nominativo. v. g. Paulo foy morto em sua casa pelos Indios, *Pacri Paulo no Nhihò mo derà*. Aqui se faz o Reciproco, *Derà*, porque he a casa de Paulo, que està no nominativo: porque se fora na casa dos Indios, que aqui estão no ablativo, não se faria Reciproco, mas sómente Relativo, & se dissera: *Mo serà*, Na casa delles. A's vezes se ajunta, *Ho*, no fim do Reciproco, à imitação do Reciproco Substantivo: ut, *Mo derahò*, na sua mesma casa. As particulas com que se fórma este Reciproco, são as mesmas dos outros, & sempre se usa como os nomes, assim como o primeiro se usa com as preposições.

O Reciproco verbal, que se fórma com as particulas ditas, que são geraes para todos os Reciprocicos,

& se ajuntão aos Verbos, serve quando a pessoa do Reciproco Substantivo, *Sui, Sibi, Se*, que na nossa lingua Portugueza, & na Latina he genitivo, ou dativo, ou accusativo, fica nesta lingua por nominativo pela diversa construção dos verbos, como acontece nos verbos Passivos, & em outros Neutros, os quaes pedem nominativo o nome, que os nossos Neutros, & Activos pedem em outros casos. Sirvão por exemplo todos os tres Reciprocos da lingua Latina, *Sui, Sibi, Se*, feitos Reciprocos verbaes nesta, por ficarem todos tres no caso do nominativo. *Petrus te precatur, ut miserearis sui, ut auxilium sibi ferat in onere portando, & se in amicum tuum suscipias.* Na lingua se fazem Reciprocos verbaes assim: *Icrikiè Però endohò bo dinhikienghi eyai, bo duriwò end, bo dimy end do erendè.* Todos estes Reciprocos se fazem com o verbo, porque a pessoa que he materia do Reciproco, aqui fica sempre no nominativo, pois o significado dos verbos he causar compaixão, ser ajudado, ser aceitado.

O mesmo Reciproco verbal se usa tambem, quando, havendo dous verbos na Oração, concordão ambos com a mesma pessoa posta no nominativo, & o segundo verbo depende, & he como caso do primeiro com alguma preposição; & então este segundo se faz Reciproco. v. g. Pedro quer ser açoutado, *Sucà Però do dibysaprè.* Foy-se para o matarem, *Wicri do dipè.*

CAPITULO III

Da Syntaxe dos Verbos.

Os Verbos nesta lingua dividem-se em Substantivos, Passivos, & Neutros. Destes huns são simples,

outros compostos, huns Positivos, outros Negativos. Todos esses serão a materia deste Capitulo.

§. I.

Dos Verbos Substantivos.

Não ha nesta lingua Verbo, que propriamente signifie, & corresponda ao Verbo Substantivo, Sum; mas em lugar delle servem os mesmos nomes Adjectivos, ou Substantivos.

Tres são os significados do Verbo Sum, a saber: Ser, Estar, Ter. Para o primeiro significado de Ser, serve o mesmo nome ou Adjectivo ou Substantivo, que costuma ser o segundo Nominativo do Verbo Ser, & dos Logiços se chama Predicado, & este se poem em primeiro lugar antes do primeiro nominativo, a que os Logicos chamão Sogeito. v. g. Deos he bom, *Canghi Tupã*. Paulo he Padre, *Warè Paulo*: servindo de Verbo, Ser, no primeiro exemplo o nome Adjectivo *Canghi*, & no segundo exemplo o nome Substantivo *Warè*, os quaes ambos são Predicado da Oração. Esta regra de preceder o segundo nome que fôr Predicado, se entende se for Adjectivo, ou Substantivo absoluto sem possessivo, ou relativo. Porém se o segundo nome for Substantivo com o seu artigo do possessivo, relativo ou reciproco, ordinariamente se costuma pôr depois do primeiro nome, que he o Sogeito. v. g. Francisco he o meu nome, *Francisco hidzè*. Paulo he senhor delle, *Paulo ise*. Pedro he seu pay, *Pedro dipadzù*. Disse, ordinariamente; porque se este segundo Substantivo, que he predicado, tiver

algum genitivo depois de si, ainda que se ponha com o artigo do Relativo como se usa nesta lingua, se poem adiante do sogetto. v. g. *Isinhã Tupã Warê*, O Padre he Vigario de Deos. *Serã Tupã ro hechê*, Aquella cousa alta he a casa de Deos, idest, Igreja. Com os nomes Demonstrativos, *Urò*, *Eghy*, o segundo Substantivo, ainda que seja com Possessivo, às vezes precede, & às vezes se pospoem. v. g. Esta faca he minha, se diz : *Urò dzudzã* ; & tambem, *Dzudzã urò*.

Para o segundo significado do Verbo, Sum, que he Estar, serve nesta lingua a particula *De*, acrescentada aos nomes adjectivos, que assim fazem as vezes do verbo, Estar : ut, *Cunhide*, está frio. *Canghikiede*, está doente. E tambem basta o mesmo adjectivo sem a particula, *De*, assim : *Cunhi*, *Canghikie* : & se poem sempre antes do nome Substantivo, como se disse no verbo Ser.

Se o verbo, Estar, concorda com outro verbo, & significa estar fazendo alguma cousa, então servem os verbos *Itù*, & *Natê*, compostos com o verbo principal da acção significada : ut, *Nhuitù*, está comendo. *Sunuitù*, está dormindo. *Inhanatê*, está morrendo. Se o verbo, Estar, significa alguma cousa que estava já feita, se usa do verbo, *Nid*, composto com o verbo da acção. v. g. Estava já quebrado, *Bysanið*. Estava já nacido, *Sanið*.

Para o terceiro significado do verbo Sum, que he Ter, ou Haver, serve o verbo *Tçohò*, & pede a preposição *Mò*, ou *Amý* : ut, *Tçohò tayù hiamý*, tenho dinheiro. *Tçohò ami mo hierã*, ha mantimento em minha casa.

Os adjectivos além de fazer as vezes do verbo Ser, como disse, [tambem fazem as vezes do verbo Parecer, com a preposição *Ai*, ou *Sò*, da pessoa a quem parece: ut, *Canghi urò hiai*, Isto me parece bem. *Burè cotò sai*, Parece-lhe mal o furtar.

§. II.

Dos Verbos Passivos, & Neutros, Simples, & Compostos.

Muitos verbos nesta lingua tem a significação activa; mas porque não se podem fazer Passivos, & porque não pedem caso sem preposição, os chamamos Neutros, ou não Passivos, porque nem são Passivos, nem propriamente Activos.

Porém dos Nomes feitos verbos Substantivos, conforme as regras acima, se poderão formar Passivos, acrescentando-lhes o caso, & a preposição dos verbos Passivos, que he, *No*. v. g. o nome adjectivo *Cunhi*, heo, feito verbo Substantivo significa ser frio; o qual se fará Passivo, se acrescentarmos a preposição, *No*, do agente, & significará, ser esfriado: ut, *Do cunhi eò*, seja esfriado por ti. *Ibudnghè*, he mao: *Budngheeri no dipopò*, foi pervertido, & feito mao pelo seu irmão. *Nhò*, filho: *Inhudè*, està prenhe: *Inhucri inhà*, foy emprenhada por elle.

Assim tambem alguns verbos Neutros se podem fazer Passivos, dando a preposição propria dos Passivos, que he *Nò*, v. g. *Bapi*, estar deitado: *Do bapi eò*, seja deitado por ti. *Idiò*, entrar: *Do idiò eò*, seja feito entrar por ti.

Porém nem todos os verbos Neutros são capazes desta construção passiva, mas sómente aquelles, cuja acção significada pelo Verbo póde ser causada por outrem. Nem ainda assim se póde dizer em todo o rigor que se fazem Passivos; porque para formar o verbo Passivo, se muda a Oração, & o nome que dantes era nominativo, fica depois ablativo com a preposição *A*, vel *Ab*, que corresponde ao nosso *No*; porém no nosso caso o nominativo não se muda, & sómente se acrescenta o caso com a preposição *No*, que se póde chamar mais propriamente ablativo de causa, do que ablativo do agente do verbo Passivo.

Os verbos simples desta lingua são todos os monosyllabos: & se houvesse quem pudesse perfeitamente alcançar a força de todos os vocabulos, tenho para mim que acharia que toda a lingua consiste em vocabulos monosyllabos, que servem de raizes para formar os compostos, como na lingua Hebraea. O certo he que os mais dos Nomes, & Verbos que tem mais de duas syllabas, de ordinario são compostos. Não se póde dar regra certa para formar estes compostos; mas o exercicio, & a praxe da lingua a ensinarâ, assim para conhecer os compostos de que já usão, como para saber formar outros de novo.

§. III.

Dos Verbos Negativos.

Todos os verbos Positivos se fazem Negativos com acrescentar aos verbos huma destas duas particulas, *Dj*, ou *Kie*: ut, *Dzucd*, eu amo: *Dzucadj*, ou *Dzucakie*,

eu não amo. Não se póde dar regra gèral de quando se ha de usar huma, ou outra destas particulas; mas com o uso se aprenderá; & sómente darey humas advertencias particulares sobre isso.

O *Dý*, & o *Kie*, se usão indifferentemente no Indicativo; mas nas respostas se usa sómente *Dý*, v. g. Quereis ir? Responde: Não quero, *Widý*.

Kie, sempre he usado nos Preteritos, que sendo negativos perdem a particula, *Cri*, do Preterito. v. g. Não foy morto, *Pakie*: & não se diz, *Pacrikie*, porque então quer dizer cousa diversa, a saber: Não foy morto de todo, ou, Não forão mortos todos. Porém nas respostas do Preterito Negativo se usa *Dý*, tambem sem o *Cri*: ut *Tédý*, não veyo. Aonde se ha de notar que os verbos acabados em *Tè*, seguindo-se-lhes o *Dý*, ajuntão hum til sobre o E.

Quando precede ao verbo Negativo hum Adverbio, ou huma Preposição, he mais usado o *Kie*, do que o *Dý*. v. g. Chora o filho, porque não vé sua mãy: *Enkè inhurae, no netçokie dide inhà*. E por isso no Modo Conjunctivo se usa de *kie*, porque nesse Modo precede sempre hum Adverbio.

No futuro negativo he mais usado o *Kie*, do que o *Dý*, para não confundir o *Dý* negativo com o *Di* do futuro: mas se ao verbo se segue outro caso, ou adverbio, se poderá usar tambem o *Dý*, pois então não haverá equivocação: ut, *Didý hinhadi*, Não darey.

No Imperativo Negativo se deixa a preposição, *Do*, propria do Imperativo affirmativo; & para negar serve assim *Dý*, como *Kie*; ut, *Widý ewatçã*, Não vedes. *Dikie enadi*, Não darás. No Permissivo porém, que

retêm a preposição *Dò*, he usado o *Kie*: ut, *Do dikie end*, Não des embora. *Dopakie*, Não mates embora.

Às vezes o Imperativo Negativo se fórma sem estas particulas, ou com o verbo *Pri*, deixar; ut, *Do pri morò*, não façais assim. *Do pri ecotò*, não furtés: ou com outras particulas, que se declarão no fim deste Paragrafo.

As particulas do plural, *A*, & *De*, vam sempre pospostas às particulas negativas *Dy*, & *Kie*. v. g. *Icotodjã*, Não furtão. *Dzucakièdè*, Não amamos. O mesmo se entende da particula, *Di*, do futuro: v. g. *Ecoto-kièdi*, Não furtarás.

Os Nomes, quando servem de verbos, se fazem do mesmo modo Negativos com as mesmas particulas, *Dy*, & *Kie*: ut, *Hibodzòdy urò*, Este não he o meu machado. *Canghikiè hietçã*, Eu não estou bom.

Além destas duas particulas, que gèralmente fazem os verbos negativos, ha outras, que em algum caso particular fazem tambem o verbo negativo.

1. *Cò*, quando precede o adverbio *Inarò*: ut, *Ticri dzò marò hitecò*, Choveu, por isso não vim.

2. *Te*, quando se nega cousa que se não espera, ou se não crè: ut, *Ditè*, Não dà; qual dar; bem mal que dè.

3. *Nori-nè*, ou per aphæresim, *Ri-nè*, pondo o verbo no meyo; & serve ao Imperativo Negativo, quando se prohibe alguma cousa; & corresponde ao *Ne* Latino, adverbium vetandi: ut, *Noripanè*, Não mates, guarde não mates. *Noripanètçã*, Não me dês.

4. *No-dewò*, com o verbo tambem no meyo; & se usa, quando se nega a modo de enfadado: ut, *Nomj-dewò*, Se eu não tomey. *Nowidewò*, Se eu não fuy lá.

5. *Bò*, significando, Para que não ; & he o mesmo que no Latim, *Ne*: v. g. Eu vim para que não me açoute, *Tetçã bo hibÿsapri*.

§. IV.

Advertencias sobre os Pronomes, Modos, & Tempos dos Verbos.

Dissemos que os verbos trazem consigo compostos os artigos dos Pronomes conforme as cinco Declinaçoens. Porém não sempre se usam deste modo, mas recebem tambem o Pronome Substantivo separado: v. g. *Hibÿsapri*, Eu sou açoutado, se pôde dizer tambem, *Bÿsapri hietçã*. *Ecotò*, tu furtas, ou *Cotò ewatçã*. Porém quando o verbo concorda com a terceira pessoa, ainda que se nomee a pessoa, pede sempre o artigo da terceira pessoa: ut, *Inhadè sipà cradzò*, Por quem foy morta a vacca: aonde não sómente se declara a pessoa no nominativo, que he *Cradzò*, mas tambem o artigo da mesma terceira pessoa, que he *Si*, com o verbo. Esta Regra porém tem a sua exceção nos casos que se apontaráõ.

Todos os verbos, excepto os da quinta Declinação, de ordinario deixão o seu artigo da terceira pessoa, quando estão sós, ou no principio da Oração: ut, *Paitù cradzò no carai*, o branco està matando a vacca. *Tecri*, veyo. *Eicocri*, sarou. Mas se lhes preceder adverbio, ou preposição, sempre recebem o artigo da terceira pessoa, ainda que se nomee a mesma terceira pessoa: v. g. *Morè sipà cradzò hinhadi*, logo serà morta a vacca por mim.